UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARCIO LEITÃO BANDEIRA

PERCEPÇÃO E FANTASIA: DELINEAMENTOS A PARTIR DA
METAPSICOLOGIA FREUDIANA

SÃO PAULO

2016

MARCIO LEITÃO BANDEIRA

PERCEPÇÃO E FANTASIA: DELINEAMENTOS A PARTIR DA
METAPSICOLOGIA FREUDIANA

(Versão original)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Doutor
em Psicologia.

Área de concentração:
Psicologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho
Junior

SÃO PAULO

2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Bandeira, Marcio Leitão.

Percepção e fantasia: delineamentos a partir da metapsicologia freudiana / Marcio Leitão Bandeira; orientador Nelson Ernesto Coelho Junior. -- São Paulo, 2016.

117 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Percepção 3. Fantasias 4. Metapsicologia
5. Alucinações I. Título.

RC504

Nome: Marcio Leitão Bandeira

Título: Percepção e fantasia: delineamentos a partir da metapsicologia freudiana

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À Michele, companheira da viagem da vida.

AGRADECIMENTOS

Ao amigo, orientador e professor Nelson Ernesto Coelho Junior pela orientação conduzida na dinâmica da implicação e da reserva, um delicado equilíbrio que permitiu aos meus pensamentos a articulação adequada à empreitada desta tese.

Aos professores Paulo César de Carvalho Ribeiro e Luís Cláudio Mendonça Figueiredo pelas contribuições oferecidas na banca de Qualificação.

Aos professores Daniel Kupermann, Alexandre Maduenho e Ana Maria Loffredo por contribuírem com a minha formação em psicanálise.

Aos membros do grupo de orientação, André de Martini, Adriana Barbosa Pereira, Maria Manuela Assunção Moreno, Maria Florência Guglielmo e Eugênio Canesin Dal Molin, Vitor Carvalho, José Henrique Palumbo, Katia Cherix, Marcio Robert, Thiago Abrantes e Marina Bialer pelas discussões proveitosas nos encontros semanais.

Aos meus queridos amigos e amigas Danilo Salles Faizibaioff, Davi Mamblona, Lucas Bullara Martins da Silva, Lucas Gordon, Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira, Pedro Lagatta, Vanessa Passareli, Victor Barão, Alan Osmo, Flávio Bocarde, Rogério de Assis Rodrigues, Eduardo De Carli, Matheus Espíndola, Marcelo Barbosa, Lucas Barão, Dario de Negreiros, Uvanderison, Ives Arnone, Julia Catani, Flavia Steuer, Paulo Emílio Pessoa Cabral, Yuri Ferreira Moriyama, Mariana Fontoura Terra Bento, Christian Campos de Oliveira Haritçalde, Arnaldo Janiak Junior, Christian Rauh, Andreas Rauh, Fabiano Junqueira, Marco Aurélio Junqueira e Daniel Pereira Leite por terem compartilhado momentos únicos e significativos desde que nos conhecemos.

À Michele Gouveia por vivermos juntos.

À minha família, Ana Elisa Leitão Bandeira, Irajá Newton Bandeira e Claudio Leitão Bandeira pelo apoio essencial a minha escolha profissional.

À Sônia Maria Caetano de Souza pela inestimável ajuda durante o curso de doutorado.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pela concessão da bolsa de doutorado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

O desconhecível faz inevitavelmente parte do psiquismo. Origina-se tanto no problema das percepções estritamente dependentes dos órgãos dos sentidos e de seus limites, quanto no problema do pensamento. No início, desprovido da qualidade de consciência, o pensamento deve se transformar em pensamento pré-consciente para adquirir essa qualidade, o que exige sua passagem pelas representações de palavras e seus restos perceptivos, sobretudo auditivos. O drama do pensamento é que, para chegar à qualidade consciência, ele é submetido ao duplo diktat dos órgãos dos sentidos e do desvio obrigatório por qualidades perceptivas capazes de despertar a consciência; entre engodo e transformação, o desconhecível se perpetua. O 'umbigo do sonho' é revelador disso. O domínio do representável é uma grosseira redução do vasto domínio do desconhecível. O problema passou então daquele do conhecimento de um exterior absoluto e inatingível àquele do conhecimento da capacidade do aparelho psíquico e de seu grau de confiabilidade para refletir, por intermédio da representação e da qualidade consciente, algo desse desconhecível. O estudo do pensamento, principalmente em seu vínculo com a percepção, tornou-se um desafio fundamental para a psicanálise e para a ciência¹.

¹ Botella e Botella, 2002, p. 144.

Bandeira, M. L. (2016). *Percepção e fantasia: delineamentos a partir da metapsicologia freudiana*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O estudo da percepção em psicanálise, visando à exploração de sua dimensão psíquica a partir do delineamento de relações com o conceito de fantasia, foi o objetivo principal desta tese. A percepção tem a sua importância quando é entendida como mediadora da relação entre o Eu e a realidade externa, mas ganha mais relevância quando se leva em consideração o seu papel mediador entre o Eu e a realidade interna ou psíquica. O conceito de fantasia, ancorado na metapsicologia freudiana, enriqueceu a nossa investigação da percepção em suas modalidades psíquicas, elencadas nas seguintes noções: percepção consciente, percepção interna, percepção endopsíquica e percepção inconsciente. O modo como decidimos levar a cabo tal empreitada iniciou-se com as circunscrições da noção de percepção e do conceito de fantasia, cujo trabalho com cada um deles desdobrou-se através de trilhas temáticas que os ligaram a outros conceitos, tais como inconsciente, desejo, representação, sintoma e aparelho psíquico. Essa primeira parte está presente nos Capítulos 1 e 2, correspondendo à nossa rede de associações, sendo que foi a partir dela que produzimos dois estudos aprofundados das relações entre percepção e fantasia, dessa vez tomando os fenômenos dos sonhos e das alucinações como objetos de estudo. Essas articulações teóricas estão presentes nos Capítulos 3 e 4, respectivamente. Por fim, como resultados desta tese, podemos apontar: (i) mapeamento de um campo conceitual para a elaboração de uma metapsicologia da percepção inconsciente; (ii) novos passos na circunscrição das modalidades da percepção, em especial, o desenvolvimento em torno da noção de percepção endopsíquica; (iii) um aprofundamento teórico das modalidades da alucinação, nas suas formas positiva e negativa; (iv) o reconhecimento de quatro tipos de relações entre a percepção e a fantasia, denominadas assim: relação de tipo genética, relação de tipo configuracional, relação de tipo de interferência e relação de tipo defensiva. Adicionalmente, nas Considerações Finais tivemos a oportunidade de indicar alguns temas relacionados à nossa pesquisa, mas que não pudemos aprofundar ao longo dela.

Palavras-chave: Psicanálise; Percepção; Fantasia; Metapsicologia; Alucinação

Bandeira, M. L. (2016). Perception and phantasy: outlines based on Freudian metapsychology. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo

This thesis' main objective is the study of perception in Psychoanalysis aiming to explore its psychic dimension from outlining its relations with the concept of phantasy. Perception has its importance when understood as mediator of the relation between the Ego and the external reality, but becomes more relevant when its role as mediator between the Ego and the internal or psychic reality is taken into account. The concept of phantasy (grounded on Freudian metapsychology) enriched our research on perception in its psychic modalities, which are: conscious perception, internal perception, endopsychic perception and unconscious perception. We decided to begin such endeavor circumscribing the notion of perception and the concept of phantasy. The work with each one of them unfolded through thematic trails that connected them to other concepts, such as unconscious, desire, representation, symptom and psychic apparatus. This first part is found on Chapters 1 and 2 and matches our network of associations, based on which we produced two in-depth studies about the relations between perception and phantasy, this time taking as object of study the phenomena of dreams and hallucinations. These theoretical articulations are present respectively in Chapters 3 and 4. At last we present as results of this Thesis: (i) the mapping of a conceptual field to the elaboration of unconscious perception's metapsychology; (ii) new steps into the circumscribing of modalities of perception, specially the development around the notion of endopsychic perception; (iii) a theoretical deepening of hallucinations modalities, in both its positive and negative forms; (iv) the acknowledgement of four types of relations between perception and phantasy, denominated as: genetic, configurational, interference and defensive. Additionally, in our Final Considerations we point out some subjects related to our research but during which we had no time to deepen.

Keywords: Psychoanalysis; Perception; Phantasy; Metapsychology; Hallucination

Sumário

Introdução	10
1. As trilhas das percepções em Freud	16
1.1 Aparelho psíquico e sistema perceptivo	17
1.2 Percepção e representação	25
1.3 Percepção e inconsciente	32
2. As trilhas da fantasia em Freud	48
2.1 Fantasia e desejo	48
2.2 Fantasia e sintoma.....	54
2.3 Fantasia e representação	65
3. Sonhos: pensamentos, fantasias e percepções.....	69
4. Percepção e fantasia nas modalidades da alucinação	89
4.1 Alucinação negativa.....	96
4.2 Alucinações: normal, neurótica e psicótica	99
Considerações Finais	109
Referências	121

Introdução

Esta tese reúne de um modo articulado um conjunto de ideias sobre a percepção em psicanálise e, especialmente, sobre as relações que podem ser estabelecidas entre a noção de percepção e o conceito de fantasia, tendo como ponto de partida a metapsicologia freudiana. Sobre a percepção em psicanálise, já foi pontuado, por alguns autores, que os esforços em estudá-la ficaram aquém do que os empreendidos com outros conceitos, sendo que o conceito de fantasia pode ser considerado um desses que recebeu maior desenvolvimento. A noção de percepção não permaneceu a mesma ao longo do pensamento freudiano, de modo que seria possível traçar uma rede de ideias que buscaria contar o movimento que a percepção seguiu nos escritos de Freud. Em parte, entendemos que esta tese tem por objetivo ser mais uma voz que se soma às demais que tentaram contar esse movimento.

O interesse de Freud pela percepção e pelas suas relações com a consciência e com o inconsciente está presente em vários de seus textos. De um ponto de vista panorâmico, diríamos que a distribuição desse interesse pela percepção acentuou-se tanto nos escritos de Freud iniciais quanto nos finais. De um lado, tanto nas cartas enviadas a Fliess – especialmente no material intitulado “Projeto para uma Psicologia” (1895) –, quanto no livro “A interpretação dos sonhos” (1900), é possível encontrar ideias que utilizam ou abordam a percepção. De outro, seja no texto chave para a introdução da segunda tópica, “O Eu e o Id” (1923), seja em alguns textos de 1925, especialmente “A negação” e “Nota sobre o ‘Bloco Mágico’”, seja, ainda, no texto “O fetichismo” (1927), ou numa carta escrita em 1936, intitulada “Um distúrbio de memória na Acrópole”; em cada um destes é possível encontrar uma série de ideias que abordam e remodelam a noção de percepção. Deixando de lado essa visão panorâmica, vale dizer que certos textos de Freud, ao longo de toda a sua produção, incluem de um modo ou de outro alguma articulação com a percepção. Por exemplo, no caso clínico do “Homem dos ratos” (1909), nos artigos metapsicológicos (1914-17) e no livro “Além do princípio do prazer” (1919), podemos observar notas sobre a percepção. Esta tese, ao longo de seus capítulos, busca destacar algumas das ideias de Freud sobre a percepção, além de mostrar as mudanças que ocorreram com a noção.

Ainda sobre o lugar desta tese, gostaríamos de retomar três pontos sobre o estudo da percepção em psicanálise. O primeiro deles advém do prefácio (*avant propos*) de um número da Revista Francesa de Psicanálise, dedicado exclusivamente à percepção, publicado em 1995.

As ideias contidas ali reforçam o que dissemos sobre o lugar marginal que a percepção vinha ocupando no conjunto das pesquisas psicanalíticas. Vejamos um trecho, pois reconhecemos nele um convite para novos estudos da percepção e, de certa forma, esta tese representa nosso modo de aquiescência a tal proposta.

Ao inconsciente Freud opõe o sistema percepção-consciência, oposição pertinente de dois polos que se definem um em relação ao outro. No entanto, na maior parte do tempo a psicanálise deixou tanto a consciência quanto a percepção fora de seu campo de reflexão.

Porque o inconsciente especifica a psicanálise, porque a fantasia inconsciente é seu objeto de estudo de eleição, porque a pulsão e o universo representativo estão no centro do trabalho clínico do psicanalista, a percepção foi abandonada indefesa aos psicólogos, o estudo da consciência e suas dissoluções foi abandonado aos psiquiatras. Que se trate de desdém ou de sacrifício contrafóbico, esta afirmação de identidade que se apoia sobre uma também bela indiferença não deve deixar pensar que um tipo de rompimento epistemológico colocaria a percepção e os fenômenos conscientes fora do domínio da psicanálise (p.333).

O segundo ponto que gostaríamos de frisar foi formulado por Green (2010). Entendemos que a hipótese dele sobre o porquê do reduzido interesse pelo estudo da percepção em psicanálise se baseia nas construções teóricas de Freud, em especial, numa formulação que a princípio parecia compor uma base sólida de onde partir e que, depois, apresentou uma ou outra rachadura. A ideia principal está numa pressuposição de Breuer e que Freud parece ter aderido ao longo de toda a sua obra, a saber: “[...] atribuímos a influência permanente, devido à excitação, a uma classe de neurônios [memória] e, por outro lado, a inalterabilidade, isto é, o frescor diante de novas excitações, a uma outra [percepção]” (Freud, 1895/2003, p. 178-179). A percepção e a memória, de um certo ponto de vista dos seus funcionamentos, opõem-se uma à outra; para a primeira, considera-se que as superfícies de recepção perceptiva dos órgãos sensoriais precisam estar sempre disponíveis para novas percepções (permeabilidade); para a segunda, considera-se a necessidade de uma modificação estrutural que garanta uma espécie de marca ou de inscrição (impermeabilidade). O argumento de Green (2010) se coloca a partir da exposição de uma contradição a respeito desta oposição: se Freud (1925) afirmou que as representações, matéria mesma da memória, derivam de percepções, então, como acomodar esta relação genética ao lado da proposição que versa sobre uma oposição entre percepção e memória?

A relação da percepção com a consciência também mereceu a atenção de Green (2010), em especial, por considerá-la mais complexa do que poderia parecer à primeira vista. Green retomou alguns textos de Freud, nos quais é possível encontrar alguns apontamentos sobre a

relação entre a percepção e o inconsciente, por exemplo, nos artigos “Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão” (1910) e “Pulsões e destinos da pulsão” (1915), para mostrar uma das maneiras que Freud articulou tal relação, neste caso, por meio da noção da *pulsão de ver*. Nas palavras de Green (2010b), “como conciliar a ideia da receptividade, sempre pronta a recolher novos dados para ligá-los à consciência, e a existência de uma pulsão de ver [...]?” (p. 218).

O terceiro ponto que destacamos sobre o estudo da percepção encontra-se nas ideias de um casal de psicanalistas, cuja produção teórica nos inspirou bastante nesta tese, o casal Botella. Eles também se dedicaram a tal estudo e o ponto que gostaríamos de ressaltar diz respeito ao caminho que eles seguiram até chegar à valorização da percepção. O campo de estudos do casal visa à elaboração de uma metapsicologia que torne possível a transposição da dimensão representacional. O casal elegeu a noção de irrepresentável entre os objetos de seus estudos. Brevemente, eles partem de uma concepção de trauma infantil que considera a noção de não-representação, um modo particular de inscrição de acontecimentos. Indicamos a seguinte passagem que eles propuseram a este respeito:

É isso a não-representação que, mesmo originando-se em um acontecimento real, não foi no entanto percebida, representada ou ainda recalcada, que não passou pelos órgãos dos sentidos. É a marca de um desconhecível, de um conhecimento sem acesso possível à consciência pela via habitual (Botella & Botella, 2003, p. 147).

A partir desse argumento, o casal evoca outra relação importante ligada à percepção, a saber, a relação entre a percepção e o conhecimento. Se, antes, era possível traçar um arco de sentido entre as noções de percepção – representação – conhecimento, então, a partir do reconhecimento da não-representação e da hipótese de que essa marca é em si uma espécie de conhecimento, o arco traçado precisaria ser repensado. Para o casal, “o problema do conhecimento, aquele de saber quais são as articulações entre o observador e o observado, entre o dentro e o fora, remete à busca das leis que organizam as relações entre percepção e representação” (2003, p. 147), decorrendo disso a necessidade de o problema do conhecimento passar pelo estudo da percepção. Por fim, eles buscam compreender aquela marca da ausência do estudo da percepção em trabalhos metapsicológicos ao indicar que a dificuldade de tais empreendimentos se encontra na própria noção de percepção, pois eles a entendem como “situada nos limites da teoria analítica: os do psique-soma, os do psique-mundo externo” (Botella & Botella, 2003, p. 147)

Gostaríamos de adicionar uma quarta situação a essas três apresentadas, pois a partir dela tomaremos um novo rumo. Dissemos acima que a noção de percepção não permaneceu a mesma no pensamento de Freud, ou seja, desde as ideias iniciais a seu respeito, que compunham o embasamento do “Projeto para uma Psicologia” (1895), até os seus últimos escritos, por exemplo, “Compêndio de psicanálise” (1940), ela passou por transformações. Green (2010) notou este movimento da percepção e buscou acompanhá-lo, pois tinha como objetivo “mostrar as correções sucessivas que se impuseram a Freud a propósito das ideias que ele havia atribuído à origem da percepção como garantia de uma relação confiável com a realidade” (p. 218). Dessa forma, se ele partiu de uma concepção da percepção inspirada numa tradição empírica, já em um dos seus últimos escritos, encontramos a seguinte afirmação: “a equiparação percepção – realidade (mundo exterior) se tornou inválida” (1940/2014, p. 73). O destaque aqui fica para a relação entre percepção e realidade externa. Se antes ela foi pressuposta como direta, ao longo do percurso de Freud, a hipótese da relação indireta se mostrou mais convidativa. Esta tese buscou embasar suas ideias a partir desse ponto de vista.

Sobre a percepção, retomando o caminho que fizemos rapidamente nesta Introdução, partimos de uma relação entre percepção-consciência, passamos pela relação entre percepção-representação, seguimos para uma relação entre percepção-conhecimento e chegamos a uma relação entre percepção-realidade externa. Agora, vejamos que não estamos, a partir dessas relações, tão distante de onde se encontra o berço do conceito de fantasia. Para tanto, vamos partir da relação entre percepção-realidade externa, pois a encontramos sendo utilizada na própria definição do conceito de fantasia no “Vocabulário de Psicanálise”: “os termos fantasias, fantasístico não podem deixar de evocar a oposição entre imaginação e realidade (percepção)” (Laplanche & Pontalis, 1995, p. 169). Atentemos ao trecho “*realidade (percepção)*”, no qual salta aos olhos a relação entre os termos e, devido à disposição gráfica deles, seria possível chegar a uma interpretação que vai de encontro à primeira concepção freudiana da percepção, aquela que aponta para uma conexão direta entre percepção e realidade, ou seja, para uma relação sem mediações. Entretanto, a definição do conceito de fantasia continua, e para nosso argumento é muito importante que acompanhemos o restante:

Os termos fantasias, fantasístico não podem deixar de evocar a oposição entre imaginação e realidade (percepção). *Se fizermos desta oposição uma referência principal da psicanálise, seremos levados a definir a fantasia como uma produção puramente ilusória que não resistiria a uma apreensão correta do real* (Laplanche & Pontalis, 1995, p. 169, grifo nosso).

É amplamente conhecido o esforço de Freud para não fazer do seu conceito de fantasia “uma produção puramente ilusória”, afinal, sobre este ponto ele buscou igualar o poder causal

da fantasia inconsciente na etiologia neurótica com o poder dos estímulos externos. O que está em jogo aqui ficou conhecido como o movimento de Freud em abandonar a sua primeira teoria sobre a neurose, a teoria da sedução. Sucintamente, o abuso sexual na infância seria uma experiência concreta, fonte de percepções e de inscrições singulares no aparelho psíquico, cujas caracterizações como traumáticas apenas ocorreriam em um segundo tempo. Entretanto, Freud chegou à proposição de que não seria necessária a marca dessa experiência concreta do abuso, pois bastaria que uma fantasia de sedução fosse encenada inconscientemente. Vale retomarmos a famosa passagem de Freud que arremata esse ponto: “Se não se apresentam dotadas de realidade material, essas fantasias revelam realidade psíquica, e pouco a pouco aprendemos que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a decisiva” (Freud, 1917/2014, p. 489-90).

Neste breve percurso do binômio percepção-realidade, chegamos a uma relação entre fantasia e realidade, o que nos deixa a um passo de possíveis relações entre percepção e fantasia. Reconhecemos que iniciamos aqui uma espécie de composição de uma rede de associações entre conceitos e noções, cujo resultado permitiu que partíssemos para novos rumos na exploração das relações entre percepção e fantasia. Esta tese buscou seguir alguns desses rumos.

Na metapsicologia de Freud, encontramos uma série de ocasiões (ou de indícios) a partir dos quais pudemos estudar as relações entre os conceitos de apreço desta tese. Entre essas ocasiões, abordamos, por exemplo, a rede conceitual que trata do sonho, da alucinação, do ato falho e do fetichismo. A estratégia que optamos para reunir e apresentar o conjunto de ideias que articulamos, a partir dessas ocasiões, se desdobrou nas seguintes táticas: primeiro trabalhamos com a noção de percepção, tanto no sentido de sua circunscrição teórica, quanto no sentido de colocar em evidência os pontos de contato com o conceito de fantasia; depois trabalhamos com o conceito de fantasia na obra de Freud, tendo em vista tanto retomar os pontos principais de sua definição, quanto apontar os possíveis encontros com a percepção. O primeiro passo, o estudo da percepção, encontra-se no Capítulo 1, intitulado “As trilhas das percepções em Freud”. O segundo passo, o estudo da fantasia, encontra-se no Capítulo 2, intitulado “As trilhas da fantasia em Freud”.

Ainda sobre o modo como organizamos os dois primeiros capítulos, vale dizer que optamos por dividir a nossa abordagem da percepção e da fantasia por meio de relações que cada uma delas estabelece com outros conceitos, pois entendemos que um trabalho que vise descrever um conceito precisa estar ancorado a outros conceitos que lhe dizem respeito. Dessa forma, propomos trilhas e caminhos que, algumas vezes, permitiram inter cruzamentos que aproveitamos para organizar nossa rede de associações. As trilhas para a percepção ficaram

assim determinadas: *Aparelho Psíquico e sistema perceptivo*; *Percepção e representação*; *Percepção e inconsciente*. Para a fantasia ficaram assim: *Fantasia e desejo*; *Fantasia e sintoma*; *Fantasia e representação*.

Percebe-se que a seleção dos conceitos para a composição das trilhas também permite outros campos associativos, por exemplo, entre percepção e desejo. A este respeito, mesmo sabendo que não se trata de um argumento, mas certamente de uma pista, lembramos que a palavra percepção aparece seis vezes no parágrafo que contém a famosa definição de desejo no livro “A interpretação dos sonhos” (1900). Vale citar, apenas para ilustrar, esta passagem: “o reaparecimento da percepção é a realização do desejo” (Freud, 1900/2013, p. 594). Outro rumo que seguimos se desdobra no par percepção-sintoma, tanto por meio da alucinação positiva, quanto a partir de certas influências na função perceptiva, como atesta o fenômeno da cegueira histórica. A inter-relação entre os conceitos que selecionamos compõe uma segunda fonte para a nossa composição da rede de associações.

Após a confecção da rede, seguimos para dois estudos das relações entre percepção e fantasia, de modo mais aprofundado, elegendo os sonhos e as alucinações como objetos de estudo. Os resultados dessas pesquisas se encontram, respectivamente, no Capítulo 3, intitulado “Sonhos: pensamentos, fantasias e percepções”, e no Capítulo 4, intitulado “Percepção e fantasia nas modalidades da alucinação”.

Por fim, a proposta das trilhas, além da função de ajudar na organização da pesquisa e na apresentação das ideias, também significa, de nossa parte, um convite ao(à) leitor(a) para nos acompanhar, ou melhor, para juntos seguirmos, passo a passo, pelo conjunto de pensamentos articulados e expostos nesta tese. Ressaltamos que com o uso das trilhas, também pretendemos prevenir aqueles que estão se dispondo a esta empreitada que passaremos por caminhos ora conhecidos e demarcados, ora sinuosos e indefinidos, ou com poucas demarcações; teremos a oportunidade de seguir por veredas que se abrem frente a bifurcações ao longo de nossas trilhas, cujos trajetos propiciam novas paisagens, das quais buscaremos tirar proveito para enriquecer o conjunto de nossas ideias. O convite para este percurso está feito, as próximas páginas correspondem à sua realização.

1. As trilhas das percepções em Freud

Na literatura psicológica e filosófica, a percepção é considerada ora como uma função, ora como o ato através do qual se exerce essa função, ou, ainda, como resultado, isto é, um conteúdo. Em psicanálise, isso se complica ainda mais, pois em Freud, ainda que inegavelmente se encontre uma tendência geral à sua redução a uma função elementar, a uma unidade não-complexa, a noção é ao mesmo tempo utilizada com outras acepções: autopercepção ou percepção endopsíquica ou ainda percepção interna; ele concebe até mesmo um sistema de percepção próprio ao id.²

Este capítulo está dividido em três seções, sendo que cada uma delas foi elaborada segundo a ideia de *percorrer uma trilha*, uma espécie de caminho irregular, cujas ramificações produziram uma rede associativa entre os conceitos de interesse. A seleção dos temas principais e os caminhos percorridos nas trilhas permitiram a apreensão do domínio desta pesquisa a partir de várias entradas – “um roteiro de múltiplas entradas”³. Pode-se dizer que o domínio, tal como um mapa, ficou cheio de bifurcações e cruzamentos que possibilitaram outras interconexões. Em outras palavras, esse arranjo metodológico visou à produção de uma trama associativa sobre nosso domínio de pesquisa, a partir da qual estudamos as relações entre percepção e fantasia. As trilhas da percepção foram esquematizadas da seguinte forma:

1.1 Aparelho Psíquico e sistema perceptivo: nesta trilha, discutimos os modelos de aparelho psíquico, inclusive o pré-psicanalítico do Projeto, e as posições atribuídas ao sistema perceptivo, buscando destacar os motivos e as consequências das alterações propostas para o conceito de percepção.

1.2 Percepção e representação: nesta trilha, apresentamos o conceito de representação, analisamos a sua participação e importância na teoria freudiana buscando considerar os lugares psíquicos que pode frequentar, as dinâmicas e as transformações às quais está sujeito. Acabamos, desse modo, por tecer considerações metapsicológicas sobre a representação, estudando a sua relação com a percepção e também retomando a sua participação no fenômeno do fetichismo.

² Botella e Botella, 2002, p. 147.

³ Cf. o livro “Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia” (Laplanche & Pontalis, 1990), em especial, o capítulo intitulado “Um roteiro de múltiplas entradas”.

1.3 Percepção e inconsciente: nesta trilha apresentamos as relações entre os polos percepção e inconsciente na obra de Freud, e estudamos as concepções do autor de percepção inconsciente, percepção endopsíquica e percepção interna.

1.1 Aparelho psíquico e sistema perceptivo

O que a evolução do pensamento de Freud nos fazia pressentir torna-se claro agora: para estudar a percepção e a consciência, assim como os vínculos profundos entre percepção e representação, não podemos mais continuar a limitar rigorosamente nosso pensamento à concepção clássica do aparelho psíquico e aos pontos de vista habituais da metapsicologia.⁴

Vamos nos embrenhar nesta trilha *Aparelho psíquico e sistema perceptivo*, pois entendemos que o seu percurso possibilita a apreensão da ideia de que, na psicanálise, o conceito de percepção abarca um território (âmbito) maior do que a função perceptiva consciente. A nosso ver, a primeira constatação dessa ideia está na consideração da percepção como um sistema do aparelho psíquico que inclui a percepção consciente entre seus expedientes. O argumento ganhará maior clareza à medida que abordarmos outras ideias que apontam na mesma direção.

Começemos com o que denominamos de *problemática topológica da percepção*. Para introduzi-la, precisamos reunir o conjunto de modelos de aparelho psíquico elaborados ou pensados por Freud:

- a) O modelo desenvolvido no “Projeto de uma psicologia”⁵ (1895);
- b) A mudança sugerida a este modelo presente na carta 39 (1896);
- c) O modelo da carta 52 (1896);
- d) O modelo publicado no livro “A interpretação dos sonhos”⁶ (1900);
- e) A modificação proposta no artigo metapsicológico “Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos”⁷ (1917);
- f) A mudança que apareceu no livro “O Eu e o Id” (1923);

⁴ Botella e Botella, 2002, p. 149.

⁵ De agora em diante, vamos nos referir a esse texto por “Projeto...” (1895).

⁶ Em alguns momentos do texto, nos referimos a esse livro como ‘livro dos sonhos’.

⁷ De agora em diante, vamos nos referir a esse texto por “Complemento...” (1917).

Esta problemática se apresenta, a nosso ver, nas dificuldades que Freud enfrentou nas suas tentativas de arranjar topologicamente a percepção e a consciência entre os demais sistemas que compõem os modelos. No texto do “Projeto...” (1895), a percepção depende dos três sistemas de neurônios, sendo que dois deles, ϕ e ω , estão ligados diretamente com a função perceptiva. Uma apresentação sucinta desses sistemas é conveniente para a nossa discussão.

No “Projeto...” (1895), após a introdução dos princípios de inércia e de constância, Freud, para apresentar os sistemas, começou seus argumentos por meio de uma discussão que opôs a percepção à memória, em especial quanto à propriedade de um determinado conjunto de neurônios ser permeável ou impermeável à quantidade de energia que neles circula. Este assunto recebe maior tratamento na trilha *Percepção e representação*, mas cabe dizer que a percepção se liga à permeabilidade, no sentido de uma renovação constante da disposição para novas percepções; a memória se liga com a impermeabilidade, ou seja, com a manutenção das facilitações produzidas entre certos neurônios, cuja denominação foi ψ . O conjunto de neurônios “servindo à percepção” foi nomeado de ϕ . Outra diferença importante quanto a esses dois sistemas é que a percepção está voltada para fora do organismo, para a realidade externa, enquanto que a memória está voltada para dentro, para a realidade interna. Vale apontar que cada um desses conjuntos de neurônios dá ensejo a uma série funcional, de modo que uma parte do “Projeto...” (1895) pode ser lida como que arquitetada a partir dessas séries. A primeira série funcional apresenta-se assim: estímulo externo – sistema ϕ – princípio de inércia – função primária (processo primário); a segunda assim: o estímulo interno – sistema ψ – princípio de constância – função secundária (processo secundário).

Freud introduziu o terceiro conjunto de neurônios na arquitetura de seus sistemas relacionando-o à consciência, cuja denominação foi ω . Esse sistema seria “estimulado junto com a percepção [...], cujos estados de excitação dariam como resultado as diferentes qualidades, ou seja, seriam as sensações conscientes” (1895/2003, pp. 187-188). Para o assunto da problemática que estamos abordando, o ato perceptivo dependeria, essencialmente, de ϕ e ω , sendo que a consciência ocorreria em ω . É possível apreender dessa montagem que a percepção, ao contrário da consciência, não ficou a cargo de um sistema exclusivo.

Chegamos dessa forma na esquematização do modelo do Projeto. É preciso supor que a direção da excitação no aparelho pode seguir por dois sentidos, tanto o progressivo, por exemplo, aquele pelo qual ocorre uma percepção, quanto o regressivo, aquele que leva à alucinação ou ao sonho. O modelo elaborado no “Projeto...” (1895) está montado desta forma:

Realidade externa – ϕ – ψ – ω .

Visto que ϕ está voltado para fora, a primeira consequência que podemos tirar desse esquema é que o sistema consciência (ω) está afastado da realidade externa, sendo preciso determinar qual tipo de relação que se estabelece entre ϕ e ω . A relação de que se trata aqui corresponde à questão de como a quantidade de excitação se transforma em qualidade dentro do aparelho psíquico. Freud buscou solucionar essa passagem a partir da dimensão temporal. Ele adotou a hipótese de que a característica qualitativa estava representada pelo *período* do movimento neuronal. O arranjo ficou assim: “A característica qualitativa dos estímulos prossegue agora sem impedimento de ϕ por ψ até ω , onde produz sensação; ela é representada por um período peculiar do movimento neurônico que certamente não é o mesmo do estímulo [...]” (Freud, 1895/2003, p. 192).

Após essa excursão por algumas ideias iniciais do “Projeto...” (1895), podemos retomar a problemática topológica da percepção. Vimos que, no modelo neuronal, os dois sistemas que atuam diretamente na percepção estão nos extremos do aparelho. Na carta 39, na qual Freud buscou seguir uma sugestão de Fliess, encontra-se uma tentativa de trocar a posição de ω com a de ψ , deixando o esquema assim:

Realidade externa – ϕ – ω – ψ .

A impressão é a de que o funcionamento da percepção continuaria demandando a colaboração do conjunto dos três neurônios, o que manteria a percepção em um âmbito maior do que a consciência. Esta, por sua vez, permanece com um sistema exclusivo. A participação do sistema ψ na percepção, segundo o desenvolvimento teórico da carta, parece ser menor do que no “Projeto...” (1895). E, ainda, os neurônios ϕ transfeririam as suas qualidades para os neurônios ω , sendo que estes não transfeririam nada para os neurônios ψ , porém, exerceriam sobre eles um efeito de excitação. Lembremos que, na dinâmica da excitação no modelo do “Projeto...” (1895), é o sistema ψ que induz a excitação em ω , por exemplo, por meio da série prazer-desprazer.

Voltando-nos para a carta 52 (1896), encontramos o modelo de aparelho psíquico disposto desta maneira:

Realidade externa – Percepção – Signo de percepção – Inconsciente – Pré-consciente – Consciente.

O primeiro ponto que se destaca para a problemática é que a percepção passa a ser alocada em um sistema exclusivo. A posição do sistema responsável pela consciência

permanece no lado oposto ao da realidade externa. Esta é a mesma situação em que se encontra o modelo do livro “A interpretação dos sonhos” (1900), expresso assim:

Realidade externa – Percepção – Sistemas mnêmicos :: Inconsciente – Pré-consciente – Consciente.

Esse modelo de aparelho psíquico não teve como base os sistemas de neurônios do “Projeto...” (1895), pois os esforços de Freud em mostrar que a base desse aparelho é afetivo-representacional se encontram em algumas passagens do livro dos sonhos. A maioria delas contempla o desenvolvimento da ideia de lugar psíquico. Este conceito mereceu atenção especial de nossa parte no capítulo 3, pois em sua elaboração Freud partiu da hipótese de que a cena onírica deveria ser distinta da cena na qual se desenrola a vida representacional de vigília. Ele derivou dessa hipótese a ideia de que o acontecer onírico (o alucinar e o experimentar) demandaria um espaço específico, denominando-o de psíquico. O nosso interesse no conceito vem do reconhecimento de que a cena onírica é um campo heterogêneo, concepção que torna possível o encontro da fantasia com a percepção⁸.

No modelo do livro dos sonhos, a percepção e a consciência aparecem nitidamente separadas, cada qual com seu sistema dedicado (exclusivo). Essa montagem permaneceu assim até a publicação dos artigos metapsicológicos, em especial, do artigo “Complemento...” (1917). A alteração que Freud propôs foi a seguinte: “tal sistema, lá [livro dos sonhos] denominado de *P*, nós o faremos coincidir com o sistema *Cs*, de cujo trabalho depende habitualmente a passagem para a consciência” (1917/2010, p. 165). Vale dizer que tal proposta foi incluída no livro dos sonhos, em 1919, por meio de uma nota de rodapé, cujo conteúdo é este que segue: “O aperfeiçoamento posterior desse *esquema desenrolado de maneira linear* precisará contar com a hipótese de que o sistema que se segue ao *Pcs* é aquele ao qual precisamos atribuir a consciência, ou seja, que $P=Cs$ ” (Freud, 1900/2013, p. 569, grifo nosso).

Antes de apresentarmos o nosso ponto de vista sobre o que entender dessa mudança no aparelho psíquico do livro “A interpretação dos sonhos” (1900), e buscando percorrer uma ramificação importante, vamos apresentar a análise levada a cabo pelo casal Botella (2002) a respeito desse mesmo assunto.

O conjunto teórico do qual eles partem é complexo, entretanto, é possível destacar alguns componentes essenciais à visão deles. Começemos pelo interesse central dos autores:

⁸ Entendemos que tanto os motivos quanto as consequências da passagem do modelo do Projeto para o modelo do livro dos sonhos não se esgotam nesse parágrafo. Vale mencionar, também, que estamos cientes da passagem do neurônio para a representação que ocorre nesse movimento teórico.

refletir sobre o trauma psíquico precoce na sua não-representação no aparelho psíquico e nos seus efeitos na situação clínica, em especial, no funcionamento psíquico do analista. A frase de abertura do livro que estamos nos apoiando é significativa desse objetivo: “Interessa-nos essencialmente o valor econômico e dinâmico da figurabilidade do analista, a ‘força sensorial’ da imagem e sua utilização no tratamento” (Botella & Botella, 2002, p. 26). Em vista do trabalho de figurabilidade do analista, as noções de *reverie* e de *flash* ganharam destaque na argumentação do casal e ajudam a compreender os processos que eles destacaram do funcionamento do analista. Numa palavra, o objeto de interesse dos autores é a *regressão formal do pensamento*⁹ do analista. Fugiríamos muito de nosso foco se fôssemos resgatar as demais ideias do casal no livro, mas entendemos ser importante elencar mais algumas antes de chegar ao nosso ponto de interesse.

O argumento deles é que o modelo de aparelho psíquico na forma P-Ics-Pcs-Cs (Percepção–Inconsciente–Pré-consciente–Consciente)¹⁰ não contempla a possibilidade da regressão formal do pensamento. A interpretação dos autores sobre a alteração proposta por Freud, no texto “Complemento...” (1917), para o modelo de aparelho psíquico aparece no seguinte formato: Ics-Pcs-P. Os Botella retiraram o polo perceptivo que ficava adjacente ao Ics e o alocaram no lugar de Cs, embasando essa troca na equação $P = Cs$. Entendemos que dois elementos essenciais ocupam o pano de fundo desse desenvolvimento teórico conduzido pelo casal. Primeiro, eles se alinham à concepção de consciência que Freud definiu no livro dos sonhos “como ‘órgão de sentido que permite perceber as qualidades psíquicas’” (Botella & Botella, 2002, p. 147). Os autores reforçam que, enquanto órgão, a consciência permaneceu unida à percepção ao longo de quase toda a obra de Freud, sendo o “sistema composto P-Cs” (p. 148) um ótimo exemplo. Inclusive, entre os motivos da mudança que estamos analisando, eles apontam o modelo de aparelho psíquico do livro dos sonhos, com seus dois extremos, a Percepção e a Consciência, como insatisfatório, pois deixa de lado a concepção de consciência que o próprio Freud desenvolveu no livro.

⁹ Cf. a seguinte passagem: “[...] em certas circunstâncias e momentaneamente, o psiquismo do analista abandona a atenção flutuante ou, melhor dizendo, esta o conduz aos limites das associações das representações e chega a um quase-alucinatório, mais frequentemente sob a forma de imagem visual, outras vezes de palavras, emergindo da abordagem, da apreensão de uma zona de não-representação do paciente. O pensamento quase-alucinatório representa uma ferramenta indispensável para o analista, para abordar determinados tipos de traumas infantis que têm a impressionante particularidade de nunca ter tido acesso à qualidade de representação” (Botella & Botella, 2002, p. 135).

¹⁰ É o modelo de aparelho psíquico do livro dos sonhos.

O segundo elemento essencial encontra-se na ideia de que outro motivo que teria levado Freud a operar tal mudança decorreu do trabalho teórico sobre o funcionamento da neurose traumática. Haveria a necessidade de se conceber uma outra via que não aquela regressiva dos sonhos para dar lugar na metapsicologia aos sonhos traumáticos, cuja característica é levar o sonhador de volta “à situação do acidente, da qual desperta com renovado terror” (Freud, 1919/2010, p. 169). Oferecemos um trecho que sintetiza essa ideia dos autores:

[...] (i) a via regrediente teria dois percursos possíveis: um habitual ou de representação de palavras que retrogradam, passando pelos sistemas dos traços mnésicos e do Ics, sofrendo as influências dos desejos infantis recalcados e, sob o duplo constrangimento da censura e da busca de figurabilidade, transformando-se por deslocamento, condensação e simbolismo, para alcançar no fim do percurso o polo perceptivo-alucinatório: é o sonho realização de desejo; (ii) o outro percurso seria uma *via curta*, um atalho em que o que está figurado emergiria diretamente da percepção. É o sonho da neurose traumática, no qual somente uma repetição idêntica àquilo que estava na origem poderá ser figurado. Via curta que se encontraria no limite da tópica psíquica, ela seria a mais primitiva, e em todo momento potencialmente ativa (Botella & Botella, 2002, p. 127).

A regressão formal do pensamento ocorreria na via regrediente ‘dentro’ da dimensão do compósito P-Cs (sistema P (Cs)), daí a ideia de atalho, pois não haveria a necessidade de seguir a via regressiva dos sonhos ($P \leftarrow Ics \leftarrow Pcs$), sendo a via $P=Cs$ aquela onde se formaria a cena onírica do sonho traumático, provavelmente menos plástica que a cena onírica produzida na primeira via por meio dos expedientes do processo primário. É apenas de posse do modelo sugerido pelo casal, Ics-Pcs-P, que se torna possível entender a ideia dessa regressão ocorrendo no ‘limite da tópica psíquica’, onde a Percepção (P) responderia por tal limite.

A nossa interpretação não se opõe àquela oferecida pelo casal, da qual fizemos aqui apenas um breve esboço, entretanto, reconhecemos que seguimos por um caminho diferente do deles. O nosso ponto de partida, por exemplo, foi a diferença entre a sequência das fases de formação dos sonhos que Freud elencou tanto no livro dos sonhos quanto no artigo “Complemento...” (1917). E, a nosso ver, deixamos nosso trabalho de figurabilidade seguir por vias mais livres quando interpretamos a ideia contida na nota de rodapé do livro dos sonhos sobre um aperfeiçoamento posterior do esquema linear. Propomos interpretar a ideia contida em ‘aperfeiçoamento do esquema linear’ pelo movimento de torná-lo não-linear. O aperfeiçoamento teria como objetivo trazer complexidade ao modelo, daí saltar da linearidade para a não-linearidade circular. A partir do que Freud escreveu no artigo “Complemento...” (1917) e naquela nota de rodapé, ficamos em dúvida quanto ao movimento que o casal executou em retirar o polo perceptivo da extremidade esquerda e alocá-lo na extremidade direita,

substituindo o sistema anterior Cs. Entendemos que trocar Cs por P faz parte do que Freud sugeriu, mas não vimos naquele trecho tal menção de eliminar P de seu lugar original. O nosso ponto de vista é que essa sugestão de Freud foi confusa, pois deixou margem para diversas interpretações. A simples troca de Cs por P, eliminando P de seu lugar original, não nos ocorreu em nenhum momento e, ademais, entrevemos que essa mudança não nos ajuda na compreensão das diferenças entre as fases da formação dos sonhos¹¹.

A nossa maneira de tentar compreender este movimento teórico supôs que a ideia de *esquema linear* foi colocada de lado para ser substituída por uma que se orientou de modo *não linear*. Sem isso, a percepção apareceria em ambos os extremos do aparelho, sendo esta uma tentativa de esquematizá-lo:

Percepção–Sistemas mnêmicos ::: Inconsciente–Pré-consciente–Consciente/Percepção

A título de comparação, esse modelo no formato de letras utilizado pelo casal Botella ficaria assim: **P-Ics-Pcs-P**.

Nesse formato, a percepção aparece duas vezes (em ambas as extremidades). Como tentativa de resolver essa duplicidade e levar adiante a ideia levantada de não linearidade, podemos desenhar o modelo assim:

Figura 1 – Nova proposta do arranjo do aparelho psíquico da primeira tópica. As setas indicam as direções das vias de condução dos processos entre os sistemas, incluindo aí a realidade externa.

Vale frisar que, após essa sugestão de mudança no aparelho psíquico, Freud passou a designar o polo, no qual ele denominou a equivalência $P=Cs$, de $Cs(P)$. Neste momento, entendemos ser importante pontuar que nossa sugestão de esquema não contradiz o modelo do casal Botella, pois mantém tanto o compósito formado pela percepção e consciência, quanto o seu lugar no limite da tópica psíquica. A nosso ver, o processo de regressão formal do pensamento continua valendo nesse modelo circular.

¹¹ A diferença entre as fases da formação dos sonhos e as relações com esse novo modelo de aparelho psíquico serão trabalhadas no capítulo 3.

Após essa excursão pelas ideias do casal Botella (2002), mas ainda com o apoio deles, vamos retomar a nossa trilha principal, pois resta abordar dois pontos a fim de completar a circunscrição da problemática topológica da percepção.

O primeiro deles trata de uma alteração de nomenclatura do sistema Cs(P), que apareceu no livro “O Eu e o Id” (1923), para P (Cs). Para o casal Botella (1995, 2002), essa alteração de nomenclatura indica um movimento no pensamento de Freud que aponta para a valorização da percepção. No texto “Nota sobre o ‘Bloco Mágico’” (1925b/2011), Freud reforçou a ideia do sistema P (Cs) ao escrever: “o inexplicável fenômeno da consciência surgiria no sistema perceptivo no lugar dos traços duradouros” (p. 270). Neste trecho, vemos a consciência como um fenômeno que ocorre dentro do sistema perceptivo, o que pode ser um reforço para a interpretação de que Freud voltou a pensar na exclusividade de um sistema perceptivo. Isso se comprova na conferência intitulada “A dissecação da personalidade psíquica” (1933), na qual Freud ofereceu sua última pontuação sobre o assunto. A nomenclatura do sistema continuou P (Cs) e a consciência seguiu aparecendo como função do sistema perceptivo, o que, na opinião que compartilhamos com o casal Botella, mostra que a decisão final de Freud foi pela exclusividade de um sistema perceptivo.

Para encerrar a exposição da problemática, vamos ao segundo ponto, este ligado ao modelo da segunda tópica, em especial, com a ideia de Freud de que tanto o Eu quanto o Isso teriam suas próprias funções perceptivas. Para a instância do Eu, o sistema P (Cs) estaria ligado tanto com as percepções conscientes da realidade externa, quanto com a percepção interna dos pensamentos, sentimentos, lembranças, cenas visuais, etc. No texto “Compêndio de psicanálise” (1940), encontramos esta frase de Freud (1940/2014): “o Isso, cortado do mundo exterior, tem seu próprio mundo perceptivo” (p. 136). De modo que poderíamos colocar a pergunta: teria o Isso um sistema perceptivo exclusivo?

Após essa excursão pela problemática topológica da percepção, podemos voltar ao ponto de partida, ou seja, aquele que circunscreve o conceito de percepção em um âmbito maior do que a percepção consciente. Vale apontar, junto com Coelho Junior (1999a) e com o casal Botella (1995, 2002), resgatando a epígrafe que abriu este capítulo, que o conceito de percepção carrega consigo certa complexidade, pois inclui no mesmo termo: um sistema do aparelho psíquico, “a forma de se denominar uma função, o nome do ato que exerce esta função e o resultado deste ato” (Coelho Junior, 1999a, p. 98). Adiciona-se a esta polissemia a função de adquirir conhecimento através dos sentidos.

Para encerrar o percurso desta trilha, deixamos aqui uma hipótese que levantamos após reunir os elementos centrais dessa polissemia perceptiva. A nossa hipótese é que Freud hesitou tanto sobre o lugar da percepção no aparelho psíquico, quanto sobre a relação da percepção com a consciência, pois havia pelo menos duas noções de difícil apreensão relacionadas com a percepção que habitavam seu pensamento, a saber, as noções de percepção endopsíquica e de percepção inconsciente. Na trilha *Percepção e inconsciente*, discutimos em maior detalhe ambas as noções.

1.2 Percepção e representação

Nesta trilha vamos partir do pressuposto de que a teoria do funcionamento psíquico, no pensamento de Freud, dependeu, principalmente na primeira tópica, do conceito de representação. O mapeamento do uso desse conceito nos levou ao texto “Sobre a concepção das afasias” (1891), no qual o conceito se encontra dividido em representação de palavra e representação de coisa, sendo que as duas são constituídas de imagens. A representação de palavra contém a imagem da palavra escrita, a imagem do som, a imagem da leitura e a imagem de movimento relacionada; a representação de coisa contém as imagens sensoriais, tais como as visuais, as auditivas, as olfativas e as táteis. Posteriormente, Freud passou a se referir a essas imagens como traços mnêmicos.

A fim de mostrar a importância do conceito de representação na teoria psicanalítica, sugerimos uma breve passagem do livro “Representação: ensaio psicanalítico” de Nicolaïdis (1989), pois ele argumenta que o conceito foi um avanço para a Psicologia da mesma maneira que os conceitos de massa e de gene foram para a Física e para a Biologia, respectivamente. Para o autor, antes da representação, a Psicologia sofria de um vazio no lugar onde deveria buscar a sua “matéria bruta”. Nas palavras dele:

Quando Freud propôs a representação (*Vorstellung*) da pulsão como matéria-prima do psiquismo, preencheu uma falta de substância na psicologia que oscilava entre o experimentalismo e o organicismo positivista do fim do século. A *Vorstellung* foi a base de sua Metapsicologia vinte anos depois (Nicolaïdis, 1989, p. 15).

Aproveitando outra bifurcação desta trilha que também aborda a relevância do conceito de representação para a psicanálise, entendemos ser proveitoso, para o embasamento do argumento, trazer a ideia geral que o casal Botella (2002) desenvolveu a respeito do tema. O modo como eles abriram a questão vale ser citada: “Pode parecer paradoxal que psicanalistas

escrevam sobre o irrepresentável, *já que a teoria é tão determinada pela noção de representação, e em particular, por sua aceitação de representação inconsciente*” (p. 140, grifo nosso).

Dessa citação vamos aproveitar, por enquanto, a parte destacada, em especial, porque ela aponta para a presença marcante da representação na metapsicologia. Sobre o paradoxo que esse trecho levanta, nós o abordaremos em outra parte, na qual trataremos da noção de irrepresentável. Sobre a representação, o casal ressalta outro ponto importante ao afirmar que, apesar da representação assumir uma posição privilegiada na teoria, os usos que Freud fez da noção deixaram sobre ela uma marca de imprecisão, ou melhor, um caráter polissêmico. Para o casal Botella,

[Freud] a utiliza de acordo com os usos correntes do termo, o de delegação ou de reprodução – ora a noção de representação assume em seus textos o sentido de repetição psíquica de uma percepção exterior, ora aquele mais sofisticado de delegação (o representante psíquico da pulsão) (Botella & Botella, 2002, p. 141).

Pensamos ser válido tecer mais um apontamento sobre a dimensão representacional na teoria de Freud. Uma vez que todo conceito tem seus limites, não foi o caso desse ser uma exceção. No que diz respeito às ideias de Freud, vemos duas noções que parecem indicar os limites da representação. No livro dos sonhos indicamos a noção de umbigo do sonho, e no texto “Construções em análise” a de construção. Segundo Moreno (2009), Freud reconheceu os limites do campo representacional quando propôs “a construção como técnica para lidar com os efeitos de um vivido que deixou apenas escombros psíquicos” (p. 14).

O destaque principal desta trilha é a abertura que ela propicia para tecermos as relações com a fantasia, especialmente, se partirmos da constatação de que as fantasias são constituídas de representações. Esse ponto foi desenvolvido no capítulo 2, na trilha *Fantasia e representação*. O que nos interessa aqui é destacar que a relação entre percepção e representação é reforçada diversas vezes na obra de Freud, principalmente no livro “A interpretação dos sonhos” (1900) e nos textos “O inconsciente” (1915) e “A negação” (1925). Tomemos como exemplo um trecho desse último texto: “[...] todas as representações provêm de percepções, são repetições destas” (Freud, 1925a/2011, p. 25).

Outra ramificação que a trilha oferece para pensarmos a relação entre percepção e representação tem início na oposição entre percepção e memória. Strachey lembra, nos seus comentários do livro “Estudos sobre a histeria” (1893-1895), que essa contradição funcional já estava anunciada. Essa oposição é uma ideia que Freud se apropriou de Breuer e expôs até o

final de sua obra¹². Em nossa opinião, resgatar a maneira como essa ideia apareceu na parte do livro que coube a Breuer é importante, pois nela encontramos a relação da percepção com a representação por meio das imagens mnêmicas. Breuer deixou isso bem evidente numa nota de rodapé na sua parte do livro¹³. Acompanhemos:

Este aparelho perceptivo, incluindo as esferas sensoriais corticais, deve ser diferente do órgão que conserva e reproduz as impressões sensoriais como imagens mnemônicas. Pois a condição fundamental da função do aparelho perceptivo é a mais rápida *restitutio in statum quo ante* [restituição do estado anterior]; caso contrário, nenhuma outra percepção correta poderia se realizar. A condição da memória, por outro lado, é que tal restituição não se efetue, mas que cada percepção crie modificações permanentes. É impossível que o mesmo órgão satisfaça essas duas condições contraditórias (Breuer, 1895/2016, p.267).

É possível apreender dessa nota que o ato perceptivo deixa marcas no aparelho psíquico, que são denominadas imagens mnêmicas. Essa proposição também aparece no “Projeto...” (1895) por meio da ideia de que tais marcas se constituem no aparelho segundo os processos de facilitação sobre as barreiras de contato. Entretanto, apesar de que no “Projeto...” (1895) trata-se de neurônios e, agora, de representações, é Freud quem nos autoriza, no livro “A interpretação dos sonhos” (1900), a unir a noção de facilitação proveniente do “Projeto...” (1895) com a de representação.

[...] devemos supor que o fundamento da associação se encontra antes nos sistemas mnêmicos. A associação consiste então no seguinte: em consequência de diminuições da resistência e de *facilitações*, a excitação se propaga de um dos elementos Mn preferencialmente a um segundo do que a um terceiro elemento Mn (Freud, 1900/2013, p. 567, grifo nosso).

Na citação, os elementos mnêmicos são as imagens mnêmicas a que Breuer se referiu acima e que, também, podem ser entendidos como sinônimos de traços mnêmicos.

Ainda no livro “A interpretação dos sonhos” (1900), encontramos uma série de passagens nas quais Freud evidencia a relação entre representação e traços mnêmicos. Nossa sugestão é visitarmos algumas delas para apreendermos o essencial dessa relação. A primeira que selecionamos é esta: “[...] lembremos aqui que tal *transformação de representações em imagens sensoriais* não é própria apenas do sonho, mas igualmente das alucinações e das visões, que podem aparecer de maneira independente na saúde ou como sintomas de psiconeuroses” (Freud, 1900/2013, p. 563, grifo nosso).

¹² Esta ideia aparece, por exemplo, no texto do “Projeto...” (1895), no livro dos sonhos, no texto “O Eu e o Id” (1923) e no texto “Nota sobre o ‘Bloco Mágico’” (1925).

¹³ O capítulo escrito por Breuer foi intitulado “Considerações teóricas”.

Na passagem do parágrafo acima, há uma informação muito interessante para o percurso da trilha, pois vemos a indicação de um processo, no qual representações podem ser transformadas em imagens sensoriais¹⁴. Seria como decompô-las em seus componentes básicos: os traços mnêmicos. Chegamos a uma ideia de representação muito parecida com a do texto “Sobre a concepção das afasias” (1891). O resultado desse processo é sofisticado a ponto de confundir o sonhador, pois o leva a atribuir realidade ao que vivencia durante o sonho. Freud (1900/2013) expressou essa ideia assim: “[...] o conteúdo de representações não é pensado, e sim transformado em imagens sensoriais, *nas quais então acreditamos e que julgamos experimentar*” (p. 563, grifo nosso). Entretanto, como ele nos informa, essa transformação é típica no fenômeno da alucinação, no qual as representações transformadas em imagens sensoriais são aquelas que compõem as fantasias. No caso do fenômeno alucinativo, a relação entre percepção e fantasia é bem clara¹⁵. Entendemos que essa posição de Freud vem desde o “Projeto...” (1895), sendo que lá o que é alucinado é a memória ou o conteúdo do sistema ψ . A partir daí, é possível inferir que há uma conexão entre fantasia e memória. Enfim, vale lembrar que Freud escreveu o texto “Lembranças encobridoras” (1899) para abordar essa relação, em especial, para analisar a função da fantasia de disfarçar ou encobrir certas memórias, no caso, as lembranças da cena originária.

Para retomar nossa análise da relação da representação com o traço mnêmico, vejamos mais uma passagem do livro “A interpretação dos sonhos” (1900):

Das percepções que nos chegam, resta um traço em nosso aparelho psíquico que podemos chamar de ‘traço mnêmico’. Chamamos de ‘memória’ a função relacionada com esse traço mnêmico. Se levarmos a sério o propósito de ligar os processos psíquicos a sistemas, então o traço mnêmico apenas pode consistir em modificações permanentes nos elementos dos sistemas (Freud, 1900/2013, p. 566).

Notamos que, nessa citação, Freud restabeleceu algumas hipóteses, por exemplo da carta 52 (1896), e tirou delas as prováveis consequências, do mesmo modo que fez no “Projeto...” (1895). A elaboração do modelo de aparelho do “Projeto...” (1895) começou com a problemática do binômio percepção-memória. No livro dos sonhos, Freud partiu da mesma oposição funcional para sugerir tanto o sistema perceptivo, quanto os sistemas mnêmicos. Outra informação importante que obtemos dessa passagem trata do conceito de traço mnêmico, em especial, porque aprendemos três lições a seu respeito. Primeira, os traços são derivados da percepção. Segunda, a função de memória os usa como matéria prima. Terceira, eles são

¹⁴ Esse processo também ficou conhecido como ‘consideração pela figurabilidade’ ou ‘trabalho de figurabilidade’.

¹⁵ Cf., na trilha *Fantasia e sintoma* do capítulo 2, o exemplo clínico de Ferenczi.

permanentes, seus registros (marcas ou inscrições) no aparelho psíquico são indelévels, indestrutíveis, ao menos para outros processos psíquicos, pois danos físicos podem eliminá-los.

Continuando nossa análise pelo livro “A interpretação dos sonhos” (1900), apostamos que o mais importante para compreendermos a relação entre percepção, representação e traço mnêmico se encontra nas elaborações de Freud sobre a regressão e o processo de figurabilidade que toma corpo junto com o movimento pela via regressiva. A título de síntese, apresentamos três breves passagens que tratam desse assunto:

[...] uma regressão no aparelho psíquico, partindo de um ato representacional complexo qualquer e indo até a matéria-prima das marcas mnêmicas que se encontram na sua base (Freud, 1900/2013, p. 570).

Eis o que chamamos de regressão: quando, no sonho, a representação volta a se transformar na imagem sensorial da qual certa vez resultou. [...] Na regressão, o encadeamento dos pensamentos oníricos é reduzido à sua matéria-prima (Freud, 1900/2013, p. 571).

Vamos resumir o que vimos sobre a peculiaridade do sonho de transvasar seu conteúdo representacional em imagens sensoriais. [...] (Freud, 1900/2013, p. 575).

Esses trechos trabalham com as seguintes ideias: regressão, figurabilidade, imagem sensorial e sistemas mnêmicos. As três passagens mostram que o processo onírico (trabalho do sonho) em regressão transforma os pensamentos latentes em material perceptivo. Para compreendermos melhor a conexão entre os termos destacados, é preciso resgatar a noção de signo de percepção (*Wz*) que apareceu na carta 52 (1896) e focar os primeiros sistemas mnêmicos do modelo de aparelho psíquico do livro dos sonhos, indicados como *Mn'* e *Mn''*. Estes seriam os resíduos originais de percepções. A sequência dos sistemas mnemônicos se organizaria segundo a lei da associação dos empiristas ingleses, de modo que as primeiras associações respeitariam a simultaneidade¹⁶. A cada sistema mnêmico posterior, as associações entre os traços mnêmicos corresponderiam a uma nova tradução do material do sistema anterior, sendo que a complexidade das associações aumentaria no sentido progressivo e diminuiria no sentido regressivo. Lembremos que Freud (1900) relacionou a consideração pela figurabilidade com a regressão dos pensamentos oníricos latentes para o sistema perceptivo, ou seja, ele enfatizou a busca por imagens sensoriais, em especial, pelas imagens visuais e pelas auditivas. A nosso ver, podemos relacionar, mas não equivaler, essas imagens sensoriais com os signos de percepção da carta 52 (1896). O ponto que nos impede de equipará-los é a proposição de Freud de que tais signos são “totalmente inacessíveis à consciência” (1896/2006, p. 209). Vimos

¹⁶ As leis da associação das ideias segundo David Hume (1711-1776) se resumem a: semelhança, contiguidade espacial e temporal (simultaneidade) e causa-consequência.

que são as imagens sensoriais que atingem a consciência onírica nos sonhos, logo, se elas podem se tornar conscientes então não podem equivaler aos signos de percepção. Sugerimos uma hipótese a ser verificada em trabalhos futuros que busca acomodar esses termos: os signos seriam os elementos de base das imagens sensoriais e essas seriam os elementos de base das representações.

Para concluir esta relação da percepção com os traços mnêmicos tal como aparece no livro dos sonhos indicamos esta última passagem:

[...] o processo onírico toma o caminho da regressão [...] e nisso obedece à atração exercida sobre ele por grupos mnêmicos que em parte apenas estão disponíveis como investimentos visuais e não como tradução nos signos dos sistemas posteriores. Pelo caminho da regressão, ele adquire figurabilidade. [...] o processo onírico se transformou em conteúdo perceptivo [...] (Freud, 1900/2013, pp. 601-602).

Essa citação vem reforçar a relação do movimento regressivo nos sonhos com a figurabilidade e com o maior investimento de traços mnêmicos visuais que fazem parte dos sistemas mnêmicos, sendo que todos esses expedientes visam à transformação do material latente em material perceptivo, de modo que podemos realmente dizer que o sonho é perceptivo.

Os traços ligados à sensorialidade, como vimos, compõem as representações de coisas. E isso nos remete ao artigo metapsicológico “O inconsciente” (1915), no qual há a retomada da decomposição do conceito de representação em representação de palavra e em representação de coisa. Freud afirmou que o *Ics* é o lugar das representações de coisas e que é por meio da associação com as representações de palavras, no pré-consciente, que aquelas podem chegar à consciência.

Ainda no texto “O inconsciente” (1915), apoiados na discussão sobre o processo de pensamento que lá tomou corpo, vamos indicar um pequeno trecho que diz respeito à relação genética entre percepção e representação: “as representações verbais procedem da percepção dos sentidos, assim como as representações de coisas” (Freud, 1915c/2010, p. 147). Esta ideia apareceu, novamente, no texto “A negação” (1925). A percepção interna consciente dos próprios pensamentos se esclareceria com a proposição de que ela ocorre na medida em que se dá a ligação das representações de coisas com as representações de palavras.

Estas ideias voltam a aparecer no livro “O Eu e o Id” (1923). Vejamos:

Essas representações verbais são resíduos de memória; foram uma vez percepções e, como todos os resíduos mnemônicos, podem voltar a ser consciente. [...] ocorre-nos, como uma nova descoberta, que apenas pode tornar-se consciente aquilo que uma vez já foi percepção *cs*, e que, excluindo os sentimentos, o que a partir de dentro quer tornar-se consciente deve tentar

converter-se em percepções externas. O que se torna possível mediante os traços mnemônicos (Freud, 1923/2011, p. 24).

O trecho acima é de especial importância para a relação entre percepção, representação e traço mnêmico. Em nosso entendimento, a percepção alimenta o aparelho psíquico de traços mnêmicos divididos segundo as modalidades sensoriais, por exemplo, os traços visuais, auditivos, olfativos, táteis, entre outros. A organização desses traços se dá por associação, cujo resultado é a representação. Dito de outro modo, as representações são organizações de conjuntos de traços mnêmicos provindos de diversas fontes. Enfim, a matéria-prima do aparelho psíquico se compõe desses traços e de seus investimentos afetivos.

Na última bifurcação desta trilha mostraremos um ângulo de abordagem do fenômeno do fetichismo a partir da relação percepção-representação. O argumento está apoiado na elaboração teórica levada a cabo por Figueiredo (2003), no capítulo “Verleugnung. A desautorização do processo perceptivo”, na qual ele retomou a gênese do fenômeno do fetichismo, envolvendo tanto a percepção quanto as fantasias inconscientes do complexo de castração. Estas fantasias configuram uma espécie de trama perceptiva, ou, repetindo uma frase do autor, configuram “sequências imaginárias de uma visão antecipada” (p. 68). Para o nosso argumento, entendemos ser importante desenvolvermos um pouco mais a ideia de trama perceptiva. A nossa hipótese, que visa esclarecer essa noção, toma como protótipo a estrutura fóbica produzida numa histeria de angústia. A fim de introduzir a ideia de ‘baluarte de proteção’, ‘estrutura fóbica exterior’ ou ‘construção fóbica’, pensamos que a melhor maneira é acompanhar Freud neste trecho do texto “O inconsciente” (1915):

[...] tudo o que circunda e está associado à ideia substituta é investido de particular intensidade, de modo a poder demonstrar uma grande sensibilidade à excitação. Uma excitação de qualquer ponto dessa estrutura exterior deve inelutavelmente, graças à conexão com a ideia substituta, dar ocasião a um pequeno desenvolvimento de angústia, que então é utilizado como sinal para inibir, mediante nova fuga do investimento, o desenvolvimento ulterior de angústia. Quanto mais os contrainvestimentos sensíveis e alertas forem distanciados do substituto temido, mais precisamente poderá funcionar o mecanismo que deve isolar a ideia substituta e dela afastar excitações novas [via percepção] (Freud, 1915c/2010, p. 123).

Para entendermos a formação do fetichismo por meio da noção de trama perceptiva, tomamos como modelo a noção de estrutura fóbica. A partir dessa premissa aparece um cruzamento com a trilha *Percepção e representação*, na medida em que comparamos essa estrutura fóbica com uma rede. Os ‘nós’ dessa rede seriam as representações que, por sua vez, ao serem excitadas por certas percepções, sinalizariam a aproximação do perigo mediante a produção de um sinal de angústia, dando início às medidas de proteção ou de fuga. A analogia

com a trama perceptiva fetichista seria traçada ao supor que as fantasias inconscientes do complexo de castração compõem os nós da trama, porém, a ativação dessa trama não acionaria as medidas defensivas da histeria de angústia, mas o mecanismo defensivo da recusa (*Verleugnung*), da desautorização perceptiva e das demais decorrências que levam à produção do fetiche.

1.3 Percepção e inconsciente

*Dissemos que existem ideias conscientes e inconscientes; mas haveria também impulsos, sentimentos, **percepções inconscientes**, ou neste caso combinações assim não fariam sentido?*¹⁷

O primeiro passo nesta trilha segue pelo destaque da possibilidade de comunicação entre o sistema perceptivo e o Ics, pois, a nosso ver, esta é uma maneira de analisar quais os tipos de relações que podem se estabelecer entre eles. Logo de início, visualizamos uma bifurcação, dois caminhos a seguir. Um deles parte dos modelos de aparelho psíquico da carta 52 (1896) e do livro “A interpretação dos sonhos” (1900), pois, em ambos, o sistema perceptivo está adjacente ao Ics e, conseqüentemente, existem processos que realizam passagens (ou trocas) entre eles, tanto no sentido progressivo quanto no regressivo. No sentido progressivo, as primeiras marcas perceptivas deixadas no aparelho psíquico (Signos de percepção), como vimos, seriam inconscientes; de acordo com Freud na carta 52 (1896/2006), “é o primeiro registro das percepções; e totalmente inacessível à consciência” (p. 209). No sentido regressivo, o exemplo pode ser o trabalho do sonho, em especial, o trabalho de figurabilidade que toma corpo durante o processo onírico¹⁸.

O outro caminho, que intercrúza o anterior, apresenta-se quando nos reportamos a dois textos de Freud que abordam esse assunto. O primeiro deles é o artigo sobre técnica “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise” (1912), e o segundo é o artigo metapsicológico “O inconsciente” (1915). Em ambos encontramos argumentos que apontam para a comunicação inconsciente.

¹⁷ Freud, “O inconsciente”, 1915/2010, p. 114.

¹⁸ No capítulo 3, aprofundamos as ideias contidas nesse parágrafo.

Sobre a comunicação inconsciente, lembramos de um texto¹⁹ de Ferenczi publicado também em 1915, cujo conteúdo se mostrou relevante para nosso argumento na medida em que conectou a percepção inconsciente com a comunicação inconsciente. No texto, é relatado o caso de um rapaz com um distúrbio na voz, e Ferenczi, nas poucas horas de consulta, chegou à hipótese de que tal sintoma teve sua origem na relação do jovem com a sua mãe. Ela não suportava a ‘voz de baixo’ do filho e lhe impunha, frequentemente, a ordem de falar em outro tom. Destacamos esse caso, na esteira do uso feito por Bollas (1995), pois Ferenczi concluiu que as imposições por parte da mãe diziam respeito à reação dela contra as suas próprias percepções inconscientes “da tendência incestuosa dirigida para ela”. E por este caminho chegamos a um uso da percepção inconsciente. Inclusive, precisamos acrescentar que foi no relato desse caso que Ferenczi cunhou o termo “diálogo dos inconscientes”, ou seja, colocou em destaque a comunicação inconsciente. Como primeiro apontamento a partir do caso, sugerimos que a percepção inconsciente possa ser entendida como uma função através da qual a comunicação inconsciente pode vir a se estabelecer.

Compreendemos a relevância e a necessidade de acomodação metapsicológica à noção de percepção inconsciente. Nesse intuito, vamos introduzir a concepção de Bollas (2002, 2013) de *inconsciente receptivo*. Começamos com a ideia exposta por Bollas (2013) de que os pensamentos que fazem parte do Pré-consciente, denominados de *pensamentos inconscientes não recalçados*, também podem ser afetados pela percepção externa. Vale dizer que ele denominou o conjunto desses pensamentos inconscientes não recalçados de inconsciente receptivo, sendo que, em boa parte, seria sobre esse inconsciente que operariam tanto a percepção inconsciente quanto a comunicação inconsciente.

Um modo sucinto de compreender a noção de inconsciente receptivo se dá em contraste à ideia de inconsciente recalçado, a partir da seguinte diferença: a atividade de recepção é movida pelo desejo de acolhimento e de organização das impressões visando aos prazeres da vida, enquanto o recalque, movido pela angústia, visa à expulsão das impressões desprazerosas da consciência. As palavras do próprio Bollas (2013) sobre o conceito podem nos ajudar na compreensão.

O inconsciente receptivo ou, para dizer de outra maneira, o trabalho inconsciente que participa da recepção, é o trabalho que Freud descreve quando sustenta que o analista ‘recebe’ as comunicações do analisando. Se o inconsciente do analista operasse em um modo de repressão não seria capaz de receber as mensagens inconscientes do paciente (p. 36-37)

¹⁹ Cf. “Anomalias psicogênicas da fonação” (Ferenczi, 1915).

Neste ponto, vamos nos voltar para uma ideia de Freud anunciada no artigo técnico citado acima. Trata-se da parte na qual ele articulou a sua concepção de atenção flutuante: “[...] ele [o analista] deve voltar seu inconsciente, como órgão receptor, para o inconsciente emissor do doente, colocar-se ante o analista como o receptor do telefone em relação ao microfone” (Freud, 1912a/2010, p. 156).

Concordamos com Bollas (2013) em extrair dessa passagem a ideia de que a psicanálise trabalha com a intersubjetividade inconsciente. O nosso interesse é relacionar diretamente a percepção inconsciente com a ideia presente no movimento de “voltar seu inconsciente para”, ou, colocando em outras palavras: a percepção inconsciente tornaria possível a *receptividade inconsciente*, a mesma que nos informa Freud (1912a/2010) e que Bollas (2002, 2013) circunscreve com maestria. Pensamos que cabem aqui dois apontamentos: a comunicação inconsciente seria uma das condições à intersubjetividade, sendo que a percepção inconsciente desempenharia um papel preponderante em seu estabelecimento; e a comunicação inconsciente se estabeleceria por meio do trabalho do inconsciente receptivo.

Avançando em nossa compreensão da percepção inconsciente, vejamos uma definição elaborada por Bollas (2013): “Freud já havia compreendido em que medida o analista [...] pode ler as comunicações do analisando que tece associações livres através da percepção inconsciente: a capacidade de descobrir configurações ou, no caso da fala, a lógica da sequência” (p. 39).

Antes de prosseguir, devemos tratar de uma questão intrigante: como se dá a percepção inconsciente? Seria por meio de telepatia? Ou, por meio da percepção sensorial? Ela se reduz apenas à sensorialidade? As apercepções afetivo-emocionais contratransferenciais são resultado da percepção inconsciente? Qual a relação da percepção inconsciente com a contratransferência? Pensamos que esta sequência de perguntas poderia se prolongar proporcionalmente ao grau de interesse pelo tema, mas essa lista nos parece suficiente para mostrar um dos lados interessantes do assunto.

A elaboração de respostas pode começar pela articulação de duas ideias. A primeira se refere a uma proposição de Freud (1915c), na qual ele diz que o sistema inconsciente é influenciado pelas experiências da percepção externa e que todos os caminhos que levam da percepção ao inconsciente permanecem livres. A segunda ideia se desdobra a partir da re colocação em outra roupagem da pergunta de como se dá a percepção inconsciente: quais seriam os canais pelos quais a percepção inconsciente se efetivaria? Vale destacar, neste ponto da argumentação, que não pretendemos escapar pela solução telepática, na qual haveria

transmissão ou troca de representações inconscientes entre inconscientes, de modo que podemos citar três observações a fim de traçar um panorama da questão, adiantando que o ponto central está na ideia de comunicação em níveis pré ou infraverbais, que toma como protótipo a relação primária mãe-bebê²⁰.

- a. Reik (1948) apostou no nível infraverbal e na sensorialidade rudimentar, como o olfato, que embora atuante perdeu muito de sua significância na espécie humana.
- b. Ogden (1991) escreveu a respeito do assunto:

[...] ao lado da comunicação específica por meio de símbolos verbais, de um modo bem menos definido e frequentemente contraditório, certos conjuntos de pensamentos inconscientes e sentimentos são comunicados através do olhar, da tensão na testa, do timbre de voz, e assim por diante (p. 70).

- c. Coelho Junior e Figueiredo (2003), por sua vez, escreveram:

[...] Há comunicações pré-verbais, infraverbais, pré-representacionais, corporais e talvez até pulsionais, além, é evidente, das comunicações propriamente verbais. Há percepções conscientes, pré-conscientes e, quem sabe, talvez até inconscientes. [...] Muitas vezes transmitimos o que nem sabemos que havíamos percebido, e também reconhecemos sensações e sentimentos para os quais não encontramos origem segura (p. 195).

Continuando nosso caminho para circunscrever a percepção inconsciente chamamos a atenção para o processo da identificação projetiva. Pensamos ser de grande valia, nesse momento, resgatar a síntese que Ogden (1991) redigiu, a partir das concepções de Klein (1946/2006) e de Bion (1959a/1970, 1959b), ao dividir a identificação projetiva em três fases. A primeira fase diz respeito à fantasia inconsciente de se livrar de algum aspecto do self projetando-o em outra pessoa. A segunda fase compreende a relação interpessoal que se estabelece a partir do projetor exercendo pressão no recipiente para experienciar sentimentos congruentes com a projeção. A terceira fase se refere ao trabalho psíquico do recipiente sobre a projeção e, se este for bem-sucedido, também inclui a devolução para o projetor de uma versão modificada daquilo que foi projetado de modo que este possa reinternalizá-la. Desse processo, queremos destacar as duas últimas fases, pois vemos nelas a possibilidade de articular o conceito de percepção inconsciente. Na segunda fase, é possível supor que a pressão exercida pelo lado projetivo seja reforçada do outro lado pela função receptiva da percepção

²⁰ Cf. Maria Torok em “O trabalho do fantasma no Inconsciente...” (Abraham e Torok, 1995, p. 401). Encontramos uma passagem interessante a respeito do assunto. “[...] a metapsicologia estabelece o fato da ‘comunicação de inconsciente a inconsciente’. Fato muito interessante: o inconsciente de um ser pode reagir ao inconsciente de um outro ser iludindo a consciência. Isso mereceria ser estudado mais a fundo, sobretudo no que diz respeito à questão de saber se não há aí nenhuma manifestação de atividade pré-consciente. Seja como for, a constatação do fato é inegável. Não se trata, é bem verdade, de um fenômeno místico da ordem da telepatia, mas provavelmente de *fagulhas de comunicações conscientes* e que fazem seu caminho no inconsciente, sem nunca poder retornar à consciência.”

inconsciente. Quanto à terceira fase, ela se caracteriza pelas respostas do recipiente da identificação projetiva, sendo importante apontar que algumas delas podem ser consideradas aspectos da contratransferência.

Estamos pisando em um terreno onde as respostas do analista também constituem o espaço analítico. Pensamos ser importante resgatar uma ideia de Botella (2007a), apresentada na introdução de um evento da Sociedade Psicanalítica de Paris sobre o uso das reveries dos psicanalistas em sessão, que diz: “a evolução da técnica é uma consequência de um deslocamento progressivo do centro de interesse do funcionamento do analisando para o do analista” (p. 57). A guinada de atenção para os processos psíquicos do analista foi motivada pelas diferentes demandas das clínicas de crianças e de pacientes de adoecimentos não-neuróticos. Em resumo, visto este ser um assunto de vasta produção, podemos dizer que se, de um lado, as sessões com os neuróticos, preponderantemente, transcorrem na dimensão representacional, de outro, as sessões com os pacientes de adoecimentos não-neuróticos, geralmente, transcorrem em sua ausência ou em sua presença debilitada. A comunicação do par analítico deixa de ocorrer apenas no nível verbal. Foi nesta esteira que os conceitos de identificação projetiva, contratransferência, comunicação inconsciente e percepção inconsciente receberam maior ênfase, permitindo que os ganhos teórico-práticos adquiridos retroalimentassem o conhecimento produzido com os pacientes neuróticos.

Para melhor apreciarmos a noção de percepção inconsciente, pensamos em apresentar um de seus usos teórico-clínicos a partir do conceito de *reverie*. Vimos acima, em nota de rodapé, que a *reverie* pode ser compreendida como um dos resultados do trabalho de figurabilidade. É importante salientar que seguimos o casal Botella (2003) nesta parte de nossa argumentação. E para complicar também apreciamos os usos e concepções de Ogden (1996, 2007, 2013) e de Parsons (2007) sobre a *reverie*. A relevância desse apontamento está em nossa posição teórica, pois, mesmo concordando com as críticas que Botella (2007a, 2007b) faz à ampla concepção da *reverie* feita por Ogden (1996, 2007, 2013), reconhecemos o lado prático-técnico de sua articulação. E, longe de resolver a questão, preferimos mantê-la aberta em nossos pensamentos exploratórios.

A partir desse cenário, escolhemos trabalhar com a *reverie* partindo da ideia de que ela é um dos resultados do trabalho de figurabilidade executado pelo aparelho psíquico. A *reverie* pode ser reconhecida como um resultado desse trabalho atingido por meio do percurso regrediente assumido pelo pensamento formal do analista. Até este ponto da definição de *reverie* entendemos que os autores com os quais estamos em interlocução estariam de acordo.

A discordância surge quanto à profundidade deste mergulho regrediente. Com relação à reverie, de um lado, com Parsons (2007) e Botella (2007b), a ênfase recai no nível pré-consciente. Do outro lado, parece-nos que, para Ogden (1996, 2007, 2013) e Bollas (1995, 2002, 2013), a reverie pode ser produto de processos tanto pré-conscientes quanto inconscientes.

Em resumo, a situação pode ser colocada da seguinte maneira: o trabalho inconsciente do analista durante a regressão tópica e formal de seu pensamento em análise, composição mesma do trabalho de figurabilidade, pode operar sob formas distintas, na lógica do pensamento inconsciente recalcado, na lógica do pensamento inconsciente receptivo e na lógica do pensamento pré-consciente, sendo que para cada lógica corresponde um arranjo metapsicológico. No nível pré-consciente, equivalente à formação das imagens hipnagógicas relatadas por Silberer (*apud* Freud, 1900/2013), a reverie poderia ser comparada com a dinâmica de figurabilidade da fantasia pré-consciente-consciente, enquanto que, numa regressão ao sistema inconsciente, o trabalho de figurabilidade poderia ser comparado ao trabalho do sonho de realização de um desejo infantil, incluindo a deformação pelo efeito da censura.

Na busca de uma síntese, vamos re-expor a nossa articulação entre percepção inconsciente e reverie. As reveries produzidas em sessão analítica são os produtos de um longo percurso em cujo início estão as percepções inconscientes. Na relação do par analítico, o efeito do *par freudiano*, a fala livre de um lado e a atenção igualmente flutuante de outro, abre as portas para a comunicação inconsciente intersubjetiva. Esta comunicação, por sua vez, toma corpo na matriz transferencial-contratransferencial produzida pela dupla e é capturada pelas percepções inconscientes por meio do trabalho do inconsciente receptivo, cujos efeitos são interpeladores do trabalho de figurabilidade, visto como uma das funções primordiais do aparelho psíquico.

Após esse caminho metapsicológico no qual tratamos da percepção inconsciente, vamos retomar o ponto em que nos desviamos: a comunicação entre o sistema Inconsciente e o sistema perceptivo. Aqui, vale adicionar mais um apontamento de Freud, também do texto “O inconsciente” (1915), para enfatizar, nesses casos, a ausência de intermediação do sistema Cs nesse tipo de comunicação. Ele diz que “é muito digno de nota que o *Ics* de um indivíduo possa, contornando o *Cs*, reagir ao *Ics* de outro” (Freud, 1915c/2010, p. 136).

Se retomarmos a ideia de que “todos os caminhos que levam da percepção para o *Ics* permanecem normalmente livres” (Freud, 1915c/2010, p. 136) e nos determos sobre essa ideia acrescentando a informação de que o *Ics* contém as representações de coisas, chegamos a

constatação de que os encadeamentos dessas representações – sejam eles na forma de pensamentos inconscientes e/ou na forma de fantasias inconscientes – podem ser afetados pela realidade externa por meio da percepção. Nesta pesquisa, essa conclusão nos remete aos atos falhos perceptivos. A excitação proveniente da percepção externa pode estimular, diretamente, fantasias inconscientes, sendo que em algum momento uma delas, ou parte de uma delas, pode adquirir intensidade suficiente para se tornar consciente.

Pensamos que é importante mostrar porque no parágrafo anterior diferenciamos pensamentos inconscientes de fantasias inconscientes, sendo que em outro momento nós argumentamos a favor da aproximação entre ambos²¹. Tanto o texto “O inconsciente” (1915), quanto a conferência “Caminhos da formação dos sintomas” (1917) mostram que as fantasias inconscientes e os derivados do recalcado que delas surgem têm facilidade alfandegária frente ao expediente da censura na passagem do Ics para o Pcs, de modo que habitam também o Pré-consciente. Aqui nos lembramos da colocação a respeito do mesmo ponto feita por Laplanche e Pontalis (1990) nas seguintes palavras: “é o mesmo ser misto, o mesmo ‘sangue misturado’ que, próximo do limite do inconsciente, pode passar para um lado ou para o outro, em função, principalmente, de uma variação de investimento” (p. 66). Logo, essa propriedade da fantasia inconsciente de livre trânsito, como se pudesse navegar livremente em águas internacionais, pode servir de critério para diferenciá-la de pensamentos inconscientes incapazes de passar pela censura.

Há ainda um último aspecto sobre a percepção inconsciente que merece nossa atenção. Temos em mente a proposição de Freud sobre a percepção inconsciente do Isso, tal como aparece no texto póstumo “Compêndio de psicanálise” (1940). Freud mostra que o Isso, dominado pelos processos primários, “tem seu próprio mundo perceptivo” (1940/2014, p. 136). Se avançarmos nessa proposta, podemos dizer que esse mundo perceptivo é resultado da percepção inconsciente. E, ainda a respeito da percepção do Isso, Freud escreveu:

Contudo, é difícil indicar por que caminhos e com a ajuda de que órgãos terminais sensíveis se produzem essas percepções. Mas é certo que as autopercepções – cinestésias e sensações de prazer-desprazer – dominam os fluxos no isso com violência despótica (Freud, 1940/2014, p. 136).

Neste ponto, no intuito de demarcar outra dimensão da percepção, achamos válido trazer para a nossa argumentação um apontamento de Coelho Junior (1999b):

É possível aproximar esta concepção [da percepção inconsciente do Isso] daquela das percepções endopsíquicas? Qualquer afirmação é arriscada já que

²¹ Cf. Considerações finais, p. 118.

não possuímos textos posteriores ou sugestões do próprio Freud que avancem para além desta sumária descrição realizada em 1938. Seja como for, a complexidade das relações entre a percepção e os diferentes sistemas e depois instâncias, que compõem o aparelho psíquico não parece diminuir nestas proposições finais de Freud (p. 52).

Buscamos não exatamente construir uma resposta para a pergunta da citação acima, mas delinear alguns apontamentos teóricos sobre a percepção endopsíquica a partir do modo como Freud a utilizou em alguns de seus textos. Vamos começar pelo texto “Delírios e sonhos da Gradiva de Jensen” (1907/2006).

A situação sobre a qual nos debruçamos é a seguinte: O personagem da obra *Gradiva* é o Dr. Norbert Hanold, professor de arqueologia. Na narrativa ele adquiriu uma cópia em gesso de um relevo²², em um museu de antiguidades em Roma. Esse relevo o atraiu de uma maneira particular, embora a sua ciência nada de relevante tenha encontrado na escultura. Apesar disso, ele “sabia que fora atraído por algo e que desde aquele instante o efeito permanecera inalterado” (p. 22). O destaque é dado para a percepção que Hanold tinha do relevo, pois ele “percebeu em sua fisionomia traços gregos, e estava convencido de que a jovem tinha origem helênica” (p. 22). No ensaio de Freud sobre *Gradiva*, ele abordou esse interesse especial de Hanold pelo relevo da seguinte maneira:

Por fim, sua infância transportou-a para Pompeia, não ‘porque sua natureza serena e tranquila assim o exigisse’, mas porque em sua ciência ele não pôde encontrar uma analogia mais apropriada para seu singular estado, no qual tomou conhecimento de suas lembranças de uma amizade da infância, embora através de *obscuros meios de informação*. Após ter feito sua própria infância coincidir com o passado clássico, houve uma perfeita analogia entre o soterramento de Pompéia – que fez desaparecer, mas ao mesmo tempo preservou o passado – e a repressão, de que ele tinha conhecimento através do que poderíamos chamar de *percepção ‘endopsíquica’* (Freud, 1907/2006, p. 53, grifos nosso).

A percepção endopsíquica, a que Freud se referiu nesse trecho, parece ter como objeto (alvo) o recalcado, que no caso do arqueólogo eram “lembranças de uma amizade de infância” (1907/2006, p. 52). O seu resultado parece ser um efeito perceptivo sobre a escultura, afinal, Hanold “*acreditava poder ver* nos seus traços fisionômicos uma origem grega” (p. 52, grifo nosso). A partir deste uso feito por Freud, é possível supor que haja um certo tipo de relação entre a percepção consciente e a percepção endopsíquica. A princípio temos a impressão de que esse tipo de relação poderia ser pensado no sentido da última influenciando a primeira. Numa

²²“A escultura representava uma jovem adulta, cujas vestes esvoaçantes revelavam os pés calçados com leves sandálias, surpreendida ao caminhar. Um dos pés repousava no solo, enquanto o outro, já flexionado para o próximo passo, apoiava-se somente na ponta dos dedos, estando a planta e o calcanhar perpendiculares ao solo” (Freud, 1907/2006, p. 22).

tentativa de aprofundar essa hipótese, podemos formular as seguintes questões: havia mesmo traços gregos na fisionomia da figura no relevo? O artista que a esculpiu planejou esse efeito helênico? Não temos como responder essas perguntas, entretanto, a narrativa de Freud subsidia a ideia de que tais traços foram projetados por Hanold na figura do relevo. Nesse caso, a percepção consciente de Hanold da escultura teria sido influenciada pela sua percepção endopsíquica.

A noção de percepção endopsíquica aparece no livro “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (1901), mas Strachey fez uma nota informando que o trecho no qual ela é usada foi fruto de uma adição feita em 1907. Como o texto “Delírios e sonhos da Gradiva de Jensen” (1907) data da mesma época (na verdade foi escrito no ano anterior), supomos que foi nesse período que Freud começou a dar atenção para essa perspectiva teórica. O ponto central do uso da percepção endopsíquica, no livro de 1901, repete o que apareceu no ensaio de Gradiva, ou seja, a noção foi comparada a um obscuro conhecimento, cuja fonte seria a percepção interna do recalcado em sua projeção na realidade externa.

[...] creio que grande parte da visão mitológica do mundo, que se estende até as mais modernas religiões, nada mais é do que a psicologia projetada no mundo externo. *O obscuro reconhecimento (a percepção endopsíquica por assim dizer) dos fatores psíquicos e das relações do inconsciente espelha-se – é difícil dizê-lo de outra maneira, e aqui a analogia com a paranoia tem que vir em nosso auxílio – na construção de uma realidade sobrenatural [...]* (Freud, 1901/2006, p. 254, grifo nosso).

Essa citação nos parece importante para a circunscrição da noção de percepção endopsíquica tanto porque há uma indicação de que pode se tratar de um processo psíquico primitivo e corriqueiro, quanto porque Freud deixa transparecer a dificuldade de descrever o seu efeito fenomenológico. O primeiro ponto é reforçado pelo próprio Freud, no texto “Totem e tabu”, pois, numa de suas abordagens da noção, escreveu: “A projeção de percepções internas para fora é um *mecanismo primitivo* [...]” (1912-13/2012, p. 107, grifo nosso). Quanto ao segundo ponto, chamou a nossa atenção o uso do verbo *espelhar* e a analogia com a paranoia como tentativas de esclarecer o efeito projetivo/perceptivo da percepção endopsíquica.

Na busca de maior clareza para nosso argumento, vamos seguir uma passagem de Coelho Junior (1999b) a respeito da noção.

A percepção endopsíquica seria uma espécie de percepção inconsciente do que está no psiquismo, são representações que aparecem como uma projeção no mundo externo. *A percepção endopsíquica é uma espécie de projeção dos processos que ocorrem internamente.* É como uma percepção interna inconsciente que é tida como uma percepção externa consciente. A separação

entre o que é externo e interno fica, assim, comprometida (p. 36, grifo nosso).

A noção de percepção endopsíquica é tratada na citação segundo a sua propriedade de projetar representações na realidade externa. Essas representações, a nosso ver, poderiam se colar a (sobrepor, misturar, substituir) objetos da realidade externa de modo a influenciar a percepção externa deles. Essa compreensão está em acordo com a conclusão a que chegou Coelho Junior (1999b) em seu artigo: “[...] a percepção é determinada por fatores internos dos quais muitas vezes não se tem consciência, e é apenas por eles que a realidade ganha sentido” (Coelho Junior, 1999b, p. 36).

Neste momento, entendemos ser valioso para nosso argumento, ainda que de modo sucinto, pontuar que compreendemos o efeito projetivo da percepção endopsíquica como um fenômeno distinto do fenômeno da alucinação. É certo que teremos a oportunidade de abordar a alucinação no capítulo 4, mas vale adiantar que a projeção da percepção endopsíquica não equivale à regressão de representações ao sistema perceptivo junto com um superinvestimento desse sistema por parte da instância Eu, de modo que se trata de dois processos psíquicos distintos²³.

Pensamos em dois exemplos que podem nos ajudar a ilustrar o fenômeno que estamos circunscrevendo. O primeiro deles, que funciona apenas parcialmente, trata-se da brincadeira infantil de olhar para as nuvens e relatar as figuras visualizadas nas formas delas. É possível que a maioria concorde que tais figuras não estão, realmente, nas nuvens (tal como os traços gregos não estariam no relevo). De certo modo, foram ali colocadas, ou melhor, projetadas. O jogo associativo entre a percepção das nuvens e as figuras, na maior parte das vezes, acaba

²³ Há ainda a possibilidade de outro encaminhamento dessa questão: Trata-se da distinção funcional entre a projeção da percepção endopsíquica e a da alucinação psicótica, por exemplo. Dada a relevância dessa proposição, entendemos que ela merece um aprofundamento. Nossos passos nesse trecho estão acompanhados, novamente, do casal Botella (2002). Lembremos que eles propuseram duas vias regredientes no aparelho psíquico, uma que se caracteriza pelo processo regressivo dos sonhos e a outra pela regressão formal do pensamento, pois, a nosso ver, eles teceram uma conexão entre a percepção endopsíquica e a via regrediente do pensamento formal. Para os autores, a alucinação psicótica tem como mecanismo essencial “a ‘negativação’ de uma representação” (p. 132), o que quer dizer que a via alucinatória dos sonhos fica impedida para tal representação. A consequência desse impedimento faz da representação uma percepção. O casal diferencia a projeção psicótica que está envolvida na alucinação psicótica da projeção neurótica. Esta última se caracteriza como uma forma de defesa, cujo resultado, a representação recalcada, “permanece ao mesmo tempo no sistema inconsciente e é projetada sobre um objeto exterior” (p. 132). A projeção psicótica, por sua vez, caracteriza-se pela desintegração, aniquilamento, “destruição total de uma representação que desaparece do sistema de representações inconscientes” (p. 132). Nesse último caso, o mecanismo em questão recebeu suas primeiras formulações na análise que Freud fez do “caso Schreber”, na qual “o mecanismo da formação de sintoma da paranoia requer que a percepção interna, o sentimento, seja substituída por uma percepção externa” (Freud, 1911/2010, p. 84). Para concluir, gostaríamos de frisar, ao lado do casal, a oposição entre os dois mecanismos de projeção: “nossa hipótese é a de que a alucinação psicótica, devido à sua concretização num superinvestimento perceptivo-sensorial, representa uma barreira contra a endopercepção alucinatória [...]” (Botella & Botella, 2002, p. 132).

desenrolando processos pré-conscientes e conscientes, sendo este o aspecto que enfraquece o exemplo para o nosso uso.

O segundo exemplo é o teste psicológico de Rorschach. Entre as interpretações do teste (prova de percepção ou projeção-percepção), destacamos a vertente projetiva, em especial, porque há a hipótese de que a partir dos estímulos ambíguos, o sujeito responde às pranchas produzindo significados que trazem conteúdos inconscientes. Segundo Torres (2010), “espera-se que o material do teste se apresente como uma ‘tela’, onde o sujeito ‘projeta’ os conteúdos latentes de sua subjetividade, na maioria das vezes, inconscientes” (p. 99).

Em resumo, tanto as crianças que olham para as nuvens quanto os sujeitos que respondem às pranchas do teste de Rorschach, na maioria dos casos, não estão alucinando as figuras que relatam.

Feito esse pequeno apontamento, retomemos nossa tarefa. Vamos seguir outro uso que Freud fez da noção no seu texto clínico “Observações sobre um caso de neurose obsessiva” (1909), cujo caso ficou conhecido por “Homem dos ratos”. Vejamos:

E há outra coisa mais, uma espécie de delírio ou ilusão de conteúdo especial: os pais saberiam dos seus pensamentos, porque ele os enuncia sem que os escute. Dificilmente nos enganaremos ao perceber, nessa tentativa de explicação infantil, um pressentimento daqueles notáveis processos psíquicos a que chamamos de inconscientes e de que não podemos prescindir, para esclarecer cientificamente essa obscura questão. ‘Expresso meus pensamentos sem ouvi-los’ – isto soa como uma projeção para o exterior de nossa suposição de que ele tem pensamentos sem saber algo deles, como uma percepção endopsíquica do reprimido (Freud, 1909/2013, p. 23-24).

O garoto tinha a impressão de que seus pais sabiam de seus pensamentos sem que fosse preciso contá-los. Para explicar o motivo desse pressentimento, Freud recorreu à ideia de que poderia haver um tipo de percepção do recalcado, cujo efeito seria uma projeção. Essa projeção, como ele indica, produziria efeitos e as suas manifestações se dariam na relação do sujeito com a realidade externa. No exemplo, o pressentimento do garoto corresponderia à percepção endopsíquica de pensamentos recalcados. O efeito desse processo não se traduziu pelo acesso aos conteúdos recalcados, mas pela projeção para o exterior de algo que passou a afetar a percepção, de modo que o garoto passou a achar que seus pensamentos podiam ser ouvidos pelos pais sem a necessidade de enunciá-los.

Ainda no texto do “Homem dos ratos”, há outra ocorrência do termo percepção endopsíquica que vale nos reportarmos.

Como expus acima, nesse distúrbio a repressão não se dá mediante a amnésia, mas pela ruptura dos nexos causais decorrente da subtração do afeto. *Uma*

certa energia evocadora – que em outro lugar comparei a uma percepção endopsíquica – parece subsistir nesses nexos reprimidos, de modo que são introduzidos no mundo externo pela via da projeção, lá dando testemunho do que foi omitido na psique (Freud, 1909/2013, pp. 93-94, grifo nosso).

Gostaríamos de chamar a atenção, nessa passagem, para a ideia de que nexos causais reprimidos seriam projetados na realidade exterior, pois entendemos que essa ideia representa outra tentativa de Freud de descrever o aspecto projetivo desse fenômeno endoperceptivo. Vamos reunir algumas das expressões que Freud utilizou em suas abordagens do tema tanto porque delas podemos notar que se trata de um fenômeno perceptivo específico, quanto porque a partir delas iremos introduzir a nossa leitura do fenômeno. A primeira passagem que escolhemos mostra que não se trata de algo simples de ser descrito, afinal, Freud comentou: “é difícil dizê-lo de outra maneira” (Freud, 1901/2006, p. 254); e depois buscou a analogia com a paranoia para ilustrar a sua descrição.

Vejamos algumas das expressões que Freud utilizou quando abordou o fenômeno: “obscuros meios de informação” (1907/2006, p. 53); “energia evocadora” (1909/2013, pp. 93); “nexos reprimidos [...] são introduzidos no mundo externo [...] lá dando testemunho do que foi omitido na psique” (1909/2013, pp. 93); “psicologia projetada no mundo externo” (1901/2006, p. 254); “um pressentimento daqueles notáveis processos psíquicos a que chamamos de inconscientes” (1909/2013, p. 23); “as percepções internas [...] são empregadas na configuração do mundo externo” (1912-1913/2014, p. 107); “o obscuro reconhecimento dos fatores psíquicos e das relações do inconsciente espelha-se na construção de uma realidade sobrenatural” (1901/2006, p. 254).

Essa seleção nos parece adequada para embasar as seguintes ideias: a projeção endoperceptiva pode vir a alterar a percepção consciente da realidade externa; o projetado não corresponde apenas às representações inconscientes que se juntam aos objetos da realidade externa, mas inclui – e Freud encontrou aqui a dificuldade de achar a melhor expressão – as relações do inconsciente, ou seja, tratar-se-ia de projeção de relações²⁴.

A partir dessa ideia de projeção de fatores psíquicos e de relações do inconsciente, começamos a pensar que o processo que envolve a percepção endopsíquica transcorreria de modo independente da dimensão consciente e produziria uma *atmosfera psíquica*, cujo efeito se traduziria por algum tipo de influência na percepção externa²⁵. A noção de atmosfera

²⁴ Oferecemos um exemplo de uma relação inconsciente: a dinâmica que se estabelece entre o Eu e o Supereu pode levar a um sentimento de culpa inconsciente. Entendemos que esta dinâmica poderia ser projetada.

²⁵ Entendemos que o processo endoperceptivo seria inconsciente, mas seu efeito seria perceptível conscientemente.

psíquica compõe uma das hipóteses desta pesquisa e a sua proposta visa se enquadrar no conjunto de ideias que temos sobre a percepção endopsíquica. Vamos utilizar a ideia de que o efeito da percepção endopsíquica pode vir a ser considerado como uma atmosfera psíquica que influenciaria a percepção consciente. Vimos acima que Freud utilizou o verbo ‘espelhar’ para se referir à projeção do interno no externo, especialmente, para espelhar relações e fatores inconscientes. Ele também indicou a paranoia, provavelmente quanto a sua persecutoriedade em seu aspecto projetivo²⁶, como protótipo para o entendimento da projeção na percepção endopsíquica.

No texto “Totem e tabu” (1912-13), há outra contribuição importante para o embasamento da noção de atmosfera psíquica e, como bem destaca Coelho Junior (1999b), para a nossa compreensão da percepção endopsíquica. Freud buscou mostrar o processo da percepção endopsíquica como primitivo, ou seja, como um processo comum e regular, de modo que não se restringiria apenas a manifestações patológicas. Nesse sentido, o primeiro ponto que destacamos é este:

Em condições que ainda não foram suficientemente verificadas, *as percepções internas de processos afetivos e intelectuais também são, como as percepções sensoriais, projetadas para fora*, empregadas na configuração do mundo externo, quando deveriam permanecer no mundo interno (Freud, 1912-13/2012, p. 107, grifo nosso).

Junto a fatores psíquicos e relações do inconsciente, Freud incluiu os processos afetivos e intelectuais como matéria projetada na percepção endopsíquica. A nosso ver, a projeção de afetos se enquadra bem com a ideia de atmosfera psíquica, em especial, porque aponta para a possibilidade da projeção para além da dimensão representacional. O exemplo de Freud para a projeção afetiva foi este: “A projeção da hostilidade inconsciente sobre os demônios, no tabu dos mortos, é apenas um exemplo, no bom número de processos a que se deve atribuir enorme influência na configuração da psique primitiva” (Freud, 1912-1913/2012, p. 107).

Dessa passagem podemos extrair a ideia de que a hostilidade recalcada teria sido objeto da percepção endopsíquica, de modo que a sua projeção poderia ter produzido uma atmosfera psíquica, a partir da qual seria possível perceber hostilidade em certos objetos da realidade externa.

²⁶ Recordamo-nos de um caso clínico, no qual um sujeito em surto paranoico passava a incluir outras pessoas em seu delírio desde que estivessem dentro de determinada distância dele. É como se houvesse um raio (como num radar) que determinasse a participação de outras pessoas no delírio persecutório. Pensamos que esse aspecto se acomoda bem à ideia de atmosfera psíquica.

Encaminhando-nos para o final de nossa abordagem da percepção endopsíquica, ainda no texto “Totem e tabu” (1912-1913), vejamos este último trecho que trata da relação entre o animismo e a percepção:

Mas o animismo era natural e evidente para o homem primitivo; ele sabia como eram as coisas do mundo, ou seja, eram tal como ele as percebia. Estamos preparados para saber, portanto, que o homem primitivo deslocava relações estruturais de sua própria psique para o mundo exterior [neste ponto, Freud coloca uma nota de rodapé: ‘as quais conhecia mediante a assim chamada percepção endopsíquica’] (Freud, 1912-1913/2012, p. 144, comentário nosso entre colchetes).

Destacamos a equiparação do processo projetivo da percepção endopsíquica com o deslocamento de relações estruturais do interno para o externo. É um reforço para a ideia da projeção de relações e, conseqüentemente, para a noção de atmosfera psíquica. Em outras palavras, sugerimos a noção de atmosfera psíquica na expectativa de reunir em um termo os esforços de Freud em delinear o efeito projetivo da percepção endopsíquica.

Adicionalmente, indicamos uma ligação entre atmosfera psíquica e fantasias inconscientes, pois por meio dela alcançamos uma das relações entre percepção e fantasia. Retomemos o texto “Gradiva” e a percepção do arqueólogo sobre a escultura – a percepção de traços gregos na fisionomia da figura do relevo –, pois Freud indicou que a ambientação helênica dessa percepção estaria em conexão com algumas fantasias de Hanold. Sobre esse aspecto resgatamos duas passagens de Freud para indicar a influência das fantasias inconscientes de Hanold na sua percepção da figura: “daí resultou [...] tecer sobre ela [a figura do relevo] suas fantasias [...]” (1907/2006, p. 23), e:

De repente, surge-nos a descoberta de que as fantasias do jovem arqueólogo sobre Gradiva talvez sejam um eco dessas lembranças infantis esquecidas. Assim sendo, não se trata de produtos arbitrários de sua imaginação, tendo sido essas fantasias determinadas, sem que ele soubesse disso, pelo acervo de impressões infantis esquecidas, mas ainda nele atuantes (1907/2006, p. 37).

A partir desse exemplo podemos ficar com a ideia de que as fantasias inconscientes podem fazer parte da composição da atmosfera psíquica.

Antes de prosseguir com a nossa tarefa de circunscrever os usos da terminologia ‘percepção interna’, vamos deixar indicado o modo como o casal Botella (2002) articulou a noção de percepção endopsíquica com a regressão formal do pensamento, a via curta, e seu resultado perceptivo. Eles entendem que é a própria percepção endopsíquica que está em jogo no momento em que a psique do analista figura uma imagem que tem relação com as vivências relatadas pelo paciente.

Hoje falamos naturalmente em termos de pensamento quase-alucinatório do analista, pois seu ponto de partida nem sempre é a transformação de um pensamento pré-consciente, mas, na maioria das vezes, trata-se de um acidente, de uma falha no desenrolar do próprio processo do pensamento, abrindo diretamente [via curta] uma janela para ‘*a obscura auto-percepção*’ (Botella & Botella, 2002, p. 135, comentário nosso entre colchetes).

Voltemo-nos para a última parte de nossa tarefa nesta trilha, um estudo dos usos da terminologia ‘percepção interna’. De um lado, tivemos a oportunidade de verificar que Freud a utilizou ao articulá-la à noção de percepção endopsíquica, por meio da ideia de uma percepção interna do recalcado. De outro, por exemplo, no texto “Uma dificuldade da psicanálise” (1917/2010), Freud relacionou a percepção interna do Eu com a propriedade de seu resultado ser consciente: “A percepção interna do Eu, a consciência, informa-o sobre todos os eventos significativos da atividade psíquica [...]” (p. 247). Nesse caso, um bom exemplo é o pensamento consciente.

No livro “O Eu e o Id” (1923), Freud teceu alguns comentários sobre a percepção interna que nos ajuda na tarefa de diferenciar as acepções da percepção. Vejamos: “A percepção interna traz sensações de processos vindos das camadas mais diversas, e certamente mais profundas, do aparelho psíquico. Elas são mal conhecidas; as da série prazer-desprazer ainda podem ser vistas como o melhor exemplo delas” (Freud, 1923/2011, p. 26).

Nessa passagem, encontramos a indicação da relação entre a percepção interna e a série prazer-desprazer, o que está em conformidade com a propriedade da consciência. Essa mesma ideia volta a aparecer no texto “Compêndio de psicanálise” (1940), entretanto, dessa vez Freud relacionou as sensações de prazer-desprazer com a percepção inconsciente do Isso.

Esses exemplos nos parecem compor uma boa amostra de como o uso por Freud dessa terminologia (percepção interna) deixou um campo teórico com poucas balizas para nos guiarmos em interpretações definitivas. Na busca de pontos de apoio, no livro “O Eu e o Id” (1923), encontramos uma passagem como esta:

O papel das representações verbais é agora perfeitamente claro. Pela sua intermediação, processos de pensamento internos são transformados em percepções. É como se fosse demonstrada a proposição de que todo saber tem origem na percepção externa. Num superinvestimento do pensar, todos os pensamentos são percebidos realmente – como de fora – e por isso tidos como verdadeiros (Freud, 1923/2011, p. 28).

Nesse trecho, a percepção interna está voltada para os processos pré-conscientes, cujos encadeamentos representacionais podem vir a ser conscientes. Parece-nos que o termo percepção interna possui uma conotação de uso mais geral, pois, de um lado, seus usos vão na direção de perceber (acompanhar) um pensamento consciente, notar um sentimento atual, como

tristeza ou alegria, e, de outro, seus usos apontam para o processo perceptivo do Isso, ou seja, uma espécie de percepção inconsciente do interior do organismo. Além desses, há também o uso do termo no delineamento da percepção endopsíquica. No caso de uma comparação, a aceção de percepção endopsíquica nos pareceu menos variável na obra de Freud do que a de percepção interna.

Para encerrar, oferecemos uma síntese dessa problemática da percepção em psicanálise. Vimos que o termo *percepção interna* cobre aspectos conscientes, pré-conscientes e inconscientes do aparelho psíquico, ou seja, possui uma aplicabilidade variável e abrangente. A *percepção endopsíquica*, por sua vez, tem um uso bem específico, e está relacionada com a percepção do recalcado projetada para o exterior de modo a produzir efeitos na percepção consciente²⁷. Existe ainda a *percepção inconsciente*, função do Eu inconsciente, a nosso ver, fundamental para a concepção de comunicação inconsciente.

²⁷ Apenas para reforçar a diferença entre a projeção da percepção endopsíquica e a do mecanismo da paranoia, que Freud desenvolveu no “caso Schreber”, nessa última, uma percepção interna de um sentimento é anulada e o seu oposto surge como percepção externa, ou seja, essa projeção não *influencia* a percepção externa, pois ela *decide* a percepção externa.

2. As trilhas da fantasia em Freud

Este capítulo está dividido em três trilhas principais. Nosso principal objetivo é circunscrever o conceito de fantasia de modo a facilitar o encontro de suas relações com a percepção. Ao longo deste percurso também abordaremos os primeiros momentos em que Freud articulou a noção de fantasia, sendo que as nossas observações a esse respeito são apresentadas nas trilhas por afinidade temática.

As trilhas ficaram organizadas assim:

2.1 Fantasia e desejo: nesta trilha, estudamos a dinâmica que o desejo impõe à fantasia sob a ótica do investimento por meio dos seguintes tópicos: (1) a matéria-prima das fantasias; (2) a gênese das fantasias; (3) os “lugares” das fantasias; (4) as funções das fantasias; (5) os atos falhos.

2.2 Fantasia e sintoma: nesta trilha, estudamos a maneira pela qual as fantasias se expressam através de sintomas, considerando os seguintes tópicos: (1) as fantasias como conteúdo latente revelado por trás do sintoma; (2) o sintoma como a realização de fantasias; (3) as fantasias como precursoras imediatas dos sintomas;

2.3 Fantasia e representação: nesta trilha, analisamos a relação entre fantasia e representação abordando alguns dos tópicos das trilhas anteriores.

2.1 Fantasia e desejo

Portanto, três espécies de fenômenos (ou realidades lato sensu): a realidade material, a realidade dos ‘pensamentos de ligação’ ou do psicológico, a realidade do desejo inconsciente e de sua ‘expressão mais verdadeira’ (a fantasia)²⁸.

Abrimos esta trilha partindo de momentos inaugurais da Psicanálise, aqui representados nas correspondências trocadas entre Freud e Fliess. Utilizamos as cartas e certos rascunhos anexados a elas como matéria-prima para dar nossos primeiros passos nesta trilha. Temos em mente o rascunho “M”, anexo à carta 63 (1897). O seu conteúdo informa que, além dos sintomas

²⁸ Cf. Laplanche e Pontalis, 1990, p. 22.

fóbicos procederem das fantasias, a apreensão completa da etiologia de um sintoma neurótico deveria incluir os impulsos. A passagem a que nos referimos é esta: “Todos os sintomas de angústia (fobias) derivam, assim, de fantasias. Não obstante, isso simplifica os sintomas. Talvez haja um terceiro movimento para a frente e um terceiro método de construir sintomas, derivado da construção dos impulsos” (Freud, 1897/2006, p. 302).

Cronologicamente, exatos seis dias após a carta com o rascunho “M”, Freud enviou outra com o rascunho “N”. Neste, tal como predito no fim daquele, o tema do impulso – naquele momento uma noção que se aproximava da noção de desejo – e sua relação com o sintoma, incluindo a participação de fantasias, avançou no seu pensamento. Quanto à relação entre sintoma e desejo, Freud foi claro, pois escreveu: “os sintomas, como os sonhos, são a realização de um desejo” (1897/2006, p. 306).

Outro ponto interessante a ser observado no rascunho “N” diz respeito à relação entre os impulsos e as fantasias, assunto que mereceu um tópico exclusivo. Na arquitetura etiológica da histeria que Freud tinha elaborado até então, a cena traumática ou originária, uma cena de sedução, deixava uma marca, inscrevia traços mnêmicos no aparelho psíquico, enfim, deixava uma lembrança. As fantasias seriam construídas para disfarçar ou esconder tal lembrança traumática. Os impulsos, segundo uma aceção de Freud na carta 61 (1897/2006), seriam “derivados das lembranças” (p. 240) e estariam ligados à cena originária. Nessa mesma carta, há um apontamento sobre os alvos do mecanismo de recalque, que seriam, ao invés das próprias lembranças, os impulsos originados nos traços mnêmicos da experiência traumática de sedução.

De volta ao rascunho “N”, vemos que Freud apostou na direção que as fantasias decorrem dos impulsos, mas se questionou: “será possível que, posteriormente, os impulsos também decorram das fantasias?” (1897/2006, p. 305). Entendemos que, na primeira ideia, há a articulação teórica da fantasia sendo investida de libido, sendo que esta provém do próprio impulso ou moção pulsional. O conceito de desejo começou a ganhar a sua forma por meio da amarração das noções de impulso e de fantasia. No decorrer do texto, teremos a oportunidade de trabalhar com a noção de *fantasia de desejo*, resultado da fusão dessas duas noções. Quanto à segunda ideia, da possibilidade de os impulsos terem origem nas fantasias, entendemos ser este um dos primeiros questionamentos de Freud sobre a real necessidade da cena traumática

na etiologia sintomática das neuroses²⁹. Não por menos, dois meses depois, Freud deixou de lado³⁰ essa teoria que necessitava da cena originária como base de sustentação.

Neste ponto, é importante para nosso argumento nos reportarmos à Carta 84 (1898), na qual Freud apresentou uma equação que relaciona sonho, desejo, fantasia e vida infantil.

[...] Parece-me coerente a seguinte fórmula: o que é visto no período pré-histórico produz sonhos; o que é ouvido nesse mesmo período produz fantasias; o que é experimentado sexualmente, ainda no mesmo período, produz as psiconeuroses. A repetição daquilo que foi experimentado nesse período é, em si mesma, a realização de um desejo; um desejo recente só conduz um sonho quando consegue estar em conexão com material proveniente desse período pré-histórico, quando o desejo recente é um derivado pré-histórico (Freud, 1898/2006, p. 325).

Neste trecho, ressaltamos a gênese das fantasias em coisas ouvidas na infância (tenra idade) e o papel da fantasia como material estruturante dos sonhos. A maneira pela qual a fantasia atua nos sonhos, como já apareceu nos dois últimos rascunhos que estudamos, é através das configurações de fantasias de desejos inconscientes.

Ainda na proposta dos inícios, o livro “A interpretação dos sonhos” (1900) possui várias contribuições à trilha que percorremos. Uma delas aponta para dois tipos de relação da fantasia com os sonhos. De um lado, encontramos a relação entre os sonhos e as fantasias no sentido estrutural, na qual as fantasias funcionam como fachadas ou roteiro para o sonho; de outro, Freud trata as fantasias como sonhos, ou seja, indica que elas, tal como um sonho, (i) *são realizações de desejos*, (ii) apoiam-se, em grande medida, em material das experiências infantis e (iii) compartilham de “certa redução da censura para suas criações” (Freud, 1900/2013, p. 518). Uma citação de Freud deixa essa ideia mais clara: “Quando pesquisamos sua estrutura [das fantasias], compreendemos como o motivo de desejo que toma parte na sua produção misturou, reordenou e juntou num novo todo o material do qual são construídas” (Freud, 1900/2013, p. 518).

É importante lembrarmos que a participação da fantasia nos sonhos também pode ser concebida por meio de outra abordagem, na qual a fantasia se encontra em ambas as extremidades do trabalho dos sonhos. De um lado, as fantasias de desejos inconscientes, o que

²⁹ Cf. a abordagem de Laplanche e Pontalis (1990) sobre essa passagem da correspondência de Freud. Eles sugerem que é possível interpretar essa ideia, na qual impulsos podem emanar de fantasias, da seguinte maneira: “é a irrupção da fantasia que provoca essa disjunção da sexualidade e da necessidade” (p. 81).

³⁰ O uso da expressão ‘deixar de lado’, ou mesmo ‘abandonar’, a teoria *Neurótica* não corresponde exatamente ao que Freud fez, pois, de um modo ou de outro, ele se preocupou em desvelar os grãos de areia das pérolas fantasísticas de seus pacientes. Exemplo deste movimento encontra-se no caso “Homem dos Lobos”.

Freud denominou de capitalista do sonho, e, de outro, as fantasias utilizadas pela elaboração secundária³¹ (Laplanche & Pontalis, 1990).

O ponto central desta trilha está na concepção da fantasia como a realização de um desejo inconsciente, cuja função nessa tarefa encontra-se na própria expressão do motivo de desejo, a encenação do desejo, *a cena* na qual o desejo se realiza. Em outras palavras, fantasia como “produto e máscara das manifestações espontâneas da atividade sexual infantil” (Laplanche & Pontalis, 1990, p. 25). Esse ponto é importante, pois é por este mesmo caminho que Freud equivoaleu os sintomas à realização de desejos e, não por menos, incluiu os sonhos nesse arco de equivalência. Em outras palavras, as encenações de fantasias inconscientes são as realizações dos desejos inconscientes que elas veiculam.

Com os elementos apresentados até este momento do argumento, e com o apoio de ideias do verbete ‘Desejo’ do “Vocabulário de Psicanálise” (Laplanche & Pontalis, 1995), podemos destacar, de modo genérico, algumas características da concepção de desejo inconsciente para Freud.

É preciso lembrar que o desejo inconsciente está ligado a traços mnêmicos, sendo que a sua realização se dá na reprodução alucinatória de representações, em cujas constituições se encontram tais traços. Essas representações derivam de percepções que outrora produziram a satisfação de tal desejo e que por isso dela se tornaram sinais. A relação entre fantasia e desejo que nos importa sobremaneira aparece da seguinte maneira nas palavras de Laplanche e Pontalis (1995): “É a articulação destes sinais que constitui aquele correlativo do desejo que é a fantasia” (p.114). O último ponto dessa caracterização relaciona tais sinais com a vida infantil no sentido de ligar o desejo inconsciente “a signos infantis indestrutíveis” (p.114).

Em linhas gerais, o livro dos sonhos deu continuidade ao conceito de fantasia tal como Freud o havia deixado nas cartas e em seu texto “Lembranças encobridoras” (1899). Tanto a relação do conceito de fantasia com os sonhos, quanto a caracterização da fantasia como uma estrutura psíquica ganharam destaque. A relação do material das fantasias com as experiências infantis foi retomada e estabelecida. A proposição da fantasia como uma fachada, roteiro ou estrutura para os sonhos reapareceu e recebeu maior desenvolvimento, vide a elaboração secundária; entretanto, a maior ênfase se concentrou na consideração da fantasia como uma

³¹ “[...] a elaboração secundária vai utilizar os roteiros completamente montados que são as fantasias ou devaneios diurnos, cujo espetáculo o sujeito pôde oferecer-se ao longo do dia que precedeu o sonho” (Laplanche & Pontalis, 1990, p. 68).

realização de desejo e na proposta de que esse processo (inconsciente) toma corpo na realidade psíquica.

Há uma outra maneira de percorrermos esta trilha e, para tanto, é preciso partir da relação entre fantasia e autoerotismo. Laplanche e Pontalis (1990) indicam que, seguindo as consequências de tomar como hipótese a ideia de que as fantasias mantêm uma relação genética com o ‘tempo’ do autoerotismo, chega-se a uma íntima relação entre a fantasia e o desejo. Essa aproximação compreende a satisfação autoerótica como “produto da atividade anárquica das pulsões parciais, estreitamente ligada à excitação de zonas erógenas especificadas” (Laplanche & Pontalis, 1990, p. 82). Como decorrência, temos o autoerotismo ligado à atividade das pulsões. O ponto que nos interessa aqui é mostrar as relações entre fantasia e autoerotismo. No texto dos “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905), Freud indica que a pulsão sexual apenas se torna autoerótica após a perda de seu objeto, ou seja, há a separação entre a pulsão sexual e a pulsão de autoconservação. É à medida que a pulsão sexual se desprende de seu objeto natural que a fantasia começa a entrar em cena. Entretanto, como bem salientam Laplanche e Pontalis (1990), também é possível “dizer que é a irrupção da fantasia que provoca essa disjunção da sexualidade e da necessidade” (p. 81). Essa última ideia alinha-se ao questionamento de Freud que destacamos do rascunho “N”, a saber, se os impulsos poderiam decorrer das fantasias.

Neste momento, entendemos ser precioso articular a relação entre pulsão, desejo e fantasia. A maneira que optamos para dar conta dessa tarefa se inspira numa construção de Laplanche e Pontalis (1990) que, a nosso ver, amarra os conceitos acima. Esta construção é cara para nossa pesquisa, visto que voltamos a ela em outros momentos do texto: “Por outro lado, na medida em que o desejo não é puro surgimento da pulsão, mas está articulado na frase da fantasia, esta constitui o lugar de eleição das operações mais primitivas [...]” (Laplanche & Pontalis, 1990, p. 84).

Essa passagem nos parece ser suficiente para, nesta discussão, mostrar a relação do desejo com a pulsão, o que naturalmente nos proíbe de tomar um pelo outro. Assim, das exigências da pulsão surge o desejo, uma ‘estrutura psíquica complexa’³², cuja realização se dá pela articulação com as fantasias inconscientes. A relação entre desejo e fantasia é de mutualidade, daí o termo fantasia de desejo. Vale adicionar uma última observação sobre fantasia e desejo, advinda do pensamento de Laplanche e Pontalis (1990): “ao situar a origem

³² Cf. rascunho “N” no tópico: “Motivos para a construção dos sintomas”.

da fantasia no tempo do autoerotismo, assinalamos a ligação da fantasia com o desejo. *Mas a fantasia não é objeto do desejo, é cena*” (p. 84, grifo nosso).

Algumas palavras sobre a formulação de “frase da fantasia”, pois pensamos que dela podemos extrair mais um comentário. É interessante imaginar as fantasias inconscientes como pensamentos inconscientes, na medida em que isso nos remete às cadeias de pensamentos inconscientes; estas cadeias, por sua vez, se traduzem por uma rede de representações, sendo que estas são o resultado de integrações de traços mnêmicos. Para justificar essa última proposição, recorreremos à análise levada a cabo por Simanke (2007) sobre a relação entre associação e representação no pensamento de Freud.

Ao recusar que o correlato neurológico da representação simples seja algo igualmente simples – a afirmar, ao contrário, que se trata de algo da ordem de um processo cortical complexo, englobando amplas áreas corticais, e no limite, a totalidade do córtex –, Freud abre caminho para apagar a distinção entre associação e representação e para atribuir à primeira um papel decisivo na gênese da segunda (Simanke, 2007, p. 81).

Desde os primórdios do pensamento de Freud, por exemplo, no texto “Sobre a concepção das afasias” (1891), ele já concebia a noção de representação como uma nova composição a partir da associação de imagens sensoriais³³, por exemplo, de imagens sonoras, visuais, táteis, olfativas etc., de modo que podemos pensar nessas imagens como traços mnêmicos provenientes das diversas modalidades perceptivas.

A partir do conjunto de ideias a que chegamos até este momento, o próximo passo que julgamos relevante é acompanhar Freud na sua definição de desejo inconsciente em seu livro “A interpretação dos sonhos” (1900). A sua elaboração teórica vai partir do modelo de um bebê faminto. A vivência de uma necessidade interna, a fome, deixa um traço mnêmico no aparelho psíquico. Se o bebê é alimentado, ele passa por uma ‘vivência de satisfação’ e a imagem mnêmica do objeto que proporciona tal satisfação se associa ao traço mnêmico da necessidade; com essa associação, há a interrupção da necessidade interna. Decorre desse vínculo que frente a um novo despertar da necessidade, “[...] reaparecerá, resultará, graças à ligação estabelecida, uma moção psíquica que pretende investir outra vez a imagem mnêmica daquela percepção e causar novamente a própria percepção [...] uma moção dessas é o que chamamos de desejo” (Freud, 1900/2013, pp. 593-594).

Este modelo dinâmico ficou conhecido como *satisfação alucinatória do desejo*. Basta retomarmos a definição de representação como uma organização de traços mnêmicos que fica

³³ Tivemos a oportunidade de trabalhar com esse tema na trilha *Percepção e representação*.

evidente, em Freud, a relação do desejo inconsciente com o conceito de representação. A frase da fantasia é uma cadeia associativa entre representações. O desejo inconsciente pode se articular nessa frase porque é, também, um movimento por representações. É o traço mnêmico, integrado em representações, que conjuga a fantasia inconsciente com o desejo inconsciente. A partir dessa concepção, entrecruzamos duas trilhas, a saber, *Fantasia e representação* e *Fantasia e desejo*. Se entendermos a satisfação alucinatória do desejo como mecanismo protótipo para o fenômeno da alucinação³⁴, a terceira trilha (*Fantasia e sintoma*) também se vincula à definição de desejo inconsciente.

2.2 Fantasia e sintoma

Os sintomas são, portanto, ora representação de vivências ocorridas de fato, às quais cabe atribuir influência na fixação da libido, ora representação das fantasias do doente, naturalmente inadequadas para um papel etiológico³⁵.

Ela [a libido] se afasta da realidade, [...], e volta-se para a vida da fantasia, na qual cria novas formações de desejo e reanima os traços de formações anteriores, esquecidas. [...] a libido pode retroceder mais, e pela via da regressão achar trilhas infantis e aspirar a metas que lhes correspondam. Se essas tendências [...] adquirem intensidade bastante, chega-se a um conflito entre elas e a outra parte da personalidade que continuou em relação com a realidade. Esse conflito se resolve por formação de sintomas³⁶.

Uma das ideias que sustenta a escolha desta trilha aponta para o ‘canteiro de obra’ da psicanálise, ou seja, para a sua dimensão clínica. Nesta trilha, apresentamos uma coleção de exemplos de sintomas em cujas bases se encontram composições fantasísticas. Nesse conjunto de exemplos, que foi retirado da própria obra de Freud, destacamos os conteúdos das fantasias e mostramos a sua relação com a expressão do sintoma. O passo seguinte desdobra-se numa análise da dimensão metapsicológica associada a esta trilha. Entendemos que esse modo de percorrê-la facilitará o destaque dos pontos nos quais esboçaremos as relações com a percepção.

³⁴ A ideia contida nesse trecho será ampliada e aprofundada no quarto capítulo desta tese.

³⁵ Freud, 1916-17/2014, p. 488.

³⁶ Freud, 1912b/2010, pp. 231-232.

Um desvio antes dos exemplos. A fim de retomar a tarefa adicional de mostrar os usos iniciais de Freud da concepção de fantasia, e intimamente ligado à proposta desta trilha, pretendemos mostrar o seguinte trecho de uma carta enviada a Fliess, em 1893, presente no rascunho B, intitulado “A etiologia das neuroses”, no qual ele escreveu sobre a sintomatologia crônica da neurose de angústia. No terceiro item da lista, aparece o seguinte: “(3) angústia relacionada com as decisões e a memória – isto é, as fantasias de alguém a respeito de seu próprio funcionamento psíquico (*folie de doute*, ruminações obsessivas etc.)” (Freud, 1893/2006, p. 227).

Destacamos o trecho tanto pela sua data pré-psicanalítica quanto pela referência à relação da fantasia com a sintomatologia obsessiva. A noção de ‘arco de significados’ de Hanns (1999) nos ajudará a mostrar o ponto de nosso interesse. É possível desenharmos um arco de significados, a partir do conteúdo do trecho citado de Freud, conectando as seguintes noções: angústia – fantasia – funcionamento psíquico – sintomas obsessivos. Como observação adicional, diremos que a questão da data é importante, pois mostra que neste arco não se encontra referência ao Inconsciente. Inclusive, os próprios termos ‘decisão’ e ‘memória’ ajudam a localizar o tom do trecho na dimensão consciente. Sobre o arco que desenhemos acima, algumas notas nos parecem importantes.

As fantasias equivalem a pensamentos, a ruminações, ou seja, a cadeias de ideias, ou melhor, a encadeamentos de representações guiados (investidos), especialmente, pelo afeto da angústia. O significado desses encadeamentos tem como objeto o próprio jeito de ser, ou seja, a personalidade. O uso que Freud empregou no termo fantasia informa sobre uma desconexão desses sintomas com a realidade exterior, mostrando, assim, sua natureza ideacional. Por esse ângulo, os termos ‘decisão’ e ‘memória’ também seguem nesta dimensão ideacional. Uma vez que chegamos à relação da fantasia com a dimensão ideacional, podemos ligá-la com a dimensão psíquica que foi introduzida no termo ‘funcionamento psíquico’. Por fim, extraímos da passagem citada que a ‘mistura’ entre afeto [angústia] – representação [fantasias/ruminações] – sintoma [a dúvida obsessiva] desenrola-se no plano psíquico.

Há ainda mais um trecho de uma carta de Freud a Fliess, que liga a fantasia com sintomas, que vamos analisar antes de prosseguir com os exemplos. O trecho faz parte da carta 59 (1897).

O aspecto que me escapou na solução da histeria está na descoberta de uma nova fonte a partir da qual surge um novo elemento da produção inconsciente. O que tenho em mente são as fantasias histéricas, que, habitualmente, segundo

me parece, remontam a coisas ouvidas pelas crianças em tenra idade e compreendidas somente mais tarde (Freud, 1897/2006, p. 293).

Este trecho contém alguns elementos importantes para nosso argumento. Em primeiro lugar, é preciso mostrar que o sintoma aparece, indiretamente, associado à ‘solução da histeria’ e à ‘produção inconsciente’. A solução da histeria estaria ligada à solução dos sintomas e estes, por sua vez, seriam efeitos da produção inconsciente através das fantasias. O segundo ponto, de modo diferente do que vimos no trecho de 1893, está na relação direta das fantasias históricas com a dimensão inconsciente, no sentido de elas serem um dos resultados da produção inconsciente. O terceiro elemento está no apontamento sobre as origens das fantasias, o qual mostra uma relação com a percepção.

Complementamos estas observações relembrando que o resultado da percepção são as marcas inscritas no aparelho psíquico denominadas de traços mnêmicos. Entre os anos de envio das duas cartas (1893 e 1897), a fantasia deixou de fazer parte apenas de uma caracterização da neurose obsessiva, tal como o seu uso naquela citação de 1893, para integrar a solução etiológica da neurose, no caso, da histeria.

Retornemos, agora, para a tarefa de reunir alguns exemplos de fantasias. Adiantamos que não tivemos a pretensão de reunir um vasto conjunto de sintomas para estudar as suas fantasias subjacentes, entretanto, esperamos que os exemplos selecionados tenham a propriedade de ser generalizáveis para outros casos.

Os dois primeiros exemplos estão na Carta 105 (1899):

Você sabe, por exemplo, por que X.Y. padece de vômitos históricos? Porque, na fantasia, ela está grávida, porque ela é tão insaciável que não consegue tolerar o fato de não ter um bebê também de seu último amante em sua fantasia (Freud, 1899/2006, p. 330).

Ele sente vergonha. Mas de quê? De uma fantasia na qual ele figura como deflorador de toda pessoa que encontra. Ele transpira porque deflora; trabalho muito pesado o dele. [...] E a ocasião em que canalizou seus desejos para essa fantasia deixou sua marca no complexo psíquico que produz o sintoma (Freud, 1899/2006, p. 330).

O terceiro exemplo se encontra no texto “Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade” (1908).

Em circunstâncias favoráveis o sujeito ainda logra apreender uma tal fantasia inconsciente na consciência. Depois que chamei a atenção de uma das minhas pacientes para suas fantasias, ela me contou ter-se surpreendido em lágrimas na rua e, ao refletir no mesmo instante sobre o motivo deste pranto, ter conseguido capturar a fantasia que se segue. Em sua imaginação, ligara-se amorosamente a um conhecido pianista de sua cidade (embora não o conhecesse pessoalmente); em seguida fora abandonada, com o filho que

tivera com ele (na verdade não tinha filhos), ficando na miséria. Fora nesse momento de sua fantasia que irrompera em lágrimas (Freud, 1908/2006, p. 150).

O quarto está no “caso Dora”.

[...] essa fantasia perversa e sumamente escandalosa de chupar o pênis [...] (Freud, 1905/2006, p. 57).

Portanto, não surpreende que nossa histérica, de quase dezenove anos [...], criasse uma fantasia inconsciente dessa natureza e a expressasse através da sensação de cócega na garganta e da tosse (Freud, 1905/2006, p. 56).

E, por fim, os dois últimos exemplos foram retirados do texto “Observações sobre um caso de neurose obsessiva” (1909).

Mas naquele instante formou-se nele uma ‘sanção’: Não dar o dinheiro, senão aconteceria (isto é, a fantasia do rato se concretizaria no pai e na mulher) (Freud, 1909/2013, p. 28).

Assim também pude achar que a incerteza dos neuróticos obsessivos nas suas orações, por exemplo, vem de que fantasias inconscientes não cessam de interferir e perturbar o ato da oração. [...] É certo que a insegurança quanto a haver tomado uma medida protetora vem do efeito perturbador das fantasias inconscientes, mas o teor dessas fantasias é justamente o impulso contrário, que deveria ser afastado pela oração (Freud, 1909/2013, pp. 104-105).

Em cada um deles é evidente que algum tipo de relação se estabelece entre o sintoma e alguma fantasia inconsciente. O sintoma do vômito faz parte da encenação da fantasia inconsciente de gravidez. A transpiração e a vergonha do segundo exemplo também se ligam à encenação inconsciente de fantasias. No terceiro caso, o registro de que o sintoma de choro foi produto do desenrolar de uma fantasia inconsciente provém, diretamente, do relato de uma paciente. No quarto exemplo, a análise do sintoma da tosse de Dora chegou às fantasias inconscientes ligadas com o pai dela. Por fim, voltando a nossa atenção para os sintomas obsessivos, seja a sanção, seja a dúvida, em ambos temos fantasias relacionadas com a gênese sintomática.

Como indicamos no início da seção, esse primeiro passo ainda não contém o aprofundamento metapsicológico dessas relações entre sintoma e fantasia. O objetivo até aqui foi mostrar no âmbito fenomênico o valor desta trilha. Os itens que compõem esta trilha nos parecem bem explicitados nos exemplos acima. A título de organização, resgatamos os itens aqui: (1) A fantasia como conteúdo latente revelado por trás do sintoma: Este item fica recoberto pela consideração das fantasias inconscientes, no sentido de elas serem os derivados diretos do material recalçado; (2) O sintoma como a realização de fantasias: os sintomas do vômito, da tosse e da transpiração são exemplos sintomáticos sob os quais subjaz a animação de fantasias inconscientes; (3) A fantasia como precursor imediato dos sintomas: Este item, por fim, está

presente em todos os exemplos apresentados; destacamos a incerteza obsessiva como um bom exemplo de fantasia como precursora do sintoma.

O próximo passo segue pela exposição metapsicológica das relações entre sintomas e fantasias. Lembramos que não temos a pretensão de ser exaustivos nesse ponto, por considerá-lo secundário ao objetivo principal, que é possibilitar a ampliação dos pontos de contato entre fantasia e percepção.

Nesta parte, vamos nos apoiar na vigésima terceira conferência de Freud das Conferências Introdutórias, intitulada “Os caminhos da formação dos sintomas” (1917), pois tal conferência é reconhecida pelo tratamento teórico dado, exatamente, ao ponto de nosso interesse.

Para introduzir essa conferência, vale lembrar do artigo metapsicológico “O recalque” (1915). Resumidamente, este mecanismo de defesa age no momento do conflito, quando o Eu é ameaçado pela experiência de angústia, sendo que não encerra sua atividade nessa ação pontual, pois continua a exercer seu controle, por meio da censura, através do uso de contrainvestimentos. O desenrolar desse mecanismo tem mais consequências. Uma delas é a formação do *recalcado*, um ‘bolsão’ de conteúdos impedidos de atingir a consciência, que proliferam sua extensão por meio de associações visando à produção de derivados do recalcado (rebentos). A partir do momento em que uma tendência libidinal encontra uma oposição do Eu (um contrainvestimento), há a experiência de angústia e o seu destino passa a ser, através da regressão, os pontos de fixação que ficaram marcados no desenvolvimento da libido – um arranjo que depende de uma série complementar entre a herança da espécie e as experiências infantis. Estes pontos de fixação, por sua vez, já deram satisfação à libido, de modo que retornar a eles, frente às adversidades de satisfação impostas pelo par Eu/realidade, é seu destino, o caráter “fundamentalmente imutável” da libido (1916-17/2014, p. 477). À medida que a libido volta para estes pontos de fixação, ela vai animando e reunindo as *fantasias inconscientes* relacionadas com tais fixações, por exemplo, as anais-sádicas ou orais-canibalescas. A retroinjeção da libido nessas fantasias foi denominada de *introversão*. Acontece que esta nova animação libidinal exige, conseqüentemente, satisfação, de modo que pode encontrar nova oposição do par Eu/realidade, dada a produção de angústia. Esse circuito vai se repetindo e criando uma distância cada vez maior entre os derivados produzidos pela libido impedida de satisfação e a censura, até que se chega a uma formação em que o par Eu/realidade entra em acordo, forma-se uma solução de compromisso. Essa formação, por exemplo, pode tanto ser um sintoma como um sonho.

Na conferência vinte e três, na parte em que Freud escreveu sobre o estabelecimento do princípio de realidade como o determinante para a retenção de uma atividade mental apartada das ‘durezas’ da realidade, a fim de dar sobrevida “a todas as fontes e vias abandonadas da obtenção de prazer” (1917/2014, p. 494), ele denominou essa atividade de fantasia ou devaneio. A criação do reino mental da fantasia é fundamental para a neurose. Com relação a este reino, Freud o descreveu como fundado no princípio do prazer e, esta é a parte essencial, como possuidor de uma realidade específica, a realidade psíquica. Ele deixou claro que é nesta realidade que as fantasias inconscientes exercem seu poder patológico: “Se não se apresentam dotadas de realidade material, essas fantasias revelam realidade psíquica, e pouco a pouco aprendemos que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a decisiva” (Freud, 1917/2014, p. 489-40).

Além dessa função, Freud especificou o papel da fantasia na produção sintomática de uma neurose. As suas palavras são claras:

Como a libido encontra seu caminho para chegar a esses locais de fixação? Ora, os objetos e os rumos abandonados da libido não foram abandonados em todos os sentidos. Eles, ou derivados deles, permanecem retidos com certa intensidade nas ideias fantasiosas. A libido só precisa, pois, retornar às fantasias para, a partir delas, encontrar aberto o caminho para todas as fixações reprimidas (Freud, 1917/2014, p. 495-496).

Neste texto, Freud retomou a propriedade das fantasias de gozarem certo grau de tolerância por parte da censura. Esta ‘facilidade’ pode ser analisada pelo olhar metapsicológico, pois, na dimensão dinâmica, há a fantasia circulando sem impedimentos, respeitada certa condição da dimensão econômica, entre os sistemas Inconsciente e Pré-consciente. Acontece que, à medida que elas são investidas pela libido frustrada, as suas exigências de realização aumentam, levando à produção de angústia no Eu, de modo que o conflito volta a se restabelecer. Esse conflito ativa o recalque.

O conflito psíquico envolve, também, uma questão econômica, na medida em que o Eu “percebe” no movimento nascente de uma tendência libidinal que seu resultado trará desprazer para ele, ou seja, que haverá a experiência da angústia. Sabemos que para o *Ics*, fonte dessa tendência libidinal, a sua meta é a satisfação, o prazer. Prazer para uma instância e desprazer para a outra, esta é a essência do conflito para Freud. À medida que o Eu ‘ganha o movimento’ e antecipa seu resultado, põe em ação as medidas de contrainvestimento. A libido impedida entra em movimento regressivo e passa a animar fantasias inconscientes relacionadas aos pontos de fixação pelos quais ela percorre, cujas vibrações podem ser rechaçadas novamente pelo Eu, impondo a regressão para pontos de fixação anteriores na curva de desenvolvimento

da libido, ou pode chegar ao ponto de entrar em acordo com o Eu dado a distância entre o novo derivado e a ação da censura, permitindo assim a formação de um sintoma ou de um sonho. A diferença entre o sintoma e o sonho está na força da censura, de modo que no sonho ela é fraca e mais tolerante e no sintoma ela se impõe como oposição plena.

A nossa proposta, agora, a fim de ampliar a metapsicologia da relação da fantasia com o sintoma, segue por um retorno cronológico, pois queremos abordar uma carta de Freud a Fliess. Certamente, este ponto poderia ter sido apresentado na primeira parte desta seção, junto com o uso das cartas que ali articulamos. Entretanto, visto que o conteúdo é relevante para a discussão metapsicológica, optamos por trazê-lo neste momento. Trata-se do rascunho M, carta 63 (1897), no qual o conceito de fantasia recebeu um destaque especial. A função defensiva exercida por meio da distorção da lembrança também teve forte ênfase. Freud ofereceu uma analogia para esclarecer tal função defensiva: “as fantasias são construídas por um processo de amálgama e distorção análogo à decomposição de um corpo químico que está combinado com outro” (1897/2006, p. 301). Como ele mesmo disse, são falsificações da memória. O processo foi descrito através da noção de fragmentação. Ele apontou que certas combinações de fragmentos visuais com auditivos podem se transformar em fantasias. Outra ideia rica abordada neste rascunho relaciona a fantasia com a ideia de ficções inconscientes. O termo ficção nos remete à noção de pensamento ou de encadeamento representacional. Entretanto, o ponto que mais nos interessa do rascunho está na esquematização de um circuito dinâmico para a fantasia, de modo a ligá-la ao sintoma.

Quando a intensidade dessa fantasia aumenta até um ponto em que forçosamente irromperia na consciência, ela é recalçada e cria-se um sintoma mediante uma força que impele para trás, indo desde a fantasia até as lembranças que a constituíram (Freud, 1897/2006, p. 302).

É possível encontrar, neste trecho, elementos das três dimensões da metapsicologia: topológica, dinâmica e econômica. Em síntese, os trechos ‘irromper na consciência’ e ser ‘recalçada’ apontam para as três dimensões. Já os trechos ‘forçosamente’, ‘mediante uma força’ e ‘a intensidade aumenta’ remetem à econômica. Por fim, as ideias contidas nas passagens ‘impele para trás’ e ‘indo desde ... até’ tocam novamente nas dimensões topológica e dinâmica.

Entre os exemplos citados acima, há um deles que provém do texto “Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade” (1908), texto que se junta a uma série de artigos situados

entre os anos de 1906 e 1909 que abordam de modo pertinente o conceito de fantasia³⁷. Quanto a esse texto de 1908, ressaltamos uma afirmação de Strachey, retirada dos comentários iniciais à sua tradução, na qual ele diz: “a parte principal deste artigo é um novo exame da relação entre fantasias e sintomas” (2006, p. 147).

Este novo exame diz respeito à etiologia proposta por Freud, que pode ser descrita nas seguintes palavras: o progresso da tendência libidinal não encontra o destino da sublimação, “não consegue defletir sua excitação sexual para fins mais elevados” (Freud, 1908/2006, p. 151), e isso implica que a libido assim represada se volta para as fantasias inconscientes de modo a reanimá-las. É exatamente esse novo investimento sobre a fantasia que a faz “atuar, pelo menos no que diz respeito a parte de seu conteúdo, com todo o vigor da sua necessidade de amor, sob a forma de sintoma patológico” (Freud, 1908/2006, p. 151).

No texto “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen” (1907), também da série citada acima, encontramos a dinâmica fantasia-sintoma bem expressa na maneira como Freud explicitou o mecanismo da produção do delírio do personagem Norbert Hanold³⁸. A percepção do relevo, influenciada pela percepção endopsíquica do material inconsciente, teria ativado certas fantasias inconscientes, compondo dessa forma a corrente mental erótica que entrou em conflito com a corrente mental dominante, relacionada ao Eu coerente, chegando a produzir o delírio, este entendido como sintoma ou formação de compromisso.

Há, ainda, outro aspecto que conecta fantasias a sintomas que não destacamos acima. Desde os momentos inaugurais da Psicanálise, na verdade, desde as ideias pré-psicanalíticas de Freud, especialmente algumas registradas no livro “Estudos sobre a histeria” (1895), encontramos a noção de relação simbólica do sintoma. No capítulo de abertura desse livro, intitulado “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar”, os autores mostraram que existe uma conexão entre a causa precipitante e o fenômeno patológico [sintoma], denominada relação simbólica. Como ilustração, destacamos dois exemplos indicados pelos autores: “[...] uma nevralgia se associa a uma dor psíquica ou o vômito ao afeto de repugnância moral” (1895/2016, p.22). Na sequência interna do livro, ressaltamos dois casos clínicos nos quais esse tipo de relação foi apontado por Freud. O primeiro caso é da Srta. Elisabeth von R. e o que dele frisamos é a relação traçada entre as séries de queixas que ela fazia sobre o fato de ter “a sensação de que ‘não saía do lugar’” e o seu

³⁷ Cf. “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen” (1907), “Escritores criativos e devaneio” (1908), “Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade” (1908), “Sobre as teorias sexuais das crianças” (1908), “Algumas observações gerais sobre ataques histéricos” (1909) e “Romances familiares” (1909).

³⁸ Este tema também foi discutido no capítulo 1.

sintoma expresso na dificuldade de andar. Ele escreveu que “[...] ela procurou diretamente uma expressão simbólica para seus pensamentos dolorosos” (Freud, 1895/2016, p. 219).

O segundo exemplo é da Sra. Caecilie e o sintoma que Freud analisou pelo viés da relação simbólica é o de uma nevralgia facial. A sua conduta terapêutica levou a paciente “de volta a um período de grande irritabilidade mental para com o marido”. Então, durante a evocação da cena traumática, ela se lembrou do insulto do marido e chegou a verbalizar que “foi como uma bofetada no rosto”. A conclusão de Freud foi: “não há dúvida de que o que acontecera fora uma simbolização. Ela se sentira como se tivesse realmente recebido uma bofetada” (1895/2016, p. 199).

Consideramos interessante apontar que o fenômeno da alucinação, em certos casos, pode ser visto como um sintoma³⁹. Este fenômeno será abordado no capítulo 4. Entretanto, para não deixar esse ponto passar em branco, é interessante trazer um exemplo clínico para ilustrar o assunto.

Pensamos em um caso clínico de Ferenczi, relatado no seu texto “Sintomas transitórios no decorrer de uma psicanálise” (1912), no qual o autor apresentou uma paciente que possuía uma tendência de alucinar em sessão sempre que o assunto tocava em pontos sensíveis. A paciente se levantava do divã e dirigia-se para um dos cantos da sala, onde “executava movimentos convulsivos de defesa e de proteção” (p. 220). Nas palavras de Ferenczi: “Uma vez recobrado o espírito, podia contar-me em detalhe o conteúdo das alucinações; apurou-se assim que suas alucinações correspondiam à representação dramatizada ou simbolizada das fantasias [...]” (1912/2011, p. 220).

Aqui reencontramos a ideia de sintomas como reencenação de fantasias inconscientes tal como vimos nos exemplos acima.

Para encerrar esta seção, apontamos três interessantes exemplos que equacionam os termos fantasia, sintoma e percepção. O primeiro segue pelo estudo de uma vinheta clínica de Ferenczi (1912), o segundo pelo estudo do fenômeno da cegueira histérica feito por Freud e o terceiro, novamente com Ferenczi, aborda o “efeito de inibição isolado do período de latência” (1911/2011, p. 134).

³⁹ Esta não é a única concepção de alucinação que assumimos para estudo. Na verdade, consideramos a alucinação uma função tão importante para o psiquismo quanto a percepção. Pode-se dizer que vemos aqui uma dupla função da alucinação dividida em alucinação fenomênica e mecanismo alucinatório.

A vinheta clínica ganha destaque porque o caso envolve o fenômeno denominado “ilusões transitórias”, entre as quais Ferenczi supôs que as olfativas seriam as mais frequentes. O caso chamou nossa atenção a partir do momento em que descobrimos se tratar de uma “ilusão de uma transformação completa do mundo sensorial” (1912/2011, p. 220).

Algumas palavras sobre o caso: a paciente não encontrara na vida adulta as mesmas condições de satisfação de “todos os seus desejos e caprichos” de quando criança. De acordo com o autor, “a sorte cruel não levava absolutamente em conta suas fantasias de desejos e, desde então, ‘o mundo não lhe agradava mais’” (p. 220). A ideia é que a paciente não tivera consciência desse sentimento, pois o deslocara para a esfera sensorial visual. A consequência desse deslocamento é que ela “deixara havia anos de perceber tão ‘intensamente’ e via o mundo baço, chato e descolorido”. Foi uma intervenção do analista que permitiu à paciente uma elaboração e, enfim, a expressão: “é extraordinário, de súbito tudo me parece tão luminoso, tão intenso [...] tudo brilha com cores vivas e naturais [...]” (1912/2011, p.220).

O que se passou neste caso? Para responder essa questão devemos trazer a solução oferecida por Ferenczi. Ele se apoiou tanto no recalque da histeria de conversão como na concepção de fenômenos autossimbólicos. As fantasias de desejo não obtêm satisfação na realidade externa, pois nela encontram apenas a frustração. O mecanismo que opera aqui é o deslocamento de afeto, para o qual o ponto de partida está na ausência da realização dos desejos inconscientes, o que gera angústia, e o ponto de chegada do afeto está na esfera sensorial [o corpo], no caso os olhos e a visão, o que faz com que sua efetividade seja abrandada. Fenomenologicamente, isso se expressa por uma visão sem interesse pelos objetos da realidade externa, ou seja, por uma visão descolorida. O afeto segue para o corpo, tal como na dinâmica do recalque que leva à conversão histérica. O fenômeno autossimbólico se caracteriza pela “auto-observação simbolizada do funcionamento psíquico” (1912/2011, p. 221).

No segundo exemplo, um fenômeno parece equivaler ao do caso acima, entretanto, com efeitos mais prejudiciais, pois ao invés de uma visão descolorida, embaçada, não há visão alguma. No caso da cegueira histérica, em especial apoiados no texto de Freud “Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão” (1910), temos a oportunidade de entender o mecanismo por trás do fenômeno. O primeiro ponto a ser destacado é a ideia do sintoma como formação de compromisso entre duas correntes psíquicas contrárias, no caso, uma corrente sexual e outra autoconservativa. O segundo ponto mostra que as duas pulsões podem dispor, em geral, dos mesmos órgãos e sistemas de órgãos do organismo, ou seja, o olho pode estar sob controle de uma ou outra pulsão, ou operar segundo uma formação de compromisso. Na medida

em que a pulsão sexual busca se utilizar da visão, por exemplo, pelo desejo de ver alguém sem roupas, ela “atrai a reação defensiva dos instintos [pulsões] do Eu por suas exigências excessivas” (Freud, 1910/2013, p. 319). O que decorre então é o recalque das ideias que exprimiam o desejo, sendo que como efeito disso:

[...] a relação do olho e da visão com o Eu e a consciência é perturbada. O Eu perde seu domínio sobre o órgão, que então se coloca inteiramente à disposição do instinto sexual reprimido. [...] o Eu nada mais quer enxergar, desde que os interesses sexuais em ver adquiriram tamanho relevo (Freud, 1910/2013, pp. 319-320).

As fantasias de desejo inconscientes buscam dominar a função perceptiva dos olhos, mas o Eu se defende desse ‘ataque’ produzindo uma solução de compromisso que se expressa na cegueira, ou melhor, na ausência de operacionalidade sensorial consciente dos olhos. Vale o apontamento de que experimentos mostram que o olho continua respondendo para certas estimulações controladas, o que levou Freud a dizer que o olho continua a enxergar inconscientemente. De nossa parte, achamos nessa conclusão de Freud uma abertura para pensarmos a percepção inconsciente.

Por fim, o terceiro exemplo trata do efeito de inibição isolado do período de latência. O que vem a ser isso? A melhor maneira de entender a ideia de Ferenczi (1911) é acompanhá-lo na descrição da vinheta clínica. É um paciente cujo desejo sexual aparecia apenas com mulheres com “seios extremamente desenvolvidos” (1911/2011, p. 134). Ferenczi denominou o caso de “complexo dos seios grandes”. A análise chegou às fantasias infantis ligadas com o aleitamento de bebês e no “desejo secreto de ser convidado a mamar com eles” (1911/2011, p. 134). Vejamos nas palavras de Ferenczi o desenrolar da descrição da vinheta.

Durante o período de latência, essas fantasias apagaram-se de sua consciência, mas, quando começou a se interessar pelo outro sexo, seus desejos centraram-se no complexo dos seios grandes. A representação dos seios não se desenvolvera nele nesse meio tempo, mas a impressão causada por suas dimensões na criança pequena de outrora se haviam gravado nele de forma indelével. Por isso ele só desejava mulheres cujos seios correspondiam à relação de outrora entre sua pequenez e a estatura da mulher (Ferenczi, 1911/2011, p. 134).

O caso é interessante, pois mostra como a percepção sensorial está sujeita a processos internos. A percepção visual está sujeita aos efeitos dos pensamentos inconscientes recalcados. Diríamos que a identidade perceptiva, a representação-meta da realização alucinatória do desejo, está presente nestes casos. Quando Ferenczi apontou que a representação dos seios não se desenvolveu, isso quer dizer que, para a realização do desejo, o objeto da realidade externa precisa equivaler ao objeto de desejo marcado por representações no aparelho psíquico, mas

como a possibilidade dessa identidade ficou parada (perdida) no tempo, a representação não foi atualizada com as dimensões reais, o objeto de desejo tornou-se muito específico.

2.3 Fantasia e representação

Uma das ocasiões iniciais que elegemos para mostrar um tipo de relação entre fantasia e percepção, que é denominado genético, encontra-se numa das cartas de Freud a Fliess. Vimos na trilha anterior que a gênese ou a origem das fantasias foi associada a coisas ouvidas ou vistas na tenra infância. Ressaltamos as modalidades perceptivas ligadas à origem das fantasias e, ainda, indicamos que um dos desdobramentos dessa ideia é que a percepção inscreve traços mnêmicos no aparelho psíquico, o que nos levou a apontar como a matéria-prima das fantasias alguns traços mnêmicos auditivos ou visuais provenientes da infância. Sabemos que Freud relacionou os traços mnêmicos com o conceito de representação, e entendemos que uma representação é um conjunto de associações entre traços mnêmicos. Essa ideia está presente em pelo menos três textos de Freud, “Sobre a concepção das afasias” (1891), “O inconsciente” (1915) e “A negação” (1925). Seguindo esse caminho de estudo se torna evidente a associação das fantasias com as representações, sendo o traço mnêmico o elo de ligação.

Um outro reforço à proposição das fantasias ligadas às representações através dos traços mnêmicos apareceu no texto “Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses” (1906), no qual, nas palavras de Strachey, foi a “primeira insistência [de Freud] na importância das fantasias” (p. 257). O trecho no qual Freud escreveu sobre a fantasia é muito denso, mas para o nosso interesse esta curta passagem servirá: “[há] entre os sintomas e as impressões infantis, a interposição das fantasias (ficções mnêmicas) [...]” (Freud, 1906/2006, p. 261).

O nosso interesse está na definição das fantasias como ficções mnêmicas, em especial, por essa terminologia mostrar diretamente a relação que estamos buscando colocar em evidência. O termo ficção traz em seu bojo a ideia de distanciamento da realidade, de produto da imaginação, o que está alinhado com o conceito de fantasia.

Em nossa pesquisa, chegamos a dois caminhos que apontam para os traços mnêmicos como matéria-prima das fantasias, o que pode ser dito de outra maneira se substituirmos os traços por representações. Insistimos nesse ponto tanto por estarmos na seção dedicada a este objetivo, quanto porque esta é uma das aberturas para pensarmos as relações entre percepção e

fantasia. Um dos caminhos segue pela explicitação do mecanismo dos atos falhos perceptivos e o outro pela articulação do que podemos entender por encenação de uma fantasia inconsciente. No primeiro, temos a ideia de uma fantasia inconsciente ativada, investida, devido a certo encadeamento de percepções sensoriais, seja ele proveniente da leitura ou da audição, de modo que a fantasia transpõe a censura e se impõe à consciência, ocupando certo lugar naquela própria cadeia de encadeamento perceptivo, o que vem a corresponder ao ato falho. No segundo, a encenação das fantasias inconscientes, podemos pensá-la como a libido recalcada investindo a sequência de representações que formam certa fantasia de desejo como se fosse o próprio desenrolar de um pensamento ou de uma cena.

Aproveitando a ideia de que a encenação de uma fantasia de desejo inconsciente pode corresponder a uma cena, temos considerações a fazer partindo do livro “A interpretação dos sonhos” (1900). Ao acompanharmos as ideias de Freud sobre as fantasias e suas relações com os sonhos, chegamos à proposição de que é possível distinguir dois tipos principais dessas relações. O primeiro tipo aparece quando Freud equaciona as fantasias como fachada ou roteiro dos sonhos. Pode-se dizer que é uma função estrutural das fantasias inconscientes. A elaboração secundária apoia-se, substancialmente, nessa função. O outro tipo associa as fantasias com o desejo inconsciente (ou onírico), compondo a noção de fantasia de desejo, o que ficou muito bem colocado por Laplanche e Pontalis (1990): “o desejo não é puro surgimento da pulsão, mas está articulado na frase da fantasia” (p. 84).

Partimos da hipótese que tanto a noção de ‘roteiro’ ou de ‘fachada’ quanto a noção de ‘frase da fantasia’ apontam para a composição representacional das fantasias inconscientes. O que queremos dizer com isso? Tanto no nível pré-consciente quanto no inconsciente, as fantasias podem ser entendidas como encadeamentos de representações que carregam um sentido associado ao recalcado. As representações podem compor, por exemplo, uma cena cenestésica, na qual concorrem traços mnêmicos de várias modalidades perceptivas. Um roteiro pode ser entendido como um diagrama de representações que carregam um sentido dentro de um campo específico de afetos. O trabalho do sonho pelo expediente da elaboração secundária pode se apropriar de tais diagramas para montar a estrutura dos sonhos. Essas representações, geralmente, nos sonhos, correspondem a imagens visuais ou auditivas. A ideia de frase da fantasia pode nos levar para a dimensão verbal na medida em que também podemos concebê-la pelas representações de palavras associadas com as representações de coisas.

Como bifurcação, propomos nos debruçar por um momento na relação da fantasia com a memória, pois entendemos que este constitui mais um caminho que mostra a conexão das

fantasias com as representações. Esse assunto já era alvo do interesse de Freud pelo menos desde o ano de 1897, visto que numa carta a Fliess ele escreveu o seguinte:

Pois bem, vejo que a defesa contra as lembranças não impede que elas dêem origem a estruturas psíquicas superiores, que persistem por algum tempo e, depois, são elas mesmas submetidas à defesa. Esta, porém, é de um tipo altamente específico — precisamente como nos sonhos, que contém *in nuce* toda a psicologia das neuroses. O que temos diante de nós são falsificações da memória e fantasias — estas referentes ao passado ou ao futuro (Freud, 1897/2006, p. 256)

O texto “Lembranças encobridoras” (1899) trata exatamente dessa relação entre a fantasia e a memória. Temos em mente um curto trecho ilustrativo: “[...] parece claro que essa representação [o pão do interior com sabor delicioso], que equivalia quase a uma alucinação, correspondia à sua fantasia da vida confortável que teria levado [...]” (Freud, 1899/2006, p. 297, nota entre colchetes do autor).

Esse trecho deixa evidente a relação da fantasia com a representação. Outro aspecto que aparece nessa passagem é o fator de embelezamento que a fantasia pode introduzir nos fatos infantis. Se a fantasia de desejo é de uma ‘vida confortável’ no campo, então podemos supor, levando em conta tal fator de correção, que provavelmente levava uma vida dura na cidade.

Ainda no mesmo texto, Freud indicou que é possível para as fantasias se projetarem umas nas outras obtendo como resultado uma cena que passa a ter valor de lembrança infantil. Ele denominou esse tipo de recordação de lembrança encobridora e destacou a sua capacidade de atingir a consciência, apresentando uma cena, talvez “em si mesma irrelevante”, mas que, na verdade, representa fantasias inconscientes. Nas suas palavras: “Uma recordação como essa, cujo valor reside no fato de representar na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo está ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes, pode perfeitamente ser chamada de ‘lembranças encobridoras’” (Freud, 1899/2006, p. 298).

O que Freud descobriu foi cenas ou lembranças do passado que tanto os neuróticos quanto as pessoas normais têm em comum, que, porém, quando analisadas mostram que trazem efeitos de fantasias inconscientes. No texto, ele passou, então, a explorar os motivos que levam as fantasias inconscientes a se disfarçarem em lembranças encobridoras. O elemento sexual apareceu como o fator que mantém a fantasia inconsciente incapaz de evoluir para uma fantasia consciente. Esse impedimento suscita a transformação da fantasia [ou das fantasias] em cenas infantis capazes de aprovação pela censura. “É precisamente o elemento grosseiramente sensual da fantasia que explica por que ela não evolui para uma fantasia consciente, devendo antes

contentar-se em se transformar alusivamente e sob um disfarce floreado numa cena infantil” (Freud, 1899/2006, p. 299).

A relação que se estabelece entre certas fantasias e uma cena da infância necessita de pelo menos um ponto de contato. Freud indicou que basta a cena infantil ter um traço mnêmico comum com as fantasias inconscientes para que este processo de encobrimento se efetue. O que se obtém dessa ideia é a composição das fantasias em traços mnêmicos, condição que já vimos acima. Com isso apontamos, diretamente, para o conteúdo formativo das fantasias, a saber, as representações. E, naturalmente, para a ideia de tomar uma fantasia por um pensamento.

Avançando cronologicamente na obra de Freud, podemos saltar para o livro “O Eu e o Id” (1923). Vale dizer que o conceito de fantasia não recebeu um tratamento especial nesse texto que ficou conhecido por introduzir a segunda tópica. Entretanto, damos destaque à maneira como Freud tratou as fantasias pré-conscientes através de uma espécie de pensamento visual. O fato de a fantasia ser tomada por um tipo de pensamento recebe aqui um reforço, apesar dessa orientação visual. Ele defendeu a ideia de que esse pensar por imagens visuais é um tipo de processo mais próximo dos próprios processos inconscientes. Por fim, lembramos que o Ics é o lugar psíquico das representações das coisas e que a fantasia está relacionada com a representação, sendo essa a sua matéria prima.

3. Sonhos: pensamentos, fantasias e percepções

A imagem do sonho é uma quase-percepção, diríamos uma percepção em réplica⁴⁰

Não é o sonho que forma a fantasia, e sim a atividade inconsciente da fantasia que tem a maior participação na formação dos pensamentos oníricos⁴¹

O estudo dos sonhos e seus usos clínicos, entre alguns psicanalistas contemporâneos, mantêm vivo o interesse pelo fenômeno tal qual o empreendido por Freud ao longo de sua obra, especialmente, no livro “A interpretação dos sonhos” (1900). Este capítulo visa ao aprofundamento das relações entre percepção e fantasia por meio do estudo da formação dos sonhos, enfatizando o trabalho do sonho. Reconhecemos no processo onírico uma ocasião privilegiada para tal ensaio, pois, tal como já comentamos no capítulo anterior, as fantasias têm participação na formação dos sonhos a partir das duas extremidades que compõem o trabalho do sonho. Num extremo, as fantasias de desejo; no outro, as fantasias que o expediente da elaboração secundária utiliza na composição da ambientação (fachada) do sonho⁴². O sistema perceptivo é o alvo da regressão onírica, sendo que isso tem uma consequência muito relevante, pois impõe aos expedientes do trabalho do sonho a necessidade de figurabilidade.

Assim, nos deparamos com o trabalho de figurabilidade, o que nas palavras de Freud veio a ser um dos expedientes do trabalho do sonho, denominado de ‘consideração pela figurabilidade’ (*Rücksicht auf Darstellbarkeit*). Sobre a transformação dos pensamentos latentes do sonho em imagens sensoriais (visuais, auditivas etc.) – “quando o processo onírico se transforma em conteúdo perceptivo” (Freud, 1900/2013, p. 602), ou seja, o movimento em direção à matéria bruta das representações –, vale pontuar que a transformação levada a cabo nesse processo consiste no essencial do trabalho do sonho.

Numa das tentativas de Freud em demarcar esse trabalho, ele buscou sua definição em relação ao tipo de pensamento de vigília, no sentido que o pensamento do sonho deve ser “inteiramente diferente do ponto de vista qualitativo” (Freud, 1900/2013, p. 533). Continuando

⁴⁰ Green, 2010a, p. 127.

⁴¹ Freud, 1900/2013, p. 619.

⁴² Fachada do sonho: os palcos onde se desenrola o drama representacional que lembramos ou relatamos de um sonho.

com a contraposição, Freud (1900/2013) escreveu: “o trabalho do sonho absolutamente não pensa, calcula ou julga, mas *se limita a transformar*” (p. 533).

Esse ponto não passou despercebido aos olhos de Green e de Pontalis. Ambos buscaram destacar o trabalho do sonho como um tipo específico de pensamento, reforçando a noção de pensamento do sonho. Green (2010a), numa tentativa de demarcar a diferença entre esse tipo de pensamento e o do tipo de vigília, sugeriu a designação de ‘pensamento não pensado’.

O caminho pelo qual Pontalis (1991) aporta nesse novo regime de pensamento não parte da comparação com o tipo de pensamento de vigília, de modo que, por ser outro trajeto, merece nossa atenção e nos propiciará novos emaranhados teóricos, que teremos a oportunidade de desenrolar mais à frente. Foquemos em seu percurso, que se tratou de abordar o *primado do visível no sonho*. O ponto de partida retoma a filiação entre o Inconsciente e as representações de coisas; na sequência, Pontalis segue pelo traçado de uma correspondência entre a alucinação primitiva e o sonho, passando pela característica marcante da convicção de realidade que acompanha o sonhar, para um pouco à frente no desenvolvimento do argumento, afirmar: “o sonho é coisa vista” (p. 45). O sonho tem um visual, entretanto, como salienta o autor, um visual singular, pois é intenso, evanescente, inapreensível e esguio à observação⁴³. “Esse visual é decididamente muito estranho; estranho, de qualquer forma às nossas categorias habituais de pensamento” (p. 45). Esse visual, o sonho, conforma-se segundo o trabalho ou o pensamento do sonho. Acompanhemos algumas palavras de Pontalis (1991).

Quando saudamos, num tratamento, como sendo um acontecimento psíquico, o advento ou o retorno da capacidade de sonhar – tão distante da produção intensiva de sonhos –, não é apenas porque vemos nisso uma oportunidade, para nosso paciente, de entrar em contato com aspectos recalcados ou clivados de sua pessoa. *É porque pressentimos que essa capacidade oferece uma possibilidade de suscitar nele um outro regime de pensamento* (p. 47, grifo nosso).

Pois, então, é realmente preciso destacar essa noção de *pensamento do sonho*⁴⁴, um tipo de pensamento distinto do pensamento de vigília, o que leva à possibilidade de diferenciar ao

⁴³ O visual do sonho “desfaz suas ligações com o mundo visível; ele faz ver o que escapa à vista: fantasmas, almas de outro mundo, paisagens desconhecidas” (Pontalis, 1991, p. 46).

⁴⁴ Apenas para mostrar como Freud tratava o trabalho do sonho como um tipo específico de pensamento, sugerimos essa passagem: “Mas como devemos imaginar então o estado psíquico que, durante o sono, precede o sonhar? Os pensamentos oníricos se encontram todos lado a lado ou são percorridos sucessivamente? Ou várias cadeias simultâneas de pensamento se formam em centros diversos e se reúnem depois? [...] *não esqueçamos que se trata de um pensamento inconsciente* e que o processo pode muito bem ser distinto daquele que percebemos em nós na reflexão intencional, acompanhada de consciência” (Freud, 1900/2013, p. 303, grifo nosso).

menos dois tipos de pensamento. Serão eles os únicos que a psicanálise elencou e se apropriou teoricamente?

Num artigo no prelo⁴⁵, no qual levamos a cabo a tentativa de traçar uma metapsicologia da percepção inconsciente, na parte em que abordamos o trabalho de figurabilidade, apontamos que este poderia operar através de três lógicas de pensamento inconsciente: a do recalcado, a do receptivo e a do pré-consciente (Bollas, 2013). Também adicionamos a proposição de que, para cada lógica, corresponderia um arranjo metapsicológico (Botella & Botella, 2002, 2003; C. Botella, 2007). Na busca de exemplificar as distinções entre os tipos de pensamento inconsciente, oferecemos as ideias a seguir.

No nível pré-consciente, o trabalho de figurabilidade, equivalente à formação das imagens hipnagógicas relatadas por Silberer, seria comparável à dinâmica da fantasia pré-consciente-consciente. A título de ilustração, lembramos deste breve relato de Silberer, no qual a cadeia representacional que o preocupava antes de adormecer – “pretendo melhorar um trecho desigual de um ensaio” – foi transformada na imagem visual dele “aplainando um pedaço de madeira” (Silberer apud Freud, 1900/2013, p. 368).

Nossa tentativa de figurar o trabalho de figurabilidade na lógica do pensamento inconsciente receptivo – trabalho que também levamos a cabo no mencionado artigo no prelo – está ligada àquilo que Bollas (2002, 2013) denominou de par freudiano, que é o encontro da associação livre (paciente) com a atenção livremente flutuante (analista). Desse encontro resulta a possibilidade de abertura para uma comunicação inconsciente por meio da percepção inconsciente. Como já vimos no primeiro capítulo, mostramos que uma das maneiras de compreender a percepção inconsciente é tomá-la por uma capacidade de desvelar configurações psíquicas relevantes à situação analítica. Bollas (2002) adiciona que, no caso da fala livre do paciente, o que pode ser desvelado é a lógica da sequência. Para esse caso, sugerimos um exemplo do próprio autor, que nos parece muito ilustrativo. Ele trabalha com uma vinheta clínica que se apresenta como um encadeamento de ideias de um paciente:

Um paciente fala em ouvir a Missa em Si Menor, de Bach; após uma pausa, fala em ir à Selfridges [loja de departamento] para comprar um taco de críquete para seu filho; depois menciona uma conversa com um amigo cujo tema foi o significado de lealdade; depois se refere a uma recordação da juventude... (Bollas, 2002, p. 17).

A partir, exclusivamente, desse relato, Bollas (2002) reconhece ser muito difícil determinar quais seriam as ligações entre os pensamentos relatados. A seu ver, apenas a

⁴⁵ Bandeira (no prelo).

possibilidade de acompanhar outras associações do paciente poderia levar à revelação de “um padrão de pensamento composto dessas linhas de ligação entre ideias díspares” (p. 18). Ele indica que a lógica dessa curta sequência “pode revelar” outro pensamento. Acompanhemos como ele expôs esse ponto.

Enquanto o analisando faz associações livres, apresentando uma profusão de sons, o analista recebe uma rede complexa de correlações – quase sempre inconscientemente. Existe, então, não um único encadeamento de pensamentos, mas linhas múltiplas de interesse psíquico, que transitam por momentos da vida como uma inteligência brilhante e silenciosa. O analista, ao entrar no estado de atenção livremente flutuante, coloca-se sob influência da ordem inconsciente. Guiado pela lógica do encadeamento de ideias do paciente, o analista descobre retrospectivamente, em certo momento, o significado (ao menos parcial) do que o paciente disse até então (Bollas, 2002, p. 19).

Há ainda outra maneira de se abordar o trabalho de figurabilidade dentro da lógica do pensamento inconsciente receptivo. Aqui é preciso lembrar de parte dos argumentos que desenvolvemos tanto no Capítulo 1, quanto em outro trabalho (Bandeira, 2015), quando buscamos acompanhar o movimento intersubjetivo de elaboração de uma experiência traumática.

Na busca de uma síntese do trabalho citado⁴⁶, apresentamos o seu argumento principal assim: as *reveries* produzidas em sessão analítica são os produtos de um processo em cujo início podem estar as percepções inconscientes. Na relação da dupla analítica, o efeito do par freudiano, isto é, a fala livre de um lado e a atenção igualmente flutuante de outro, abre as portas para a comunicação inconsciente intersubjetiva. Esta comunicação, por sua vez, toma corpo na matriz transferencial-contratransferencial produzida pela dupla, e é capturada pelas percepções inconscientes por meio do trabalho do inconsciente receptivo, das quais os efeitos são interpeladores do trabalho de figurabilidade. As figurabilidades, por sua vez, abrem campos de significação aos núcleos traumáticos, permitindo ao não-representável ganhar uma rede representacional, de modo tal a ser incluído nos fluxos afetivo-representacionais do Eu coerente.

Para ilustrar o que foi dito acima, vejamos como articulamos tais ideias com o apoio de duas vinhetas clínicas, uma proveniente do Ferenczi e outra do casal Botella.

O curto percurso figurativo da primeira vinheta começa com o relato de um breve sonho retirado do diário clínico de Ferenczi: uma mulher força a sonhadora a enfiar em sua boca o seio flácido dela. A impressão da paciente, identificada como R.N. no diário clínico, é de que

⁴⁶ Bandeira (2015).

tal "fragmento onírico é uma mistura dos conteúdos psíquicos inconscientes do analisando e do analista" (1932/1990, p. 45). Entendemos ser importante destacar, na companhia de Coelho Junior (2004), que a impressão da paciente sobre a formação do sonho constitui um ótimo exemplo de intersubjetividade na clínica psicanalítica.

Gostaríamos de chamar a atenção para o que aconteceu com o analista logo após o relato do sonho feito pela paciente. Ela pediu a Ferenczi que se deixasse submergir e, se ele pudesse, que adormecesse. Ele nos diz que as suas associações foram em direção a um evento de sua infância, no qual tinha um ano e meio. Era uma recordação de sua 'ama-seca'. Ele também relatou que se entregou ao trabalho associativo embebido numa atmosfera emocional, cujo efeito foi a vinculação de sentimentos ao evento traumático da paciente.

A nosso ver, Ferenczi, quando submergiu – e, nós acrescentaríamos, ofereceu seu inconsciente receptivo – numa relação empática intersubjetiva com R.N., pôde, junto com sua paciente, sonhar o sonho dela, como efeito da comunicação inconsciente. O analista foi levado pelas suas associações – e, nós acrescentaríamos, pelo seu pensamento formal em percurso regrediente – a produzir uma *reverie*, cuja figurabilidade foi uma recordação de sua própria infância, “uma história de *sua ama de leite*”, que se tratava de um drama referente à sua sexualidade infantil e que estava em ressonância com as experiências traumáticas da paciente.

A segunda vinheta trata do garoto Thomas, cujo relato clínico foi intitulado “Thomas e o lobo” (Botella & Botella, 2003). Uma breve descrição do caso nos ajudará a chegar ao ponto de interesse. O garoto tinha quatro anos quando começou a análise. O seu curto histórico de vida, até então, incluía diversas hospitalizações para intervenções cirúrgicas. Por conta de seu lento desenvolvimento, Thomas apenas pronunciava poucas palavras inteligíveis e seus pais reconheciam nele traços autísticos.

O trabalho analítico realizado com Thomas pode ser dividido em dois momentos relevantes que valem ser destacados. A marca principal do primeiro momento situou-se nas intervenções do analista e no efeito em Thomas. O garoto apresentou alguns comportamentos em sessões – como cheirar profundamente um pote de cola, e posicionar-se frente à janela com os olhos bem abertos, visando receber os raios de sol sem pestanejar – que levaram o analista a construir interpretações que os conectavam às fortes impressões sensoriais deixadas pelas intervenções cirúrgicas. Essas interpretações não aliviavam o garoto e, ao final das sessões, ele manifestava angústias despersonalizantes. Acompanhemos algumas palavras do casal Botella (2003) sobre esse primeiro momento: “O estado de desamparo de Thomas era de tal magnitude

que [...] o garoto estava fora do alcance de qualquer comunicação habitual, pois não podia ouvi-las" (p. 42).

O segundo momento caracterizou-se pela mudança na intervenção do analista. No final de uma sessão, o analista tinha à sua frente "o garoto pálido, imóvel, com o olhar perdido" (p. 43) e, ao invés de tecer interpretações sobre a separação, ele se dirigiu a Thomas assim: "Crra... Crra! Vc tem medo de lobo?! ", e, sem pensar, o analista imitou um lobo atacando o garoto. Este, enlouquecido, fez sinais para que o analista parasse e, ao mesmo tempo, acalmou-se; seu desassossego desapareceu e ele pôde ir embora. A imitação do lobo repetiu-se ao final da sessão seguinte, e Thomas já não se despersonalizou.

Diversos elementos interessantes podem ser destacados a partir desta vinheta clínica. Ressaltamos que as marcas sensoriais das intervenções cirúrgicas no aparelho psíquico do garoto não alcançaram a qualidade de representações psíquicas. Ficaram como elementos sensoriais não-representados, cujos efeitos de desamparo desorganizaram o psiquismo do garoto. Em outras palavras, o não-representável de Thomas coincidia com as marcas traumáticas enquistadas em seu psiquismo. Visando a uma melhor compreensão, vamos acompanhar mais algumas palavras do casal Botella (2003):

A não-representação corresponderia a um estado psíquico que, pelas ausências de representações assim como de qualidades sensoriais e pela sua incapacidade de excitar pela via progrediente o polo Cs, somente pode ser descrito mediante uma terminologia negativa. [...] A não-representação é vivida pelo Eu como um excesso de excitação; e se o psiquismo não alcança uma vivência de inteligibilidade acessível ao sistema de representações por meio de uma transformação, o Eu a viverá como traumática (p. 161).

O lobo, um *flash* do analista, foi o resultado do seu trabalho de figurabilidade. Os efeitos dessa figurabilidade foram assim descritos pelo casal Botella (2003): "Sob os efeitos do poder de captação próprio da figurabilidade do analista, vemos nascer no garoto um esboço do mundo representacional" (p. 45).

As condições que promoveram no analista o mergulho no trabalho de figurabilidade, ou melhor, as quais lhe permitiram 'sonhar', arranjaram-se em resposta a "um sinal de alarme do perigo do não-representável que esteve a ponto de despertar no analista" (Botella & Botella, 2003, p. 46). O resultado do trabalho figurativo, o animal feroz, aconteceu como fruto de uma regressão do pensamento formal do analista que, de modo semelhante ao que aconteceu com Ferenczi, também o remetera à sua sexualidade infantil.

Esses dois trabalhos de figurabilidade foram possíveis devido à comunicação intersubjetiva do par analítico, e promoveram abertura representacional para o que, até então,

encontrava-se no reino do não-representado. Em outras palavras, essas duas figurabilidades permitiram a R.N. e a Thomas novas chances de elaboração de seus traumas.

Por fim, numa regressão ao sistema inconsciente (Inconsciente), o trabalho de figurabilidade poderia ser equiparado ao trabalho ou pensamento do sonho. Ilustrá-lo, porém, seria uma tarefa que ultrapassaria os propósitos desta pesquisa, visto que, como nos lembra Pontalis (1991), “para desenvolver algumas imagens de sonhos, ele (Freud) é obrigado, a escrever páginas e páginas” (p. 41). Entretanto, dada essa ressalva da incompletude da missão, resgatamos um sonho do livro dos sonhos junto de alguns de seus pensamentos oníricos encontrados após a sua interpretação. Trata-se de um sonho de uma paciente de Freud.

Ela vai à cozinha e censura as duas empregadas por não ficarem prontas ‘com o bocadinho de comida’. Nisso ela vê um grande número de utensílios de cozinha emborcados para escorrer – na verdade, empilhados aos montes. As duas empregadas saem para buscar água... (Freud, 1900/2013, p. 338).

Um dos pensamentos oníricos desvelados por trás do sonho manifesto foi este: “pois provenho dessa casa, de um ambiente tão mesquinho e desagradável”. Outros pensamentos latentes se ligavam à casa paterna da paciente e às relações que tanto o pai (envolvimento sexual) quanto a mãe (conversas na cozinha) mantinham com as empregadas. Já aqui reconhecemos nosso esforço para sintetizar a lista dos pensamentos latentes em ideias mais gerais, ou seja, reencontramos a ressalva feita acima.

Ainda na tarefa incompleta de figurar o trabalho de figurabilidade dentro do trabalho do sonho, pensamos em resgatar as categorias operativas listadas por Freud no livro “A interpretação dos sonhos”. Estamos nos referindo aos recursos figurativos do sonho, uma série de expedientes que visam à transformação em imagens das relações entre os pensamentos latentes, para compor o tecido do sonho. Vejamos como Freud coloca esse ponto:

Naturalmente, cada uma das partes dessa complicada estrutura se encontra nas mais variadas relações lógicas com as demais. Elas constituem primeiros e segundos planos, digressões e comentários, condições, argumentações e objeções. Quando toda a massa desses pensamentos oníricos é submetida à pressão do trabalho do sonho, que gira, fragmenta e junta essas partes, mais ou menos como pedaços de gelo flutuante, surge a questão de saber o que é feito dos laços lógicos que até então tinham constituído a estrutura. Que figuração experimentam no sonho os ‘quando’, ‘por que’, ‘como’, ‘embora’, ‘ou – ou’ e todas as demais conjunções sem as quais não podemos compreender orações nem discursos? (Freud, 1900/2013, p. 334-335).

As relações causais entre os pensamentos latentes podem se exprimir compondo dois sonhos, o primeiro ligado à causa e o segundo à consequência, de modo que, numa generalização, “a causação é figurada por uma sucessão” (Freud, 1900/2013, p. 339). Quando

os pensamentos oníricos compõem alternativas, lembrando a situação ‘ou – ou’, a figuração costuma desconsiderá-las ao uni-las num só contexto, sendo o sonho da injeção de Irma um ótimo exemplo. Esse mesmo movimento de unificação contextual se repete frente à oposição e à contradição dos pensamentos oníricos.

Há ainda as relações de semelhança, de concordância e de caráter comum que via ‘identificação’ e ‘formação mista’ ganham suas figurações no sonho. No caso da identificação, como exemplo, sugerimos, novamente, o sonho da injeção de Irma, no qual, via apropriação de um trecho da interpretação levada a cabo por Lacan (1987), ressaltamos a parte em que Freud entra em contato com a imagem da garganta de Irma, cuja descrição aponta para um momento angustiante: “mas a boca se abre, e à direita *encontro* uma grande mancha branca, e noutra parte, sobre estranhas estruturas curvas que imitam de maneira evidente os cornetos nasais, *vejo* amplas costas cinza-esbranquiçadas”⁴⁷ (Freud, 1900/2013, p. 128).

Na sequência do sonho, Freud, apressadamente, chama outros médicos presentes no local para repetir o exame. A entrada em cena desses médicos, doutor M, Otto e Leopoldo, foi interpretada como uma decomposição espectral da função do Eu nessa série de eus imaginários que conectados pela identificação fazem parte da unidade do Eu. Esse breve apanhado dos recursos figurativos do sonho nos ajuda a compreender a complexidade do que se passa por trás daquilo que Freud resumiu sobre o pensamento do sonho ao dizer: “se limita a transformar”.

Naturalmente, devemos adicionar os expedientes de condensação e de deslocamento à ação transformadora do pensamento do sonho. Ambos os modos de funcionamento operam sobre as intensidades das representações. Na formação dos sonhos, os pensamentos oníricos demandam mais intensidade do que eles dispõem e é por meio da condensação que isso se torna possível. No caso do deslocamento, sob pressão da censura, as intensidades deslizam entre representações, “chegando à transvaloração de todos os valores psíquicos” (Freud, 1900/2013, p. 533). É por meio desses procedimentos que elementos aparentemente insignificantes de um relato de um sonho podem corresponder a pensamentos oníricos “essenciais e acentuados por um interesse intenso” (p. 329).

Dessa forma, mesmo que de modo incompleto, listamos alguns procedimentos figurativos que operam nesse tipo de pensamento inconsciente. Além de todo o nosso esforço em descrever o trabalho do sonho, deixamos por último o aspecto mais importante,

⁴⁷ Chamou nossa atenção os verbos utilizados no relato do sonho nesse trecho, ver e encontrar, ambos ligados com a visão, com a vista, com o visual, com o perceptivo, pois associamos imediatamente com a coisa vista de Pontalis.

provavelmente não para a figurabilidade, porém, sim para a sua definição. Encontramos em Green (2010a) um arranjo expositivo adequado para enfatizar o ponto de nosso interesse. Antes de apresentá-lo, lembramos que já tocamos nele, ainda que brevemente e de passagem, quando trouxemos uma citação de Bollas (2002) na qual surgiram essas palavras sobre o trabalho do sonho: “uma inteligência brilhante e silenciosa”. Destacamos a característica silenciosa desse pensamento, e é aqui que trazemos a contribuição de Green:

Mas o mais inconsciente não é representativo e não é representado no sonho, é o trabalho que aí está em atividade. *Posto a serviço da figurabilidade, ele é invisível como os dedos do manipulador de marionetes por trás da **tela do sonho*** (2010a, p. 127, grifos nosso).

Voltaremos a trabalhar com o conteúdo dessa citação adiante, porém, agora, é preciso contemplar um outro tipo de sonho, no qual os expedientes figurativos citados acima ficam ausentes. Trata-se dos sonhos traumáticos, fenômeno que obrigou Freud a rearticular a sua tese de que todos os sonhos correspondiam à realização de desejos inconscientes. Entendemos que não é o caso, dado os propósitos desta pesquisa, em nos alongarmos sobre a interessantíssima história por trás da evolução teórica sobre o entendimento desses sonhos, pois temos outro interesse com eles.

A apresentação da mesma cena traumática, a sua repetição vezes sem fim, esse modelo que congela e reproduz, que leva o sonhador de volta ao acontecimento: “o sonho traumático é flashback e parada de câmera sobre a imagem” (Pontalis, 1991, p. 35). Nestes casos, tanto as fantasias de desejo que tomam parte numa extremidade, quanto aquelas utilizadas na outra extremidade pela elaboração secundária não participam do sonho, ou se viessem a participar, provavelmente, tal parcela seria reduzida. Até aqui sem novidades, apenas resgatamos o lado visual do sonho traumático, porém, foi exatamente a partir desse visual enrijecido que Pontalis partiu para introduzir aquilo que mais nos interessa detalhar neste momento.

A concepção de trauma a partir do texto “Além do princípio do prazer” (1919) recebeu um novo tratamento. Desse arcabouço teórico, queremos chamar a atenção para o momento em que o ‘escudo protetor’ contra estímulos externos é rompido, situação caracterizada como primeiro momento do trauma. O argumento de Pontalis (1991), que estamos nos apropriando e expondo neste instante, é: “quando o escudo protetor foi rasgado e *o suporte projetivo destruído, a letra imagística do sonho não pode mais escrever-se*” (p. 36, grifo nosso).

O suporte projetivo do sonho foi devastado. O que isso quer dizer? É aqui que retomamos uma ideia daquela citação acima: a tela do sonho. Nos sonhos traumáticos, a tela do sonho é colocada de lado, inutilizada. Se lembrarmos da via curta – aquela que discutimos no

primeiro capítulo quando tratamos do pensamento do analista em regressão tópica e formal chegando a uma imagem, por exemplo, um flash ou uma reverie –, podemos ligá-la com o caminho visual do sonho traumático, uma apresentação próxima do pesadelo. “A fixidez do Trauma – ruptura, violação súbita e sofrida – impede o desenrolar do *Traum*⁴⁸ – esse tecido de imagens – para dar todo o lugar a alguma cabeça de Medusa...” (Pontalis, 1991, p. 35).

Introduzimos a noção de interesse ao nosso argumento: a tela do sonho. Agora, é preciso abordá-la no intuito de demarcá-la e justificar o porquê de nossa singular estima; vale frisar que nossa pretensão não é pequena com essa noção, pois, nos adiantando, levantaremos a hipótese de que a tela do sonho é o lugar onde um tipo especial de relação entre percepção e fantasia toma corpo, cuja denominação propomos: relação de tipo configuracional. Em outras palavras, a interpenetração onírica entre percepção e fantasia configura o que se denominou de tela do sonho: “é a superfície na qual o sonho parece ser projetado. É o fundo em branco, presente no sonho ainda que não necessariamente seja visto, e a ação visual percebida nos conteúdos do sonho manifesto comum acontece sobre ela ou diante dela⁴⁹” (Lewin, 1946, p. 420, tradução nossa)⁵⁰.

Green (2010a) foi outro autor que se deixou tocar pelo valor da noção de tela do sonho. Inclusive, conforme veremos adiante, é possível conceber um valor teórico enorme para ela, especialmente, quando unida à noção de alucinação negativa. Certamente, fomos rápido nesse ponto, logo, tentemos nos deter um pouco sobre a ideia de tela do sonho.

A ideia original vem de Lewin (1946), citado acima, entretanto, a apropriação da ideia de tela do sonho que Green (2010a) e Pontalis (1991) realizam deixa de lado algo no mínimo curioso: a tela do sonho representaria o seio durante o sono. Seguiremos ambos os autores deixando esse detalhe de lado, mas vale pontuar que a conexão que Lewin traçou partiu do primeiro sono do bebê, logo após a primeira mamada. O intrigante artigo traz outra contribuição que pensamos ser importante registrar aqui, pois encontramos uma ligação entre a tela do sonho e a elaboração secundária. Para chegarmos no ponto, precisamos contar um trecho de um sonho descrito no artigo. A sonhadora relata que havia uma enorme treliça de ferro entre ela e uma paisagem. A análise do sonho animou memórias antigas da paciente, todas ligadas à sua mãe e ao período em que esta passou por uma cirurgia de ablação dos seios e precisou utilizar, na

⁴⁸ Em alemão a palavra *Traum* significa sonho, enquanto trauma é *Trauma*.

⁴⁹ Sugerimos como exemplo ilustrativo do ‘diante da tela,’ as televisões 3D dos dias atuais.

⁵⁰ No original: “it is the surface on to which a dream appears to be projected. It is the blank background, present in the dream though not necessarily seen, and the visually perceived action in ordinary manifest dream contents takes place on it or before it”.

sequência, uma armação de metal acolchoado. Pensamos que a figura da treliça corresponderia, adequadamente, a um resultado da função da elaboração secundária, na medida em que a treliça do sonho também pode ser entendida como parte da fachada do sonho. Como Lewin ligou a treliça à tela do sonho, sugerimos a associação acima.

Green (2010a) também retoma as ideias de Lewin (1946) quando, no seu artigo, começa a sua argumentação sobre a tela do sonho, ou melhor, sobre o que ele denominou de espaço do sonho. A pergunta inicial da qual ele parte é interessante de ser retomada: “como é constituído o espaço do sonho? A duas, a três, a n dimensões?” (p. 129) A ideia por trás desse questionamento se esclarece quando se opõe à ideia de tela, e à consequente ideia de superfície plana, às possibilidades fenomenológicas de um sonho ligadas à sua profundidade e à vivência dessa profundidade, por exemplo. A resposta de Green coloca em relação três espaços: o do sonho, o do inconsciente e o do corpo. Sigamos as palavras do próprio autor sobre este tópico:

É preciso, portanto, admitir que a tela do sonho se constitui como superfície de projeção sobre a qual as fontes pulsionais projetam a energia pulsional, energia que percorre a superfície psíquica do sonho, iluminando, tal qual um projetor, os traços mnêmicos, avivando-os por essa fonte luminosa e desencadeando o processo das transformações percepção-lembranças-imagens do sonho de acordo com a descrição de Freud. Mas a fonte viva do sonho, para além do desejo, está no espaço corporal e esse espaço tem n dimensões, emitindo seus feixes luminosos, às vezes de uma zona erógena superficial, às vezes de uma fonte mais interna, ou com maior frequência ainda, de várias fontes até produzir o filme onírico (Green, 2010a, p. 129-130).

Continuemos com nossa demarcação da tela do sonho junto com Green (2010a), pois ele discriminou algumas características centrais sobre o espaço do sonho. Faremos um breve apanhado delas. O espaço do sonho é fechado, compartimentalizado, vetorizado, dominado pelo princípio do prazer; é um espaço de conflitos, um espaço de trabalho energético e simbólico, “dominado pela figurabilidade do desejo censurado, artificial e secundariamente tornado coerente pela elaboração secundária” (p. 130). Apreciamos essa lista de características do espaço do sonho, pois notamos que a proposta de uma articulação da interpenetração entre percepção e fantasia vem compor outra característica da tela do sonho.

Quando Green se refere ao fechamento do espaço do sonho, ele relaciona-o com a cessação da percepção junto à inatividade motora do sono, sendo que ambos compõem extremidades opostas no aparelho psíquico da primeira tópica. Uma colocação importante do autor sobre o encerramento do espaço diz respeito à regressão, no sentido desse fechamento ser uma das condições disparadoras dos sonhos. De nossa parte, acrescentaríamos que aquela ideia das fantasias partindo das duas extremidades do percurso da formação do sonho – lembrando:

de um lado as fantasias de desejo, e de outro, as fantasias da elaboração secundária – também evoca a possibilidade de se pensar num espaço delimitado, arriscaríamos dizer, o próprio espaço do sonho.

Voltemo-nos, agora, para algumas contribuições de Pontalis (1991). Ele afirma que “toda imagem de sonho é projetada sobre uma tela”, e prossegue: “preferiríamos dizer: supõe um espaço onde a representação pode se dar” (p. 41). Dado o nosso percurso, é natural conectarmos esse espaço, no qual as representações perfilam os rumos oníricos, com o espaço do sonho demarcado por Green; a nosso ver, sem necessidade de ajustes, tal qual um acoplamento sem sobras. Uma outra ideia importante diz respeito à relação da tela do sonho com a ‘consideração pela figurabilidade’, especialmente, quando Pontalis propõe que a transformação em imagens visuais é condição para inscrição na tela do sonho, ou seja, “os ‘representantes’ do desejo têm de ser visualmente representáveis” (p. 42) para desfilarem sobre ou diante da tela do sonho.

Neste momento, é hora de adentrarmos na relação da tela do sonho com um aspecto da alucinação negativa⁵¹. Foi Green quem desenhou o quadro teórico que buscamos retratar aqui. O nosso ponto de partida encontra-se neste trecho dele: “o sonho aparece como um filme. Assim como um filme ele é projetado sobre uma tela branca, como bem escreveu B. Lewin, tela que é, para nós, aquela da alucinação negativa” (p. 129).

Para compreender essa afirmação, foi necessário buscar uma segunda fonte de Green (2010b), na qual ele articula metapsicologicamente o fenômeno da alucinação negativa. Destacamos o esforço do autor em relacionar a alucinação negativa com a origem da própria produção alucinatória. Logo, torna-se relevante assimilarmos de que se trata essa noção de alucinação negativa, para Green.

Começamos com uma rápida comparação com a alucinação positiva. Em primeiro lugar, ao contrário dela, na alucinação negativa deixa-se de perceber algo da realidade externa. Nas palavras de Green (2010b), “ao *a-mais* da alucinação positiva (percepção sem objeto) corresponderia o *a-menos* da alucinação negativa (não percepção de um objeto)” (p. 178). Vejamos um exemplo proveniente de uma vivência de Freud, relatada no seu livro “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (1901/2006), para ilustrar o fenômeno negativo.

Eu estivera andando em direção ao casal por uma larga rua, reta e quase deserta; a cerca de vinte passos deles, erguera o olhar por um momento,

⁵¹ No quarto capítulo teremos a oportunidade de esclarecer o motivo de nos referirmos a “um aspecto da alucinação negativa”.

vislumbrara de relance suas figuras imponentes e os reconheceu, *mas afastara essa percepção – seguindo o modelo de uma alucinação negativa – pelas razões emocionais que então se efetivaram na fantasia surgida de modo aparentemente espontâneo* (p. 259, grifo nosso).

Também no texto de Green (2010b), encontramos a fantasia inconsciente como um dos elementos que participam do mecanismo da alucinação negativa. Acompanhemos as suas palavras: “De fato, (...) a alucinação negativa que sobrevém em estados não patológicos atesta a proximidade de pensamentos pré-conscientes e percepções externas, com uma representação inconsciente tendo valor de figuração de uma fantasia (...)” (p. 205).

Green (2010b) considera o conflito psíquico entre, de um lado, um conjunto formado por certas representações pré-conscientes e certas percepções, e, de outro, entre estas percepções e determinadas representações inconscientes. Estas representações inconscientes são equivalentes às fantasias inconscientes. O conflito surge da necessidade de “evitar a qualquer preço o encontro entre uma representação inconsciente e uma percepção, como se a percepção adquirisse, então, o valor de uma realização alucinatória do desejo” (Green, 2010b, p. 210).

A didática da exposição de Green merece ser copiada aqui, pois excede certamente a nossa, nesse tema. Metapsicologicamente, ele divide o fenômeno em dois aspectos, ou melhor, em duas faces: uma interna e outra externa. Vejamos:

- sua face externa: uma percepção indesejável, insuportável ou intolerável provoca uma alucinação negativa que traduz o desejo de recusá-la a ponto de negar a existência de objetos da percepção;
- sua face interna: uma representação inconsciente de vontade (abolida) que procura se tornar consciente, mas que é impedida pela barreira do sistema Cs(P). *Ao ceder esta à pressão, o lugar da percepção denegada deixa o espaço vazio* (Green, 2010b, p. 187, grifo nosso).

Seria o choque entre estas duas faces do fenômeno que produziriam seu efeito (des)perceptivo. Green faz uma analogia com dois trens, ambos em alta velocidade, um em direção ao outro, nos mesmos trilhos, para ilustrar sua composição do choque entre os conjuntos representação pré-consciente/percepção e percepção/representação inconsciente (ou percepção/fantasia inconsciente). Voltemo-nos para os efeitos desse choque porque é aí que se sucederia o enquadramento da tela do sonho, além da instalação de outra função psíquica, absolutamente mais essencial que a tela, pois garantiria a própria existência de um psíquico.

O que está em jogo aqui é o lugar da percepção desautorizada (denegada), pois em seu sítio surge (se abre) um espaço vazio, que, por sua vez, pode vir a ser preenchido. Notemos que o ‘ser preenchido’ merece uma melhor explicação. Green propôs a noção de ‘estrutura

enquadrante’ para abarcar o efeito do “quadro vazio da alucinação negativa”, cuja instalação se deve ao choque descrito acima, abastecido pelos afetos em questão: *“No espaço liberado pela alucinação negativa vem se instalar, por projeção, a representação inconsciente sob uma forma difícil de determinar, mas da qual se poderia pensar que ela se reveste dos atributos da percepção (...)”* (Green, 2010b, p. 187, grifo nosso).

Certamente, há muito mais a ser dito sobre a alucinação negativa tanto em seu aspecto fenomenológico do “*a-menos*” na percepção, quanto em seu aspecto constituinte, relacionado “*à tentativa de criar o perceptível ou de se opor ao próprio percebido no que concerne às manifestações psíquicas internas*” (Green, 2010b, p. 226). Com relação à nossa pesquisa, neste momento, fiquemos com a sugestão teórica de que a tela do sonho se constitui como efeito da alucinação negativa, entendida nesse sentido ampliado sugerido por Green. No próximo capítulo, voltaremos ao assunto.

Antes de prosseguir ao próximo tópico, no qual abordaremos a formação dos sonhos e as fases desse processo, gostaríamos de adicionar uma ideia de Pontalis (1991) a respeito da tela do sonho, da percepção onírica e da percepção externa. Para tanto é preciso retomar a ideia do visual dos sonhos como um visual singular, pois na medida em que faz ver o que foge à visão (fantasmas, por exemplo), a percepção onírica pode ser entendida como mais próxima de uma função figurante do que apenas do percebido figurado. Essa elaboração de Pontalis está apoiada numa ideia de Merleau-Ponty, do livro póstumo “O visível e o invisível”, intrigante por sinal, de que “o originário da percepção vígil devia ser procurado na percepção onírica” (p. 55). Num segundo momento, Pontalis (2005) escreveu: “talvez a percepção do sonho poderia ser o modelo de toda a percepção: mais percepção que qualquer percepção desperta” (p. 40).

A formação do sonho

O modelo da formação dos sonhos, tal como o modelo da realização alucinatória do desejo, aponta para o mecanismo alucinatório. Talvez seja melhor nos referirmos a um circuito alucinatório, correspondendo, segundo a proposta do casal Botella (2003), à via longa. Os sonhos são um dos resultados possíveis do acionamento desse circuito. O nosso interesse se volta agora para a explicitação da formação dos sonhos. A ideia aqui se desdobra em 3 tarefas: (i) a partir da metodologia de leitura utilizada por Hanns (1999) que contempla a relação entre trama enfática e trama processual, organizamos a formação dos sonhos, segundo nosso

entendimento dos textos de Freud. Depois (ii), apresentamos as fases da formação dos sonhos expressas no livro “A interpretação dos sonhos” (1900) e as fases da formação dos sonhos expressas no artigo metapsicológico “Complemento...” (1917), e discutimos as diferenças. Na última tarefa (iii), resgatamos a sugestão da modificação topológica do aparelho psíquico assinalada por Freud no artigo e mostramos como ficariam as vias psíquicas no novo esquema proposto.

Pensamos que com a metodologia de Hanns (1999) tivemos a oportunidade de articular algumas ideias que compõem a formação dos sonhos. Entre os procedimentos que ele empregou ao longo do livro queremos destacar os operadores de leitura divididos nas duas tramas, cujas associações têm como objetivo a produção de sentido. Ele considera que as redes semântico-conceituais que compõem o texto freudiano podem ser divididas em tramas enfáticas e processuais. Esse procedimento fica mais claro nas palavras do autor:

Pode se dizer que algumas destas redes semântico-conceituais são constituídas por linhas de força (tramas enfáticas), outras por sequências logicamente encadeadas (tramas processuais). Assim, as palavras, quando se ligam aos conceitos, formam conjuntos articulados, ora enfatizando ideias (tramas enfáticas), ora descrevendo processos (tramas processuais). As tramas enfáticas englobam termos alinhados conforme certas conotações e sentidos comuns que se organizam em torno de uma mesma ideia-força. As processuais abarcam sequências de termos encadeados como elos diversos, mas articulados em função de suas diferenças (Hanns, 1999, p. 191).

Buscamos sintetizar a formação dos sonhos de acordo com os dois tipos de tramas e chegamos a este resultado:

Trama enfática:

Fantasias-desejo inconscientes / restos diurnos / representações de coisas e representações de palavras / censura / regressão / trabalho do sonho (condensação, deslocamento, figurabilidade, elaboração secundária) / traços mnêmicos / material perceptivo / sistema perceptivo / alucinação / consciência onírica.

Trama processual:

O processo tem início na atividade pulsional sob a figura de uma fantasia de desejo inconsciente, cuja expressividade toma corpo na articulação com outras fantasias inconscientes, lembranças infantis recalçadas, além de lembranças e restos diurnos arranjados no sistema Pré-consciente. A animação desse material inconsciente encontra o expediente da censura, ainda

que enfraquecido pelo desejo de dormir do Eu, que impõe ao material as transformações dos expedientes do processo primário, de modo que o produto delas seja aceito pela censura, ou seja, que consiga atravessar os sistemas. É a atividade dos expedientes do processo primário (condensação, deslocamento, figurabilidade, elaboração secundária) que recebe a denominação de trabalho do sonho. Retomemos a dinâmica da formação do sonho: o material onírico, ao se deparar com a censura, passa por processos de deformação e de figurabilidade, em pleno movimento regressivo para o sistema perceptivo. A ocupação desse sistema pelo material perceptivo (sonho manifesto) adquire a qualidade de consciência onírica. A restrição explicativa desse processo está no modo linear e sequencial imposto pela forma da escrita, pois para tornar esse processo mais vivo é preciso adicionar que ele não ocorre de um só golpe, mas “na realidade, trata-se antes de um teste simultâneo deste e daquele caminho, *de um oscilar da excitação de um lado [sistema] para o outro [sistema]*, até que enfim, mediante sua acumulação mais adequada, determinado agrupamento se torne duradouro” (Freud, 1900/2013, p. 604, grifo nosso).

Entendemos que é preciso colocar em evidência dois pontos de nossa síntese da formação dos sonhos. Primeiro, o material latente é constituído de fantasias de desejos inconscientes, de lembranças infantis recalçadas, de material pré-consciente, de pensamentos inconscientes não recalçados e de restos diurnos; esse material, por sua vez, está organizado em encadeamentos de representações de coisas e de palavras. Segundo ponto, a transformação desse material latente em imagens “predominantemente visuais” (Freud, 1917/2010, p. 159) valoriza as representações de coisas, que por sua vez, pela regressão e pela figurabilidade, chegam aos traços mnêmicos mais próximos ao sistema perceptivo; a respeito desses traços, lembramos dos signos de percepção da carta 52, os Wz’s, ou dos primeiros sistemas mnêmicos indicados no livro dos sonhos.

A segunda tarefa visa resgatar as fases de formação dos sonhos que Freud elabora tanto no livro dos sonhos, quanto no artigo “Complemento...”. O nosso principal interesse é mostrar que as fases não coincidem nos dois textos e daremos ênfase aos pontos que marcam a diferença.

Começemos com as fases da formação dos sonhos elencadas no livro dos sonhos, as quais podemos encontrar logo nas primeiras páginas do item D do capítulo VII, onde somos informados que a formação dos sonhos se divide em três momentos. O primeiro momento é reconhecido no movimento do desejo inconsciente de investir nas fantasias inconscientes ou nas lembranças infantis recalçadas e de se dirigir para o Pré-consciente. O segundo momento compreende “a modificação [desse primeiro arranjo] por meio da censura [condensação e

deslocamento], a atração por parte das cenas inconscientes [consideração pela figurabilidade], [e] o penetrar até a percepção” (Freud, 1900/2013, p. 604). A terceira parte do processo onírico é a influência da elaboração secundária, na qual há a consideração pela concatenação e pela compreensibilidade.

A respeito da direção de cada uma dessas fases, tomando por base o modelo do aparelho psíquico do livro dos sonhos, podemos resumi-las da seguinte forma: a primeira fase é progressiva; a segunda fase é regressiva; a terceira fase “é mais uma vez progressiva” (Freud, 1900/2013, p. 603). Vejamos como isso pode ser representado no esquema que segue:

Figura 2 – Cada seta indica uma das fases da formação dos sonhos no modelo do aparelho psíquico do livro “A interpretação dos sonhos” (1900).

Resumindo as fases da formação dos sonhos presentes no livro dos sonhos:

Fase 1: Movimento da fantasia de desejo inconsciente até o Pcs, onde se mistura aos restos diurnos.

Fase 2: Condensação, deslocamento, consideração pela figurabilidade durante a regressão até a percepção.

Fase 3: Elaboração secundária.

Agora, vejamos quais são as fases da formação dos sonhos explicitadas no artigo metapsicológico “Complemento...” (1917). Pensamos que o modo mais sucinto de apresentá-las seja pelas próprias palavras de Freud:

O processo urdido no Pcs, e reforçado pelo Ics, toma um caminho retrógrado através do Ics, rumo à percepção que se impõe à consciência. Essa regressão é a terceira fase da formação do sonho. Vamos repetir as anteriores, para ter uma visão geral: reforço dos vestígios diurnos Pcs pelo Ics – produção do desejo onírico (1917/2010, p. 159).

Resumindo as fases da formação dos sonhos no artigo “Complemento...”:

Fase 1: Produção do desejo onírico inconsciente.

Fase 2: Reforço dos vestígios diurnos Pcs pelo Ics.

Fase 3: Regressão do curso da excitação do Pcs pelo Ics até a percepção.

As diferenças entre os dois modelos de formação ganham evidência à medida que organizamos o material, pois observa-se que as fases não se sobrepõem. As principais diferenças, que podemos destacar, são as seguintes: as fases 1 e 2 do artigo “Complemento...” correspondem à fase 1 do livro dos sonhos. A fase 3 do artigo está no lugar da fase 2 do livro: a regressão onírica. E a fase 3 do livro, a elaboração secundária, está ausente das três fases indicadas por Freud no artigo.

Na sequência dos argumentos no artigo “Complemento...”, Freud apresentou a elaboração secundária como uma função do sistema perceptivo e a incluiu como uma quarta fase da formação dos sonhos. A ideia de Freud é que qualquer conteúdo perceptivo experimenta a elaboração secundária, sendo que o material onírico transformado em material perceptivo estaria sob a ação dessa função. Acompanhem as palavras de Freud (1917/2010) quanto a este ponto: “O processo onírico se completa quando o conteúdo de pensamento, transformado regressivamente, remodelado numa fantasia-desejo, torna-se consciente como percepção sensorial, e nisso experimenta a elaboração secundária a que está sujeito todo conteúdo perceptivo” (p. 161).

A diferença entre a concepção da aplicação da elaboração secundária, no artigo, e o seu uso como expediente do trabalho do sonho, no livro, ganha evidência quando se nota que a direção progressiva, que Freud foi levado a indicar na terceira fase da formação dos sonhos no livro, não foi necessária ao modelo proposto do artigo, pois, de um expediente do trabalho dos sonhos, a elaboração secundária passou a ser, no artigo, função do novo sistema P (Cs).

A nossa hipótese explicativa das diferenças entre as duas listagens das fases da formação dos sonhos recai sobre a alteração topológica que Freud introduziu no artigo, tal como vimos na trilha *Aparelho psíquico e sistema perceptivo*, do capítulo 1. Relembremos: “O aperfeiçoamento posterior desse *esquema desenrolado de maneira linear* precisará contar com a hipótese de que o sistema que se segue ao Pcs é aquele ao qual precisamos atribuir a consciência, ou seja, que $P=Cs$ ” (Freud, 1900/2013, p. 569, grifo nosso). A nossa interpretação dessa nota nos levou a uma nova apresentação do modelo de aparelho psíquico da primeira tópica. Vejamos, graficamente, como ficaria a formação dos sonhos pela via longa a partir do novo arranjo:

Figura 3 – Fases da formação dos sonhos na nova sugestão de arranjo do aparelho psíquico.

Chegamos à nossa terceira tarefa que se desdobra no movimento de mostrar que a nossa sugestão de concepção de aparelho, que desenvolvemos seguindo a mudança topológica indicada por Freud, acomoda com mais coerência as diferenças notadas entre as fases da formação dos sonhos.

Pensamos que algumas observações se fazem necessárias a respeito deste novo arranjo do modelo de aparelho psíquico, em especial quanto às direções progressiva e regressiva do modelo original. Isto porque precisamos, para dar operacionalidade a este modelo, indicar o trajeto acionado por uma percepção externa e o caminho de um pensamento pré-consciente investido pela atenção de modo a se tornar consciente. Vale frisar que a atenção, a consciência e a elaboração secundária foram alocadas como funções do novo sistema P (Cs).

Nesse modelo, uma percepção sensorial seria vivenciada como consciente no próprio sistema P (Cs), e seus traços seguiriam o sentido progressivo, ou antihorário, esquematizado desta forma: $P(Cs) \rightarrow Ics \rightarrow Pcs$. O caminho do pensamento consciente teria sua raiz no Ics, mas o maior volume de trocas se daria entre o Pcs e o P (Cs), o que corresponderia, também, a um sentido anti-horário. Os sistemas mnêmicos indicados por Freud no modelo do livro dos sonhos se estenderiam, no novo modelo, num crescente de complexidade associativa no sentido antihorário. Já o sentido regressivo, ou horário, poderia ser esquematizado assim: $Ics \rightarrow Pcs \rightarrow Ics \rightarrow P(Cs)$. Este caminho corresponderia à via longa. A via curta ocorreria, como tivemos a oportunidade de apontar no capítulo 1, na relação $Ics \rightarrow P(Cs)$.

Este modelo também respeita a proposta de Freud de que todos os caminhos da percepção sensorial ao Ics permanecem abertos, tal qual no modelo do livro dos sonhos. As duas censuras, entre Ics e Pcs e entre Pcs e Cs, também permanecem disponíveis nesse modelo.

Por fim, oferecemos, graficamente, uma tentativa de resumir as dinâmicas presentes no novo arranjo e expressas nos parágrafos anteriores:

Figura 4 – Indicação dos sentidos progressivo (anti-horário) e regressivo (horário) no novo modelo. O pensamento consciente é um processo que se desenrola no sentido progressivo.

4. Percepção e fantasia nas modalidades da alucinação

*O sujeito que percebe está para sempre afetado pelo fracasso da solução alucinatória, pela marca de sua própria existência no objeto para sempre perdido da satisfação.*⁵²

O nosso estudo dos fenômenos da alucinação tem por objetivo colocar em evidência certas relações entre percepção e fantasia. Nesse intuito, vamos enfatizar a importância da alucinação para a metapsicologia freudiana, lembrando que em psicanálise existem considerações sobre as alucinações positiva e negativa; e retomaremos as modalidades da alucinação conhecidas por ‘alucinações normais’, ‘alucinações histéricas’ e ‘alucinações psicóticas’; durante esse percurso, teremos a oportunidade de trabalhar com a noção de alucinatório, que articula as noções de percepção, de alucinação e de representação.

É digno de nota apontar que os fenômenos da ‘alucinação’ marcam presença no pensamento de Freud desde seus primeiros textos, seja como sintoma histérico – por exemplo, na terceira fase da ‘grande histeria’, a fase alucinatória – entendido como um fenômeno positivo⁵³; seja como efeito de comandos hipnóticos, especialmente aqueles que visam produzir o fenômeno negativo⁵⁴. A noção de alucinação não serviu apenas à sintomatologia histérica e psicótica, afinal, Freud a utilizou tanto na sua definição de processo primário⁵⁵, um dos núcleos da metapsicologia, quanto numa de suas primeiras elaborações sobre a etiologia do sintoma histérico⁵⁶.

Green (2010b) disse que a importância da noção de alucinatório se perdeu em detrimento da conceituação do recalque, especialmente, quando a alucinação foi subordinada a ele, tornando-se “um dos avatares do retorno do reprimido” (p. 179). A título de exemplo, podemos lembrar do “caso Dora” e de um de seus sintomas, a pressão sobre o tórax, pois Freud o classificou de alucinação sensorial. O relato clínico de Freud correlacionou a cena do abraço

⁵² Botella e Botella, 2002, p. 150.

⁵³ Cf. “Histeria” (Freud, 1888).

⁵⁴ Cf. “Tratamento psíquico (ou anímico)” (Freud, 1890). “Tal como o hipnotizado pode ser forçado a ver o que não está ali, pode também ser proibido de ver algo que está presente e que pretende impor-se a seus sentidos, como, por exemplo, determinada pessoa (a chamada ‘alucinação negativa’); essa pessoa descobre então ser impossível fazer-se notar pelo hipnotizado através de qualquer tipo de estimulação; é tratada por ele ‘como se fosse feita de vento’” (Freud, 1890/2006, p. 283).

⁵⁵ Cf. “Projeto...”. “Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma alucinação” (Freud, 1895/2003, p. 372).

⁵⁶ Cf. “Extratos das notas de rodapé de Freud à sua tradução das Conferências das terças-feiras, de Charcot”. “Procurei abordar o problema dos ataques histéricos segundo outro critério diferente do descritivo... O ponto central de um ataque histérico... é uma lembrança, a revivescência alucinatória de uma cena que é significativa para o desencadeamento da doença” (Freud, 1892-94/2006, p. 179).

e do beijo do Sr. K. em Dora com esse sintoma. Vejamos como Freud articulou essa parte: “Essa percepção revoltante para ela foi eliminada de sua memória, *recalcada e substituída* pela sensação inocente de pressão sobre o tórax” (Freud, 1905/2006, p. 38). O mesmo já havia ocorrido, em 1896, no texto “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”, no qual Freud equacionou a alucinação a partir do recalque. “Assim, eu havia descoberto que essas alucinações nada mais eram que partes do conteúdo de suas experiências infantis recalcadas, ou seja, sintomas do retorno do recalcado” (Freud, 1896/2006, p. 179). Em ambos os casos, fica explícita a formulação da alucinação positiva como um modo de retorno do recalcado.

No ano de 1894, período em que Freud desenvolvia sua teoria psicopatológica a partir de sua concepção da defesa, na qual cada método de defesa produzia uma forma de doença (histeria, obsessão, confusão alucinatória), ele escreveu sobre um caso clínico diagnosticado de ‘confusão alucinatória’⁵⁷. Vejamos como ele articulou nesse momento as noções de defesa, de representação e de alucinação psicótica:

O eu rompe com a representação incompatível; esta, porém, fica inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade, de modo que, à medida que o eu obtém esse resultado, também ele se desliga, total e parcialmente, da realidade. Em minha opinião, este último evento é a condição sob a qual as representações do sujeito recebem a vividez das alucinações; assim, quando a defesa consegue ser levada a termo, ele se encontra num estado de confusão alucinatória (Freud, 1894/2006, p. 65).

Esse trecho merece nossa atenção, pois há um apontamento de Freud sobre uma das condições da alucinação, a saber, *o desligamento do eu em relação à realidade exterior*. A nosso ver, o que está em jogo aqui é o que veio a ser denominado de “teste de realidade”, e, em particular, a sua relação com a alucinação. Ainda que com uma pincelada ou outra sobre o assunto, como por exemplo no “caso Schreber” (1911), uma exposição mais precisa de seu entendimento metapsicológico sobre a alucinação positiva⁵⁸ somente apareceu no texto “Complemento...” (1917), no qual Freud retomou a ideia do trecho acima, ao articular a condição de que para haver uma alucinação não bastaria ocorrer a regressão de representações para o sistema perceptivo, pois deveria se somar a esse processo tanto a suplantação do teste de realidade, quanto um certo grau de desinvestimento do sistema perceptivo⁵⁹. Voltaremos a este ponto adiante.

⁵⁷ Cf. “As neuropsicoses de defesa” (Freud, 1894).

⁵⁸ E também do processo regressivo na formação dos sonhos e na alucinação.

⁵⁹ Cf. “Present Thoughts on Freud’s Theory of Dream Hallucination” (Garma, 1969) e “Freud e o teste de realidade” (Porchat, 2005).

Ao citar o texto “Complemento...” (1917), pulamos uma obra importante de Freud para o assunto de nosso interesse. Voltemos nossa atenção para o livro dos sonhos e para o que nele há sobre a alucinação. Aqui vale retomar um ponto que passamos de modo breve. Dissemos acima que a noção de alucinação fez parte da definição de processo primário. Essa conceituação apareceu no “Projeto...” (1895) e foi retomada na dinâmica afetivo-representacional do livro dos sonhos, no qual a noção de alucinação está atrelada ao conceito de desejo, que por sua vez, como vimos no capítulo 2 desta tese, constituiu-se lado a lado com o de fantasia, culminando na noção de ‘fantasia de desejo’.

Uma das primeiras aproximações teóricas do conceito de desejo apareceu no capítulo IV do livro “A interpretação dos sonhos” (1900), ainda que referida ao filósofo Plotino⁶⁰. Numa nota de rodapé, pode-se ler: “Quando o apetite desperta, a fantasia se aproxima e como que nos apresenta o objeto do mesmo” (Freud, 1900/2013, p. 155). Já a definição mais completa de desejo foi apresentada no capítulo VII:

Tão logo essa necessidade [fome] reapareça, resultará, graças à ligação estabelecida, uma moção psíquica que pretende investir outra vez a imagem mnêmica daquela percepção e causar novamente a mesma percepção, ou seja, na verdade restabelecer a situação da primeira satisfação. Uma moção dessas é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo [...] (Freud, 1900/2013, p. 593-594)

Na frase da primeira aproximação, o trecho inicial, “Quando o apetite desperta”, representa o nascimento ou reaparecimento do desejo. A ideia de que a fantasia apresenta o objeto que sacia o apetite se relaciona com o processo alucinatorio e com a identidade de percepção. Esta última se encontra na definição freudiana, nas passagens: (i) “investir outra vez a imagem mnêmica daquela percepção”; (ii) “causar novamente a mesma percepção”; e (iii) “reaparecimento da percepção”. Ainda que no trecho citado não apareça nada que indique o processo de alucinação, a sua continuação arremata o ponto de nosso interesse: “Nada nos impede de supor um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse *caminho* é realmente *percorrido* dessa maneira, ou seja, que *o desejar termina num alucinar*” (Freud, 1900/2013, p. 594, grifo nosso).

O desdobramento da ideia de *caminho percorrido* se articula à noção de regressão. Freud, no item B do capítulo VII, apontou a alucinação como um dos possíveis resultados da regressão psíquica. A partir da adição da regressão ao mecanismo da alucinação positiva, Freud pôde abordar a “transformação de representações em imagens sensoriais” (Freud, 1900/2013,

⁶⁰ Freud fez a citação a partir da seguinte referência: Du Prel, 1885. Plotino é considerado um filósofo neoplatônico.

p. 563). Outro ponto importante para o nosso argumento encontra-se na proposição de Freud de que não seriam quaisquer representações que poderiam se envolver nesse processo, sendo que ele associou as representações capazes de serem alucinadas àquelas ligadas a lembranças infantis recalcadas e a fantasias inconscientes.

Para as alucinações da histeria, da paranoia e para as visões de pessoas psiquicamente normais, posso dar a explicação de que realmente correspondem a regressões, isto é, que são pensamentos transformados em imagens e que *apenas sofrem essa transformação aqueles pensamentos que se encontram em ligação íntima com lembranças reprimidas ou que permaneceram inconscientes* (Freud, 1900/2013, p. 572, grifo nosso).

Como dissemos acima, a concepção do mecanismo da alucinação positiva por meio da regressão ganhou um reforço teórico no texto “Complemento...” (1917), pois a seu lado, Freud explicitou o papel do teste de realidade. A relação entre alucinação positiva e teste de realidade ganhou em complexidade, de modo que para a nossa melhor compreensão das ideias de Freud sobre a alucinação, vamos retomar alguns pontos a respeito desse mecanismo que distingue percepções externas de ideias (representações), de lembranças, de recordações – até mesmo das mais vivas.

A noção de teste de realidade consta entre os operadores teóricos de Freud desde o texto do “Projeto...” (1895), embora o conceito tenha sido nomeado apenas no texto “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico” (1911). O desenvolvimento da noção tem início com o reconhecimento da necessidade de se distinguir percepções externas e ideias. É clara a ligação da noção com a função perceptiva.

O caminho do argumento no “Projeto...” (1895) parte da noção de desejo. A vivência de satisfação deixa uma marca no aparelho, uma facilitação entre certos neurônios ψ , que pode ser entendida como a marca deixada pela percepção externa do objeto que satisfaz a necessidade interna. Frente a uma repetição da necessidade interna, o aparelho volta a investir o caminho marcado pelas facilitações de modo a reproduzir aquele objeto – outrora perceptivo, agora recordativo – de modo alucinatório. O que se sucede após a realização alucinatória do desejo é a frustração ou, em outras palavras, a permanência insolente da necessidade interna através da contínua liberação de desprazer. Partindo do ponto de vista adaptativo da sobrevivência, o aparelho precisou criar condições para distinguir a ideia fantasiosa do resultado perceptivo do mundo exterior.

O mesmo raciocínio foi utilizado para uma marca no aparelho proveniente de uma vivência dolorosa, denominada de imagem hostil. A dinâmica proposta por Freud foi esta: caso ocorresse o investimento de uma imagem hostil, teria início a liberação de desprazer. Assim,

nesses casos, o mesmo critério de diferenciação entre percepção e recordação do objeto precisaria ser estabelecido para evitar a liberação desnecessária de desprazer. Ambos os casos, satisfação e dor, apontam para a necessidade de o aparelho diferenciar entre as produções internas (recordações e imaginações) e os objetos percebidos do mundo externo.

A articulação teórica no “Projeto...” (1895) chegou à noção de signo de realidade: um sinal proveniente da dimensão econômica através de uma descarga no sistema ω . A percepção da realidade externa produz signos de realidade. Entretanto, o mesmo ocorre com a alucinação positiva do objeto de desejo, pois “se o objeto desiderativo for ocupado com abundância, de modo a ser animado alucinatoriamente, também resulta o mesmo signo de eliminação ou de realidade que na percepção externa” (Freud, 1895/2003, p. 203). É neste ponto da argumentação que Freud introduziu a noção de Eu e indicou entre as suas funções a inibição do investimento dos objetos hostis ou de desejo, de modo a evitar as confusões daí decorrentes. Ele concluiu: “é a inibição do eu que possibilita um critério de diferenciação entre percepção e recordação” (Freud, 1895/2003, p. 203).

Sobre os signos de realidade, vale lembrar aqui que a sensação de realidade dos sonhos, vivida na consciência onírica, é entendida como decorrente da produção desses signos em ω , a partir da transformação do material onírico em material perceptivo (sonho manifesto). Gabbi Junior (2003) tem uma nota interessante sobre este ponto.

Como o sonho é um processo primário, o efeito quantitativo sobre as ideias é apresentá-las como se fossem percepções, ou seja, durante o sonho alucina-se uma cena. Em ω são despertados signos de realidade, portanto há uma consciência do sonho como uma realidade vivida aqui e agora. O percurso quantitativo desperta no sonhador os mesmos efeitos do pensar, ou seja, uma crença na existência de objetos (p. 93).

O teste de realidade foi reconhecido como uma função do Eu, de caráter inibitório, que opera pelos signos de realidade ou de qualidade. Neste ponto, entendemos ser valiosa a contribuição de Porchat (2005). A autora oferece uma análise que evidencia a diferença entre o signo de realidade e o teste de realidade. O ponto de partida está na ideia que, de um lado, o signo de realidade é produzido independentemente do Eu e, de outro, a operacionalidade do teste de realidade é dependente do Eu⁶¹. A análise da autora aborda o fenômeno da alucinação, no qual “o teste de realidade não está operando e, pelo contrário, o signo de realidade não apenas continua funcionando, como permitiu a alucinação” (p. 77).

⁶¹ Depende de seu estado de investimento (ocupação).

A relação entre o signo de realidade e o teste de realidade é estabelecida pelo Eu investido, condição em que pode exercer a função inibitória. Segundo Porchat (2005), é essa atividade inibitória que “permite que o signo de realidade atue como critério para diferenciar entre percepção e representação” (p. 77).

Vamos nos voltar, novamente, para o texto “Complemento...” (1917), no qual se encontra a articulação de Freud entre a função perceptiva, o alucinar e o teste de realidade. Nesse artigo, o fenômeno da alucinação foi estudado tanto nos sonhos quanto em afecções graves como a psicose. O primeiro passo de Freud foi mostrar que apenas o movimento regressivo da fantasia-desejo sob os efeitos do processo primário não seria suficiente para explicar a alucinação. “Se o segredo da alucinação não fosse outro que o da regressão, toda regressão com intensidade bastante deveria produzir uma alucinação com crença na sua realidade” (Freud, 1917/2010, p. 163). Qual é, então, o segredo da alucinação? Seguindo essa linha, a *explicação* oferecida no livro dos sonhos estaria, então, incompleta. Na sequência dos argumentos, descobrimos que “a alucinação deve ser, portanto, mais do que a animação regressiva de imagens mnêmicas em si inconscientes” (Freud, 1917/2010, p. 164).

Assim, para haver alucinação positiva, além da animação regressiva, deve haver a *suplantação do teste de realidade*. Na continuação do argumento, Freud esclareceu a maneira pela qual ocorre a superação do teste de realidade. Não é apenas a invasão do sistema perceptivo que garante a suplantação do teste, mas ao movimento regressivo deve se somar um certo grau de desinvestimento do Eu⁶². É a partir desse desinvestimento que o Eu rompe a relação com a realidade, deixando o teste de realidade fora de ação. Nas palavras de Freud (1917/2010): “Com esse afastamento da realidade o seu exame é posto de lado, as fantasias de desejo – não reprimidas, inteiramente conscientes – podem penetrar no sistema [Cs(P)] e a partir de lá são reconhecidas como uma realidade melhor” (p. 167).

Na busca de ampliar essa ideia de um desinvestimento do Eu, lembramos que, no sonho, ela se liga ao desejo pré-consciente de dormir. É consequência do desejo de dormir que o P(Cs) seja desinvestido, medida esta que tem como efeito o abandono do teste de realidade. Como decorrência disso, as excitações que chegam regressivamente a esse sistema são “tidas como realidade incontestada”. O caso do desinvestimento do Eu na psicose alucinatória é pensado pelo processo de desintegração do Eu, sendo que o abandono do teste de realidade decorreria desse enfraquecimento.

⁶² Cf. “Present Thoughts on Freud’s Theory of Dream Hallucination” (Garma, 1969).

O texto “A negação” (1925) traz algumas contribuições relevantes. A parte que nos interessa está no argumento que busca mostrar que a função intelectual do juízo se resume a “afirmar ou negar conteúdos de pensamento”. Essa função se desdobra em dois tipos de decisão, um julgamento de atribuição e um julgamento de existência. O segundo tipo de juízo é o que se liga à percepção. Vejamos:

A outra decisão da função do juízo, aquela sobre a existência real de uma coisa representada, é do interesse do Eu-realidade definitivo, que se desenvolve a partir do Eu-de-prazer (exame de realidade). A questão já não é se algo percebido (uma coisa) deve ou não ser acolhido no Eu, mas se algo que se acha no Eu como representação pode ser reencontrado também na percepção (realidade). [...] O não real, apenas representado, subjetivo, está apenas dentro; o outro, o real, também se acha fora. (Freud, 1925/2011, p. 279).

O julgamento de existência equivale ao teste de realidade, sendo a sua tarefa julgar a existência na realidade externa de um objeto representado no aparelho psíquico. O objetivo do teste de realidade, nas palavras de Freud, ainda que de modo indireto, visa evitar a percepção do objeto alucinado. Ele desenvolveu essa ideia especificando o objetivo do teste: “A meta inicial e imediata do exame de realidade não é, portanto, encontrar na percepção real um objeto correspondente ao imaginado, mas sim reencontrá-lo, convencer-se de que ainda existe” (Freud, 1925/2011, p. 280).

Esta última citação condensa algumas ideias, cujo trabalho de desdobrá-las pode trazer frutos ao nosso estudo da relação do teste de realidade com a alucinação e a percepção. Aqui cabe a seguinte pergunta: por que a missão imediata do teste de realidade não é obter a percepção real do objeto? Uma maneira de responder tal questionamento seria lembrar que a percepção de uma alucinação positiva é considerada como real para aquele que alucina. A passagem acima trata do alucinar do bebê e mostra a necessidade desse processo ser interrompido pelo teste de realidade. Porchat (2005) fez uma articulação muito clara sobre esse trecho:

Esse comentário se refere à possibilidade de o bebê alucinar. O teste de realidade precisa garantir que o bebê reencontre o seio na realidade externa, pois no mundo interno o seio já existe. Trata-se de outro modo de descrever a satisfação alucinatória do desejo e a necessidade de que esse processo seja interrompido pelo teste de realidade (p. 59).

Por fim, a título de síntese da alucinação positiva na obra de Freud, chegamos a esta articulação: a alucinação é uma das modalidades perceptivas que o Eu pode empregar em sua relação com a realidade externa. O seu mecanismo pode ser pensado em dois momentos (Porchat, 2005), sendo que no primeiro haveria o desinvestimento de P(Cs), a partir do qual o Eu se desliga da realidade, ou seja, este seria o momento em que o teste de realidade é superado;

na sequência, o processo regressivo junto ao trabalho de figurabilidade leva as representações inconscientes, os restos diurnos e as lembranças recalçadas aos seus traços mnêmicos, buscando as imagens sensoriais. Quando esse material perceptivo elaborado pelos expedientes do processo primário atinge o sistema P(Cs), ocorre um novo investimento desse sistema, porém, dessa vez vindo do interior. Logo, a alucinação ocorreria somente a partir da conjunção desses processos.

4.1 Alucinação negativa

Tivemos a oportunidade de abordar a conceituação da alucinação negativa levada a cabo por Green (2010b), no capítulo 3 desta tese. O seu trabalho expandiu “consideravelmente o sentido da alucinação negativa. Ela já não se confina ao registro mais ou menos regressivo das manifestações da denegação, da psicopatologia da vida cotidiana na confusão alucinatória” (Green, 2010b, p. 226). Uma vez que já trabalhamos com esse sentido ampliado, pretendemos nos voltar para as suas manifestações cotidianas, ou seja, para as primeiras apreensões do fenômeno e avaliar as possíveis relações com a fantasia inconsciente.

Antes, visto tratar-se de um fenômeno intrigante, achamos válido partir de uma descrição apropriada. Encontramos uma que, a nosso ver, traz clareza para a discussão que segue. Num artigo dedicado à alucinação negativa, Brakel (1989) elaborou o seguinte recorte para o fenômeno:

A alucinação negativa se refere apenas a fenômenos em que um evento externo importante, tendo ocorrido com duração, intensidade e centralidade suficientes para ter sido percebido conscientemente e julgado como uma percepção de vigília, no entanto, não foi experienciado como tal (p. 438).

O fenômeno da alucinação negativa não fugiu à atenção de Freud. Vimos acima que ele o abordou a respeito da hipnose, em especial, o efeito pós-hipnótico de deixar de perceber certa pessoa do ambiente, em virtude de uma ordem dada durante o transe hipnótico. Veremos, agora, a descrição da alucinação negativa tomada como um mecanismo psíquico de defesa, por meio de sua equiparação a um ato falho.

No livro “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (1901), Freud voltou a abordar a alucinação e os seus exemplos contemplaram as alucinações positiva e negativa. Sobre a positiva, ele apenas relatou que em Paris ouviu algumas vezes uma voz chamando seu nome. Sobre a alucinação negativa, ele citou exemplos ligados aos lapsos de leitura e expôs uma

situação pessoal em que não viu um casal passando por ele. O uso feito por Freud desse fenômeno negativo merece, a nosso ver, ser retomado, pois notamos que, à época, Freud parecia bem seguro de sua ocorrência e se serviu dele evocando como causa a evitação de um conflito psíquico que levaria a um estado de angústia. É sobre este último aspecto que vamos nos ocupar agora.

No capítulo 3, vimos o caso em que Freud deixou de ver um casal que passava por ele. Essa experiência perceptiva poderia ser denominada de sintoma transitório⁶³. Freud tratou o ocorrido como um sintoma em cuja raiz ele descobriu uma fantasia infantil de vingança. O afastamento da percepção do casal, a alucinação negativa dele, poderia ser compreendido como resultado de um mecanismo de defesa. A sua função teria sido a de evitar o contato entre a percepção do casal e uma representação inconsciente ligada à fantasia de vingança evocada por Freud. Haveria aqui um conflito entre o atual, que evocaria/animaria fantasias inconscientes, levando a um sinal de angústia, e as defesas do Eu que seriam colocadas em ação como resposta.

Outro exemplo de uma alucinação negativa está relacionado com um lapso de leitura, entretanto, não com o mecanismo do lapso em si – a troca do termo ‘Zu Fuss’ (a pé) pelo termo ‘Im Fass’ (num barril)⁶⁴ –, mas com a autoanálise levada a cabo. O fenômeno ocorreu quando Freud procurava num livro de história da arte uma sentença que havia lhe ocorrido entre as primeiras associações. Apesar de ter lido “repetidamente partes da mesma página”, não encontrou “a frase pertinente” (Freud, 1901/2006, p. 117). A alucinação negativa da frase que Freud procurava teve como função despistá-lo, pois buscou evitar o encontro entre uma percepção e uma fantasia inconsciente. Freud somente encontrou a frase que buscava após ter desvelado uma fantasia de competição ligada a seu irmão mais novo.

Ainda na obra de Freud, podemos retomar o caso do “Homem dos Lobos”, na esteira da articulação teórica de Green (2010b), pois há entre as associações de Sergei⁶⁵ uma história de sua infância em que ocorreu uma alucinação positiva. O menino estava com sua babá no jardim onde brincava com seu canivete num tronco de árvore quando notou “que havia cortado o dedo mínimo da mão, de forma que ele estava preso somente pela pele” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 115). Por que trazer esse caso de alucinação positiva? É neste ponto que as ideias de Green merecem ser apresentadas.

⁶³ Cf. “Sintomas transitórios no decorrer de uma psicanálise” (Ferenczi, 1912).

⁶⁴ Freud estava lendo uma notícia de jornal quando ocorreu o lapso de leitura.

⁶⁵ Sergei Konstantinovich Pankejeff era o nome do paciente de Freud conhecido por “Homem dos lobos”.

Não seria natural esperar que de um corte de canivete no dedo saísse sangue? Acontece que na alucinação positiva do dedo cortado não havia sangue. A leitura de Green (2010b) se desdobra na proposição de que “o sangue que acompanharia o corte” (p. 192) não foi visto, ou melhor, foi alucinado negativamente. Segue daí outra proposição que relaciona a alucinação negativa com a positiva, no sentido de a negativa ocorrer antes da positiva, tornando-se condição de possibilidade para a alucinação positiva⁶⁶. “Em outras palavras, no momento da instalação da alucinação [positiva], a fantasia do sangue é negatizada” (p. 192). A fantasia do sangue liga-se à fantasia de castração de modo que encontramos aqui o mesmo tipo de situação dos exemplos acima, ou seja, o aparecimento de um sintoma transitório, uma alucinação temporária, cujo objetivo seria o de evitar o encontro de uma percepção com uma fantasia inconsciente. Em outras palavras, vemos aqui um tipo de saída que o Eu encontra para lidar com os estados de angústia.

A articulação de Green segue pela suposição de que a alucinação negativa precederia a alucinação positiva a partir da negatização de uma percepção, cujo lugar vazio prepararia a projeção alucinatória. O nosso resumo do modelo metapsicológico proposto por Green (2010b) encontra-se no capítulo 3⁶⁷. A exposição metapsicológica do fenômeno feita por Green começa por subdividi-lo nos seus aspectos interno e externo. Do lado externo, existe uma percepção intolerável e a sua alucinação negativa – a invalidação da percepção. Do lado interno, a fantasia inconsciente busca se tornar consciente, mas se depara com a barreira do sistema P(Cs). A percepção é indesejável, pois sua presença investe, ainda que apenas a meio caminho, uma trama perceptiva⁶⁸ que em algum nível se liga à fantasia inconsciente⁶⁹. Essa conexão fornece um reforço ao impulso que força a fantasia a se tornar consciente. Frente a essa pressão – “a conjunção desses dois aspectos autoriza a pensar que poderia haver aí potencialização de afetos” (Green, 2010b, p. 187) –, não é a fantasia inconsciente que se extingue, mas a percepção que é recusada. Green trabalha com a ideia de que a percepção denegada deixa um espaço vazio, cujo lugar vem a ser ocupado pela representação inconsciente, sendo que, nesse movimento, o

⁶⁶ “[...] a alucinação negativa se negativa a si mesma pelo recobrimento da alucinação positiva [...]” (Green, 2010b, p. 207).

⁶⁷ Cf. Capítulo 3, pg. 81.

⁶⁸ Cf. Capítulo 1, p. 31.

⁶⁹ “Na realidade, as coisas não são simples, pois a ligação entre a representação inconsciente e a percepção não coloca em presença duas formas psíquicas equivalentes. Parece, então, que um trabalho psíquico intenso e extremamente rápido se realiza entre as representações derivadas da fantasia central e o cerne desta, assim como entre a percepção e as lembranças associativas que ela evoca” (Green, 2010b, p. 211).

efeito da denegação se traduz no branqueamento daquilo que se apresenta à mente pela percepção⁷⁰.

4.2 Alucinações: normal, neurótica e psicótica

A alucinação é realmente cativante, em especial, quando se observa que sob tal terminologia se acomoda uma multiplicidade de fenômenos perceptivos. A miragem no deserto, a voz que uma pessoa ouve pronunciando seu nome numa rua vazia, a gama variada de atos falhos perceptivos (lapsos de leitura ou de audição, por exemplo) que podem envolver alucinações positivas e negativas, as cenas oníricas que produzimos durante o sono, todos esses exemplos podem ser designados de ‘alucinações de pessoas normais’ ou de ‘alucinações acidentais’. Podemos lembrar da alucinação da pressão no peito de Dora ou da cena de Freud e Breuer enforcados pela Sra. Caecilie M., ambas denominadas de alucinações neuróticas (ou histéricas). Na conta das alucinações psicóticas, lembramos do caso clínico relatado por Bion (1958), no qual ele mesmo foi tratado como uma alucinação.

Encontramos em Musella (2008) uma maneira interessante de dar início a esta seção. Acompanhemos uma passagem de seu artigo.

Como pode acontecer que algumas pessoas, só para dar um exemplo, alucinam uma pessoa, outras têm uma obstinada sensação de que estão vendo uma pessoa, e outras sonham uma pessoa. Todos nós podemos ter experimentado as duas últimas ocorrências. Em determinadas condições, podemos acreditar que estamos vendo uma pessoa pela qual sentimos saudades, algumas vezes podemos sonhar com essa pessoa, seguindo alguma associação com os resíduos diurnos, entretanto, nós dificilmente alucinamos essa pessoa. No primeiro caso, assumimos que os impulsos inconscientes foram intensos ao ponto de forçar a nossa atenção, por meio de teste de realidade, a se submeter a um esforço contínuo de ajuste de nossas percepções; no segundo caso, o tecido inconsciente presumivelmente toma posse do resíduo diurno para formar um sonho; no terceiro caso, a intensidade dos impulsos inconscientes excede a fraca capacidade do pré-consciente em reter a representação inconsciente que, então, invade a cena e dá origem a alucinação (p.178).

O ponto importante desse trecho está no esforço de Musella em trabalhar algumas modalidades da alucinação distinguindo seus processos subjacentes. A classificação de tipos de alucinação está presente em Freud e foi retomada, entre outros, por Bion, por Green e pelo casal

⁷⁰ Entendemos relevante apontar que há uma diferença importante, no que tange à ideia de modalidades perceptivas do Eu, entre a alucinação negativa e a denegação, o mecanismo da *Verleugnung*. Neste último, vale lembrar que a percepção “permaneceu e que uma ação bastante energética foi realizada para sustentar a recusa” (Freud, 1927/2014, p. 305).

Botella. As contribuições desses autores são importantes para o nosso pensamento e para a articulação que vem a seguir, pois pretendemos avaliar as relações entre percepção e fantasia nessas modalidades de alucinação.

No intuito de acomodar metapsicologicamente as recordações ultraclaras, as alucinações acidentais e as alucinações neuróticas, o casal Botella elaborou o conceito de alucinatório. A exposição de como eles o entendem abrirá caminhos associativos que poderemos seguir. No primeiro capítulo desta tese, tivemos a oportunidade de discorrer sobre as vias psíquicas⁷¹. No modelo do aparelho psíquico do livro dos sonhos, Freud articulou seu esquema de modo que as trocas entre os sistemas, ou o atravessamento deles, ocorrem em dois sentidos, a saber, progressivo e regressivo. A percepção e o pensamento consciente são exemplos de processos que tomam a via progressiva. A formação dos sonhos, a recordação e a alucinação são exemplos de processos que tomam a via regressiva. A partir dessa distinção e de outros desenvolvimentos teóricos, o casal chegou à conta de três vias psíquicas que eles denominaram progrediente, regrediente longa e regrediente curta.

As vias regredientes longa e curta estão ligadas, diretamente, com as alucinações acidentais, com a vivacidade das representações e das lembranças, com os sonhos diurnos e noturnos, com as *reveries* em análise via regressão do pensamento formal no analista, entre outros processos. A via regrediente longa, onde ocorre a formação dos sonhos (tentativas de realização de fantasias de desejo inconscientes), também é percorrida nos processos que levam ao devaneio, às recordações e às lembranças. O que os diferencia diz respeito ao teste de realidade e à sua capacidade inibitória do desdobramento alucinatório.

Essa potencialidade alucinatória do aparelho psíquico pelas vias regredientes é o que o casal denominou de alucinatório. A importância dada ao conceito fica explícita numa proposição como esta: “A resposta natural, espontânea, para qual tende o psiquismo seria sempre de ordem alucinatória” (Botella & Botella, 2002, p. 127). O alucinatório abre um campo no qual a relação entre percepção e representação fica indistinta, equivalente. O casal pensa no alucinatório como uma tendência, um movimento e um estado de uma qualidade psíquica. O alucinatório, na via curta, opera “sem passar pelos traços mnêmicos nem pelos sistemas de representações” (Botella & Botella, 2002, p. 127). Já na via longa, é a dinâmica afetiva-representacional que está em jogo.

⁷¹ Cf. Capítulo 1, pg. 22.

Voltemo-nos para as alucinações acidentais ou de pessoas normais. Nestes casos, o alucinatório se desdobra na via regrediente longa, mas, como dissemos acima, o teste de realidade não é suplantado, pois mantém em ação algum grau de sua capacidade inibitória. Um exemplo é a lembrança de Freud do amarelo vivo das flores, relatada no texto “Lembranças encobridoras” (1899). É a matriz do recalque que está em jogo nesses casos; os expedientes do processo primário de condensação e deslocamento operam nessa via. As fantasias inconscientes, o material inconsciente e pré-consciente compõem a matéria da regressão psíquica que visa a matéria bruta do aparelho, ou seja, os traços mnêmicos. É a transformação das representações em imagens sensoriais, ação do trabalho de figurabilidade⁷². Do ponto de vista econômico, “uma verdadeira realização alucinatória com a capacidade de absorver toda a quantidade pulsional em jogo naquele momento” (Botella & Botella, 2002, p. 129). Como última característica, a atividade do teste de realidade nessas alucinações permite ao Eu a discriminação de que se tratam de percepções falsas. Em outras palavras, a pessoa que experimenta um momento ‘quase-alucinatório’ sabe que se trata de uma alucinação.

Existe outro tipo de alucinação acidental, dessa vez ligada à via curta. Também foi Freud quem chamou a atenção para esta modalidade alucinatória. Tocamos rapidamente nesse ponto acima, e agora vamos desenvolvê-lo um pouco mais. Temos em mente aqui dois textos de Freud, ambos produzidos no final de sua vida. Trata-se de uma carta escrita em 1936 intitulada “Um distúrbio de memória na Acrópole” e do texto “Construções em análise” de 1937. Neles, Freud abordou fenômenos perceptivos que se conectam com modalidades alucinatórias, sendo que nos dois textos o comparecimento da matriz do recalque parece não se enquadrar adequadamente aos dados relatados; não por menos, o casal Botella (2002) aponta esses textos como base para o que poderia ser chamado de a “segunda virada do pensamento freudiano” (p. 122).

No texto de 1937, Freud deu destaque às reações dos pacientes após a comunicação de uma construção que evocavam recordações vivas (ultraclaras). Ele comparou essas recordações com alucinações, entretanto, adicionou a ressalva que lhes faltavam a “crença em sua presença concreta” (Freud, 1937/2006, p. 285). O argumento do casal Botella (2002) é de que a articulação freudiana no texto entre alucinatório, estranheza e a saída pela memória “permanece surpreendente no contexto teórico explicitado”, sendo que a proposta teórica da regressão formal do pensamento acomodaria de modo mais coerente tais figuras. Trata-se da via

⁷² Cf. Capítulo 3.

regrediente curta, aquela que conecta sem intermediários P e Cs; ou seja, sem passar pela base da dimensão representacional: os traços mnêmicos.

Um ano antes, em 1936, Freud escreveu sobre um momento de estranheza que tivera em 1904, durante sua primeira visita à Acrópole. Resumindo, o distúrbio de memória que ele relatou envolveu a conjunção de três tipos de pensamentos. Conscientemente, ele pensou: “Então tudo isso existiu realmente, tal como nós aprendemos na escola?!” (Freud, 1937/2010, p. 439). Inconscientemente⁷³, ele pensou: “O que eu vejo não é real” (p. 444). O terceiro pensamento – fruto de uma condensação afetiva, derivada da experiência de ser “como um herói que levou a cabo inacreditáveis façanhas” (p. 448) – poderia ter sido dito ao irmão, naquele momento da viagem, assim: “Realmente fomos longe!” (p. 448). O distúrbio consistiu na interpenetração desses pensamentos, entretanto, na sua origem estava o pensamento inconsciente. Um dos dados mais interessantes desse distúrbio do pensamento diz respeito à sua fonte, que se ligava ao atual, muito mais do que a um passado recalçado. O casal Botella (2002) compreendeu esse pensamento inconsciente como a expressão da negação de uma percepção, porém, tendo como desfecho algo bem diferente de um fetiche ou de uma clivagem do Eu. A origem desse sintoma transitório de Freud estaria então numa percepção: a visão da Acrópole. O papel das fantasias inconscientes edípicas em jogo nesse distúrbio não estava em operação na formação do pensamento inconsciente “o que eu vejo não é real”, mas certamente estavam atuantes na vivência afetiva do “realmente fomos longe”⁷⁴.

Sobre as alucinações histéricas, começamos pelo apontamento de que elas podem ser divididas em dois grupos. De um lado, as alucinações como a de Dora; de outro, as alucinações como a da Sra. Caecilie M.. O critério que as diferenciaria seria o das vias psíquicas

⁷³ “[...] a *suposição* de que na Acrópole, *por um momento, eu tive – ou posso ter tido – a seguinte sensação: ‘O que eu vejo não é real’*” (Freud, 1937/2010, p. 444, grifo nosso).

⁷⁴ Da análise que o casal Botella (2002) desenvolveu sobre esse distúrbio, destacamos o seguinte: Freud havia terminado sua amizade com Fliess em 1904, semanas antes de sua viagem à Grécia. A libido homossexual que na dupla encontrava seu objeto de investimento ficara livre, produzindo “um excedente que estaria na origem do acidente do pensamento...” (p. 236). Ressaltamos este trecho: “O essencial do movimento econômico-dinâmico residiria, então, na tão recente perda da transferência a Fliess e de sua temporalidade, isto é, daquilo que num tratamento leva a trazer para o presente a neurose infantil, a atualizar o passado e o reprimido infantil sob a forma representacional e têmporo-espacial. Pode-se pensar que, em lugar dessa transferência perdida, sobrevenha o distúrbio, um sobreinvestimento inesperado do perceptivo, onde não somente tudo se torna perceptivo, tudo se apresenta do exterior, como num trauma, mas, além disso, ocorre um processo temporal fora do habitual que acompanha a regressão narcísica e seu corolário, o desinvestimento do objeto. O movimento se resolve a dar imediato sentido à percepção sensorial sob a forma de um afeto que se verbaliza na formulação ‘percorrer tão bem meu caminho’, sentido forçosamente vivenciado por causa da regressão narcísica e perceptiva, como fato consumado, como desejo já realizado externamente, contra o qual o único mecanismo de defesa possível é a negação: ‘O que eu vejo não é real’. *Uma negação da percepção que não age sobre um conteúdo da realidade psíquica da castração, mas, ao contrário, sobre o que é percebido no exterior como uma realização narcísica*” (p. 238).

regredientes. A via longa, na matriz do recalque, seria o caminho que percorreu o processo do sintoma alucinatório de Dora, carregado de simbolismo. A via curta, caminho da alucinação da Sra. Caecilie, onde há a indistinção representação-percepção, a regressão e o trabalho de figurabilidade operam sem simbolismo e sem o recurso dos expedientes do processo primário. O processo pode ser equiparado aos sonhos de neuroses traumáticas, sendo o elemento traumático dessa situação “o violento investimento odioso ao invés do investimento libidinal habitual por seus dois médicos” (Botella & Botella, 2002, p. 131) que teria atingido o Eu da Sra. Caecilie desprevenido. A alucinação parece menos ligada à dinâmica da realização alucinatória de desejo (vingança aos dois médicos) do que a um superinvestimento de uma percepção, o que leva a pensar que a questão que domina o processo parece ser mais da dimensão econômica. Em outras palavras, tudo indica que são as possibilidades de ligações do Eu que decidem pela regressão através da via longa ou curta (Botella & Botella, 2002).

Por fim, vamos abordar as alucinações psicóticas. Citamos de modo breve o paciente de Bion descrito no instigante artigo “Sobre alucinação” (1958). Pretendemos retomá-lo para ilustrarmos essa discussão; também, abordaremos, brevemente, a vinheta clínica de Tausk, que Freud utilizou no texto “O inconsciente” (1915).

Uma das primeiras perguntas, que nos parece relevante, diz respeito às vias psíquicas e se haveria participação delas no processo alucinatório psicótico. Sabemos que Freud abordou a alucinação na paranoia no seu estudo do “caso Schreber”. Nesse texto, Freud formulou algo importante sobre o mecanismo da projeção na psicose: “Não foi correto dizer que a sensação interiormente suprimida é projetada para fora; vemos, isto sim, que aquilo interiormente cancelado retorna a partir de fora” (Freud, 1911/2010, p. 95). O que nesse trecho foi traduzido por Paulo César de Souza por ‘cancelado’ e na tradução da Editora Imago apareceu como ‘abolido’, abriu um campo amplo para novas formulações teóricas sobre a psicose. O mecanismo de defesa em questão foi denominado *Verwerfung*, traduzido na escola lacaniana por forclusão, mas também conhecido por abolição, chegando a aparecer aqui e ali⁷⁵ como denegação. O ponto central é que por meio desse mecanismo o Eu trata a representação indesejável como se não tivesse acontecido. No “Vocabulário de Psicanálise” (1995), a respeito desse vocábulo, encontramos a ideia de que o efeito desse mecanismo é impedir que a representação incompatível se integre ao inconsciente, produzindo, a partir dessa não integração

⁷⁵ Cf. Botella e Botella (2002).

interna, o retorno dela a partir do exterior pela via da percepção, “especialmente no fenômeno alucinatório” (Laplanche & Pontalis, 1995, p. 195).

Assim, a alucinação psicótica passou a ser conjecturada a partir desse mecanismo. Introduzido este ponto, podemos retomar a pergunta acima: qual é a relação das vias psíquicas com o mecanismo da abolição?

O primeiro ponto que destacamos está na distinção entre a projeção psicótica e a projeção neurótica. Esta última se caracteriza como uma forma de defesa em cujo resultado a representação recalcada “permanece ao mesmo tempo no sistema inconsciente e é projetada sobre um objeto exterior” (Botella & Botella, 2002 p. 132). Em outras palavras, a representação permanece integrada ao sistema inconsciente. A projeção psicótica, por sua vez, caracteriza-se pela desintegração, pelo aniquilamento, pela não integração, ou seja, pela “destruição total de uma representação que desaparece do sistema de representações inconscientes” (Botella & Botella, 2002, p. 132). O processo levado a cabo na projeção psicótica é o próprio mecanismo da alucinação psicótica, que recebeu a formulação, pelo casal, de “‘negativação’ de uma representação” (Botella & Botella, 2002, p. 132). O ponto mais importante para o casal desdobra-se na ideia de que o aniquilamento da representação indesejada impede que ela siga as vias psíquicas pelo percurso alucinatório regrediente. Como efeito dessa negativação há a inibição do polo alucinatório e há uma aderência aos órgãos dos sentidos, ou melhor, ocorre um superinvestimento perceptivo-sensorial, de modo que, na impossibilidade do percurso alucinatório regrediente, a representação torna-se percepção. “Paradoxalmente, poder-se-ia dizer que a alucinação psicótica não é do domínio da via alucinatória, no sentido que demos à via regrediente, mas de ordem essencialmente perceptivo-sensorial, do domínio dos órgãos dos sentidos” (Botella & Botella, 2002, p. 132).

O casal Botella (2002) utiliza a vinheta clínica de Tausk para mostrar como pode ocorrer o investimento sensorial junto de um superinvestimento da palavra de modo a colá-la ao órgão; Freud chegou a denominar a fala esquizofrênica de “linguagem de órgão” (Freud, 1915/2010, p. 141). Uma das decorrências teóricas da proposta da alucinação psicótica como superinvestimento perceptivo-sensorial (oposto ao desinvestimento das modalidades alucinatórias regredientes) diz respeito ao teste de realidade. Lembramos que a suplantação do teste está ligada ao desinvestimento do sistema P(Cs), logo, vale a pergunta: o que ocorre com o teste em um superinvestimento desse mesmo sistema? O ponto é interessante, pois permite traçar uma linha associativa entre, de um lado, a asserção freudiana de que o processo

alucinatório psicótico já contém uma tentativa de cura⁷⁶, o que nos lembra a ideia de produção da neorrealidade (Freud, 1924), e de outro, a proposta do casal Botella que entende a necessidade de compreender a psicose

[...] não somente através da noção de projeção ou de forclusão, mas enquanto processo de transformação de algo que deveria ter sido vivido pelo ego como psíquico e interno, ou seja, como representação, num elemento sensorial, numa percepção exterior com todas as características de evidência e de realidade correspondentes (Botella & Botella, 2002, p. 133).

O que está em jogo na compreensão do casal sobre a psicose se desdobra na ideia de não se prender apenas à matriz de defesa, o que colocaria a alucinação como uma espécie de *retorno do abolido*, na mesma linha do *retorno do recalcado*, ou seja, na direção oposta à suposição de que uma das funções da alucinação psicótica seria produzir, ofertar, objetos para os quais a libido poderia ser redirecionada. Uma vez que não é de nosso interesse adentrar nesse vasto campo da compreensão da psicose, vamos nos ater ao essencial da proposta do casal no que diz respeito à alucinação psicótica e às vias psíquicas. Vimos acima que as vias regredientes estão impedidas tanto pela negatização da representação quanto pelo superinvestimento do sistema P(Cs), de modo que o delírio alucinatório toma, então, a via progrediente perceptiva. Essas duas modificações produzem uma alteração do sentido de realidade chegando à “convicção delirante”.

Entendemos que o caso clínico que Bion relata no seu artigo “Sobre alucinação” (1958) é ilustrativo da dinâmica que buscamos circunscrever. Bion apresentou o material clínico de algumas sessões consecutivas de um paciente com diagnóstico de esquizofrenia com o intuito de circunscrever um ato alucinatório. A descrição que Bion oferece em seu artigo é detalhada e cheia de nuances, o que torna difícil reproduzi-la em poucas palavras, mas realizamos uma síntese para ilustrar o caso.

Na camada superficial e descritiva do caso, o que encontramos no texto é o relato do início de uma sessão clínica, início mesmo, pois o recorte considera a entrada do paciente na sala de consultório, a sua acomodação no divã e os seus primeiros comentários. Os movimentos do corpo do paciente – seja a maneira como ou para onde olhava, seja a maneira como sacodia os ombros, virava o pescoço ou acomodava-se no divã – foram observados e registrados pelo analista. Vejamos um exemplo: “O paciente, com suas costas voltadas para mim, paralisa-se

⁷⁶ Cf. Freud no texto “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia” (1911/2010): “Também vemos a fase das alucinações turbulentas como uma fase de luta entre a repressão e uma *tentativa de cura* que pretende conduzir a libido novamente a seus objetos” (p. 101, grifo nosso).

por um instante mantendo seu olhar apontado para o chão, próximo do canto da sala que estava à sua direita, e à sua frente caso se deitasse no divã” (Bion, 1958, p. 341).

Na camada profunda, pela via da análise do caso clínico, os movimentos corpóreos do paciente logo na entrada da sala já delineavam a constelação psíquica que iria orbitar naquela sessão de análise. O paciente, em sua linguagem de órgão⁷⁷, desloca funções fantasísticas de ejeção e recepção para o órgão visual, os seus olhos. Desse modo, ele pôde, ao entrar na sala, absorver (sugar) pelos olhos uma parte do analista (parte persecutória, ligada ao final da última sessão, daí a importância do relato conter sessões consecutivas) e, após uma sequência de movimentos ‘interconectados’ com os de seu analista, na medida em que ambos se acomodavam em seus lugares na sala, pôde expelir pelos olhos essa mesma parte sugada. Bion reconhece que a alucinação positiva de seu paciente teve início no momento que a fantasia de expulsão se completou. Com relação ao conteúdo da alucinação, ele comentou apenas que se tratava de um objeto hostil. Instantes após eles estarem acomodados, o paciente disse que se sentia vazio e que não conseguiria produzir nada de útil naquela sessão, caindo num silêncio. Bion também trouxe material da sessão seguinte, cujo conteúdo é interessante para o argumento. Nessa nova sessão, o analista teve a impressão de que o paciente o tratava como se ele fosse uma alucinação, em parte apoiado no modo como o paciente se comportou nos momentos em que Bion fez algumas interpretações na sessão: “a sua resposta foi mover a cabeça e seus olhos como se minhas palavras fossem visíveis e estivessem passando por cima dele indo se chocar na parede oposta” (p. 345). Há muito mais do caso clínico, entretanto, estes dois momentos alucinatórios são suficientes ao que segue.

A análise que Bion leva a cabo a respeito da alucinação desse paciente chama a atenção devido a alguns pontos. O primeiro que destacamos se refere aos modos como ele prestou atenção e relatou sobre o olhar, o olho e a visão de seu paciente. Pensamos que um breve apanhado pode ajudar a compor o quadro de nosso interesse: “ele entra na sala lançando-me um rápido olhar” (Bion, 1958, p. 341), “ele reclinava lentamente, mirando seus olhos para o mesmo canto do chão da sala” (p. 341), “quando o paciente me dava aquelas rápidas olhadelas, ele estava tirando uma parte de mim. Esta parte era tirada pelos olhos...” (p. 342), “Você, eu disse a ele, está sentindo que seus ouvidos estão mastigando e destruindo tudo o que eu digo. Você está tão ansioso para se livrar disto que você expulsa os pedaços de uma vez pelos seus olhos” (p. 345).

⁷⁷ Cf. “O inconsciente” (Freud, 1915).

A nosso ver, o destaque dado ao olhar no relato de Bion pode ser interpretado pela teoria do casal Botella (2002), aquela que considera o superinvestimento perceptivo-sensorial como condição da alucinação psicótica. No caso da paciente de Tausk, foi a palavra que colou nos seus olhos; no caso do paciente de Bion, foram as funções fantasísticas de receber e de expelir que aderiram a seus olhos (matriz do pensamento clínico que tem forte estima pela identificação projetiva). Em ambos, tais resultados poderiam ser pensados como efeito do superinvestimento do sistema P (Cs).

A comparação se enriquece ainda mais quando nos atemos àquela situação em que as palavras de Bion se tornavam visíveis para o paciente. Supomos que houve o mesmo superinvestimento dos olhos e reconhecemos na metapsicologia da alucinação positiva daí decorrente a tomada da via psíquica progressiva, tal qual a proposta do casal Botella. Pendemos para a ideia de que o conteúdo das alucinações psicóticas, segundo esse ponto vista, não precisaria manter nenhuma relação com fantasias inconscientes, como seria esperado nas outras modalidades de alucinações que estudamos, ficando mais a mercê daquilo que na psicanálise contemporânea costuma-se denominar de ‘atual’. Entretanto, com essas últimas palavras, não queremos desconsiderar a participação de fantasias inconscientes nas alucinações psicóticas, apenas ressaltamos a possibilidade de um outro ângulo de abordagem.

Para encerrar, Bion (1958) traçou uma distinção entre a alucinação histérica e a psicótica apoiado nos conceitos de objeto total e de objeto parcial, derivados da teoria de Melanie Klein das fases depressiva e equizo-paranoide. As alucinações históricas seriam marcadas pela presença de objetos totais, ligados à fase depressiva, e as alucinações psicóticas seriam marcadas pelos objetos parciais da outra fase. Vale dizer que as implementações teóricas que a escola kleiniana desenvolveu sobre o conceito de fantasia, tal como a apropriação que Bion fez, o ampliaram para um além do representacional, pois conectaram as funções da fantasia inconsciente com o objeto interno, além de enraizarem-na na pulsão. De um modo suficientemente extensivo, essa proposta não foi considerada ao longo das articulações desta tese sobre as relações entre percepção e fantasia. Se de um lado, tivemos a oportunidade de fazer girar ideias sobre a percepção que ultrapassam o conjunto exposto na obra de Freud, quanto a fantasia, mantivemo-nos colados à sua concepção representacional. Por certo que há aqui um fecundo caminho para futuras pesquisas, especialmente, se partirmos de colocações interessantes como essas:

Klein descobriu que as fantasias constituem recursos essenciais que utilizamos para dar sentido às percepções [...] As fantasias também determinam a percepção (Segal, 2005, p. 33).

Portanto, se a fantasia é a ‘linguagem’ desses impulsos instintivos primários, pode-se supor que a fantasia participa do desenvolvimento inicial do ego em sua relação com a realidade, e apoia a comprovação da realidade, assim como o desenvolvimento do conhecimento do mundo externo (Isaacs, 1982, p. 122).

Considerações Finais

Após o percurso pela rede de associações elaborada ao longo dos quatro capítulos desta tese, vamos nos ater, nesse momento, a uma espécie de sobrevoo por alguns temas, menos para refrescar a memória ou produzir um resumo, e mais para dar a oportunidade de alguns pontos da rede receberem novas considerações. Em outras palavras, estamos interessados, nesta última seção, em animar, sem a preocupação de costurar, alguns fios evocativos que deixamos pelo caminho. Talvez seja oportuno expressar que, ao longo dessa tarefa, não almejamos cobrir todos os pontos ou brechas da rede, nem seríamos capazes de listá-los em sua completude, haja vista a posição de autor, entretanto, iremos nos aventurar por alguns temas que convocaram o nosso olhar.

Pesos e medidas

A nossa primeira intenção pretende avaliar, a partir de uma certa distância, a composição de tal rede associativa. Ocorre-nos pensar no peso que acabamos distribuindo entre os conceitos de fantasia e de percepção, sendo que ficamos com a impressão de que houve uma considerável inclinação para a percepção. Isso talvez não seja uma surpresa se atentarmos para a trilha, não a interna desta tese, mas a da carreira do autor. O interesse pela percepção conjuga desde a curiosidade infantil pelo mundo perceptivo (cores, movimentos, ilusões), passando pelo interesse acadêmico teórico que se desdobrou em pesquisas de iniciação científica (psicofísica e visão de cores) e de mestrado (fenomenologia, neurociência, percepção e motricidade), culminando no interesse atual que podemos colocar nas seguintes palavras: *uma estima pela dimensão psíquica da percepção*. A seleção do conceito de fantasia visou, diretamente, favorecer a exploração teórica dessa dimensão.

Entendemos que o conceito de fantasia não é o único que pode abrir caminhos para tal abordagem, pois viemos a compreender que poderíamos ter selecionado outros conceitos, por exemplo, o conceito de defesa de Freud ou o conceito de trabalho do negativo de Green. Dessa forma, teríamos um vasto campo produtivo a nossa frente. De um lado, isso nos leva a pensar que o nosso campo se mostra muito fértil para futuras pesquisas; de outro, em justificativa da escolha pelo conceito de fantasia, entendemos que a conquista da possibilidade de avaliar outras entradas para a abordagem da dimensão psíquica da percepção foi possível, exatamente, pela

pluralidade de figuras clínicas e metapsicológicas que os encontros entre os dois conceitos de apreço nos permitiram estudar.

Vale apontar que a pluralidade foi tal que até mesmo um assunto, aparentemente distante da fantasia, como a análise do que vimos a denominar de problemática topológica da percepção, teve sua origem, no sentido de primeiras das ideias, num questionamento sobre as fases da formação dos sonhos, um estudo que se manteve todo o tempo na tensão do encontro entre percepção e fantasia. A concepção da percepção como um sistema psíquico, as diversas alternativas sobre suas relações com a consciência, as idas e vindas entre sistema e função, as guinadas teóricas do pensamento de Freud, enfim, a reunião desse conjunto de ideias tomou corpo à medida que estudávamos a formação dos sonhos em Freud.

A abordagem da fantasia pelas trilhas se mostrou, de um lado, operativa e útil para a tarefa de circunscrição do conceito, e, de outro, mostrou-se como uma imposição exterior ao arranjo interno do conceito, de modo que foi inevitável nos depararmos com as sobreposições entre os conteúdos de cada trilha.

A relação entre fantasia e sintoma foi estabelecida logo no início da psicanálise e sua origem está registrada nas cartas de Freud para Fliess. A encenação de fantasias inconscientes tem o sintoma como uma de suas expressões. Na dinâmica da formação de um sintoma é preciso haver um conflito, sendo este entendido como uma oposição entre as tendências libidinais, por meio da encenação das fantasias inconscientes, e as tendências auto-conservativas do Eu, por meio da censura. Vimos, também, que a fantasia de desejo impedida de atingir a consciência pode voltar a sua quota de afeto para o corpo, em especial, para os órgãos sensoriais, o que nos ofereceu um campo de estudo para as relações entre percepção e fantasia.

O conceito de representação ligado a uma carga afetiva faz girar a engrenagem metapsicológica de Freud. Visto dessa maneira, não é de surpreender que os dois conceitos selecionados para o estudo estejam ligados à representação. No caso, vimos que quaisquer tipos de fantasias – sejam conscientes, pré-conscientes ou inconscientes – são formadas por representações. E vimos, também, que as representações, ou melhor, uma boa parte delas, provêm da função perceptiva. Este foi um dos caminhos que seguimos para ampliar as relações entre percepção e fantasia. Denominamos essa relação de tipo genética. Dentro da trilha *Fantasia e representação*, tivemos a oportunidade de analisar os atos falhos perceptivos, na medida em que é a representação que permite a substituição de um elo da cadeia associativa do Eu coerente por uma representação advinda do recalado (representação inconsciente).

A trilha *Fantasia e desejo* ficou melhor caracterizada na concepção de fantasia de desejo (*Wunschphantasie*). Vimos, rapidamente, como a fantasia de desejo é o motor dos sonhos formados pela via psíquica longa. Por fim, gostaríamos de destacar um trecho de Laplanche e Pontalis (1995), do verbete “Fantasia”, cujo conteúdo liga-se diretamente aos assuntos que tratamos ao longo dessa trilha:

1. Trata-se de roteiros, ainda que se enunciem numa só frase, de cenas organizadas, suscetíveis de serem dramatizadas a maior parte das vezes de forma visual; [...] 4. Na medida em que o desejo está assim articulado na fantasia, este é igualmente lugar de operações defensivas, tais como o retorno sobre a própria pessoa, a inversão em seu contrário, a negação e a projeção; 5. Essas defesas estão, por sua vez, indissolivelmente ligadas à função primeira da fantasia – a mise-en-scène do desejo –, mise-en-scène onde a interdição está sempre presente na própria posição do desejo (Laplanche & Pontalis, 1995, p. 173).

O ponto que mais nos interessou nessa trilha foi mostrar que existem algumas situações nas quais encontramos fantasias de desejo influenciando a percepção sensorial, tal como tivemos a oportunidade de ver tanto com Freud no caso da cegueira histérica, quanto com Ferenczi em suas duas vinhetas clínicas.

Sobre a percepção poderíamos elencar uma série de aberturas teóricas que ora navegamos lenta ora rapidamente. A respeito da percepção endopsíquica, da percepção inconsciente, da percepção interna e da percepção externa, ou seja, das modalidades perceptivas, realizamos um maior percurso, delineamos mais ideias e chegamos até a sugerir uma noção, a de atmosfera psíquica, para enfatizar um aspecto da percepção endopsíquica. Tais explorações ficaram ausentes do conceito de fantasia, a nosso ver, uma decorrência de nossa estratégia de manter o conceito de fantasia no domínio da obra freudiana, sendo que o mesmo não fizemos com a percepção. Podemos dizer que demos corda para a percepção enquanto seguramos a fantasia no campo de entendimento de Freud, ou seja, na sua dimensão representacional. O interesse que corre por trás dessa colocação, em sintonia com o assunto abordado no final do último capítulo, desdobra-se nas possíveis aberturas que poderiam surgir para a exploração da dimensão psíquica da percepção, se também o conceito de fantasia fosse ampliado pelas ideias de outros psicanalistas, especialmente de Melanie Klein. A impressão inicial que temos sobre essa vereda é que, ao segui-la, chegaríamos a uma relação entre percepção e fantasia de maior proximidade. O tipo de relação genética, aquele que desenvolvemos no final do capítulo 2, provavelmente, estaria em condições de maior ampliação.

Atenção e percepção

Um outro ponto que consideramos importante para a exploração da dimensão psíquica da percepção, mas sobre o qual não tivemos oportunidade de nos debruçar, diz respeito à noção de atenção. Freud abordou a atenção em alguns de seus textos⁷⁸, de modo que é possível, segundo o estudo de Porchat (2005), abstrair algumas ideias da relação entre a atenção e a percepção. A atenção aparece ora como condição para que haja consciência, ora como função que leva à consciência. No “Projeto...” (1895), Freud tratou a atenção como um investimento deslocável ligado ao sistema φ . Em 1917, foi o investimento do sistema perceptivo que apareceu ligado à função da atenção. Já em 1925, aprofundando as ideias anteriores, e considerando a estrutura da segunda tópica, Freud desenvolveu a ideia de o investimento proceder do Id e não ser constante, mas periódico, no sentido de investir e desinvestir o sistema P (Cs), produzindo a seguinte dinâmica:

O sistema Pcpt-Cs recebe constantemente cargas psíquicas, de dentro, que o inervam, mas também é sujeito à retirada das mesmas. Quando investido de energia, esse aparato recebe as percepções, tem consciência delas e transmite os estímulos ao sistema de memória. Quando está sem energia, a consciência se extingue e o sistema não funciona (Porchat, 2005, p. 97).

Ainda sobre a atenção, gostaríamos de destacar mais dois pontos. O primeiro diz respeito ao aspecto da relação entre atenção e percepção que permite a consideração de uma percepção ativa, em oposição à ideia de uma percepção passiva. Isso está claro no texto “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, onde encontramos a seguinte passagem: “[a atenção] *vai ao encontro das impressões dos sentidos, em vez de aguardar seu aparecimento*” (Freud, 1911/2010, p. 113, grifo nosso).

Percepção pré-consciente

O segundo ponto, a nosso ver, é interessante para produzir um tensionamento em nossa abordagem da percepção inconsciente. Vamos percorrer alguns argumentos junto com Porchat (2005), antes de chegar ao ponto de interesse. Ela aponta que no texto do “Projeto...” (1895) é possível encontrar uma situação em que a percepção e a atenção estariam desconectadas, na verdade em duas situações: na hipnose e no sonho. Isso implica que o processo perceptivo pode ocorrer sem o investimento da atenção, logo, aquém da consciência. Daí, seria possível falar

⁷⁸ Cf. “Projeto...” (Freud, 1895), “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico” (1911), “Complemento...” (1917), “Nota sobre o bloco mágico” (1925) e “A negação” (1925).

em uma percepção sem consciência ou em “um curso perceptivo sem atenção” (Porchat, 2005, p. 99).

Outro conjunto de argumentos se baseia na localização da fonte da atenção em relação às instâncias do aparelho psíquico. As referências em Freud permitiriam a sua localização no Eu, no Inconsciente, no Pré-consciente e no Consciente. Porchat (2005) lembra de uma nota de Strachey sobre uma passagem do texto “O inconsciente” (1915), na qual é possível apontar o Pré-consciente como fonte da atenção. Vejamos: “[...] sabemos que o ato de se tornar consciente depende de que a atenção do Pcs esteja voltada para certas direções” (Freud, 1915c/2006, p. 197). Strachey buscou sustentar essa posição a partir do livro dos sonhos, no qual encontrou passagens interessantes que parecem mesmo apoiá-lo. As considerações que seguem tomam essa relação como hipótese, ou seja, partem da ideia de que a atenção se liga a investimentos do Pré-consciente. Seguindo por esse caminho, abre-se uma possibilidade de pensarmos numa percepção pré-consciente.

No primeiro capítulo, numa nota de rodapé⁷⁹, especificamente numa citação de Torok (1995), apresentamos a ideia de uma percepção pré-consciente. Com isso em vista, a pergunta que nos ocorre é a seguinte: se é possível a concepção de uma percepção pré-consciente ao lado de suposições que levam à ideia de percepções inconscientes, logo, como poderíamos diferenciá-las, seja no campo fenomênico, seja no metapsicológico? Não teremos a oportunidade de nos aprofundar nessa direção, talvez em pesquisas futuras, entretanto, temos um pouco mais a dizer sobre a ideia de uma percepção pré-consciente.

No quarto capítulo⁸⁰, tivemos a oportunidade de citar a definição de alucinação negativa de Brakel (1989). Nesse mesmo artigo, a autora trabalha com a ideia de percepção pré-consciente na sua tentativa de abarcar o fenômeno da alucinação negativa. De modo sucinto, a sua concepção de alucinação negativa parte da ideia de que alguns elementos perceptivos de uma cena, mesmo ocorrendo com tempo suficiente para serem percebidos conscientemente, assim não são notados. Ela trabalha com a ideia de que a percepção que é negada a se tornar consciente é registrada no aparelho psíquico e deve ser considerada uma percepção pré-consciente. O seu estudo é interessante, pois está apoiado em análises de casos clínicos, nos quais ela reconhece as ocorrências de alucinações negativas por parte dos pacientes. O ponto central de seu argumento é que essas percepções pré-conscientes funcionam como uma espécie de resto diurno, ou seja, elas participam da formação de sonhos que se seguem às ocorrências,

⁷⁹ Cf. pg. 35.

⁸⁰ Cf. pg. 96.

sendo que nos relatos dos sonhos foi possível identificá-las, algumas vezes de modo distorcido e em outras de modo bem direto, como neste exemplo: Brakel (1989) relata uma vinheta clínica em que uma paciente chegou para o seu atendimento e na sala de espera viu seu analista conversando com uma mulher da idade dela. Durante a sessão, a paciente fez uma série de acusações contra o analista, sendo que a acusação mais curiosa foi sobre a sua percepção de que a barriga do analista estava maior, num sentido pejorativo. Na sessão seguinte, a paciente relatou um sonho que teve na noite da sessão anterior. Nesse sonho, uma amiga próxima estava grávida de sete meses. Nas suas associações sobre o sonho, que foram poucas, ela lembrou que a amiga realmente estava tentando engravidar; e, sobre o resíduo do dia anterior, ela pode dizer que achava que tinha algo relacionado com aquele encontro na sala de espera. O analista perguntou à paciente se ela notou que a mulher com a qual ele conversava, na sala de espera, estava grávida, pois ele viu como ela olhava, diretamente, para a barriga da mulher. A paciente inicialmente ficou incrédula do fato, depois acreditou no analista e, por fim, utilizou seu sonho como confirmação, pois ela mesma não conseguiu evocar, na cena da conversa, a barriga da mulher grávida de sete meses. O que teria sido, na ausência da alucinação negativa, a percepção consciente da barriga, foi considerado pela autora uma percepção pré-consciente.

O retorno da alucinação negativa

Dessa discussão, há um ponto que gostaríamos de destacar. Deixemos de lado as ideias que giram ao redor da percepção pré-consciente e nos voltemos para a proposição do retorno da alucinação negativa. Os elementos perceptivos de uma cena que não são notados conscientemente deixariam uma marca no aparelho psíquico que, por sua vez, parece conter uma espécie de insistência para ser associada com as demais representações do Eu. Destacamos esse aspecto, pois não é a primeira vez que nos deparamos com tal ideia de retorno da alucinação negativa.

O caso clínico do “Homem dos lobos” contém algo dessa espécie, que inclusive mereceu destaque por parte de Green (2010b). Relembremos da cena em que o garoto alucinou um corte no dedo, mas sem sangue⁸¹. A ausência de sangue foi considerada uma alucinação negativa. Acontece que, após o relato em sessão de análise desse episódio, o paciente buscou corrigi-lo por meio de um segundo relato, ou melhor, de uma retificação. Na segunda versão, o corte foi feito na árvore e, dessa vez, saiu sangue. Essa articulação fica melhor embasada quando

⁸¹ Cf. pg. 97.

lembramos da análise levada a cabo por Musella (2008) sobre esse ponto do caso do “Homem dos lobos”. Ele buscou relacionar os dois episódios alucinatórios – dedo cortado sem sangue e corte na árvore com sangue – com o famoso sonho dos seis ou sete lobos na grande nogueira. O autor colocou as coisas da seguinte maneira:

Não há nada que nos impeça de pensar que existe uma atemporalidade contemporânea entre os três eventos. No relato do sonho, o paciente diz, entre outras coisas: ‘eu tinha três ou quatro, no máximo, cinco anos’. Os três episódios alucinatórios parecem intimamente ligados e podem ser tratados como sonhos de uma mesma noite, onde, por condensação e deslocamento, o material se move de uma representação alucinatória para outra (Musella, 2008, p. 182).

Fenomenologia da alucinação

Seguindo com nossa tarefa final, outro fio associativo que gostaríamos de abordar diz respeito ao campo fenomenológico da alucinação. No quarto capítulo desta tese, tivemos a oportunidade de trabalhar com três modalidades da alucinação positiva, denominadas ‘normal’, ‘neurótica’ e ‘psicótica’. Essa divisão teve por sustentação a dimensão metapsicológica. O que queremos dizer é que olhamos para o fenômeno da alucinação positiva por meio de uma teoria psicanalítica. Naturalmente, este não é o único ponto de vista do qual se pode abordar o fenômeno. Temos em mente um pequeno percurso que nos ajudará a esclarecer o ponto de interesse aqui.

Vale dizer que nos apoiamos numa discussão conduzida por Pompeia (2004) a respeito da caracterização da doença psíquica, em especial, da psicose. O ponto de partida do autor reúne um conjunto de ideias que interessa à nossa argumentação. A primeira delas já indica o elo de ligação com a nossa tese:

Vejamos o que marca a distinção entre o paciente psiquiátrico assediado por *vozes*, tendo *visões*, e as vivências religiosas de determinadas pessoas, por exemplo, os babalorixás, pais-de-santo, que, nos rituais afro-brasileiros como candomblé e umbanda, ouvem vozes e se comunicam com seus orixás; o médium que ouve as vozes dos espíritos; o católico que conversa com Nossa Senhora (Pompeia, 2004, p. 198-199, grifo nosso).

Pompeia (2004) prossegue na elaboração de uma resposta sobre o que diferenciaria uma alucinação psicótica de uma experiência religiosa por meio da seguinte tática: ele elegeu alguns elementos que poderiam responder pela diferença, tais como o contexto, a crença ou a proposição de o doente estar fora da realidade, elaborando argumentos que mostram como cada um deles não se encaixa no papel diferenciador. O contexto não serve, pois se “um psicótico estivesse em uma tenda de umbanda, ainda assim, ele seria psicótico; um pai-de-santo poderia

se tornar psicótico e passar a ter alucinações auditivas, ali mesmo naquele contexto” (p. 199). Quanto à crença, vale a pergunta que ele elabora: “Se o psicótico que ouve vozes passasse a ter essa crença, ele deixaria de ser psicótico? Não, ele pode ter a crença e continuar psicótico” (p. 199). Sobre o último elemento, a hipótese de que o paciente esteja fora da realidade, Pompeia a entende como fraca, pois como podemos saber se alguém está fora da realidade? Nós poderíamos adicionar um grau de complexidade à pergunta, lembrando que em psicanálise o termo realidade sozinho diz muito pouco para nós, pois nossas considerações partem da suposição de realidades. A título de exemplo citamos a realidade externa, a realidade psíquica e a realidade clínica (Coelho Junior, 1995).

O argumento de Pompeia (2004) sobre o que caracteriza a psicose chega às noções de estereotipia, redução da liberdade e estreitamento da experiência, aspectos esses que não estão presentes naqueles que têm uma experiência religiosa. Até aqui, apresentamos de modo breve as ideias que o autor elaborou em seu texto. O ponto que queremos destacar diz respeito às mudanças psíquicas que ele se refere no texto, tal como neste exemplo: “Se um pai-de-santo, que sempre viu e ouviu vozes dos espíritos, tiver um surto psicótico, as vozes que ele ouvir quando estiver no terreiro passarão a ter uma configuração nebulosa, não constituirão mais uma experiência religiosa” (Pompeia, 2004, p. 201). Vamos às perguntas que nos interessam: poderíamos dizer que o pai-de-santo vive a sua experiência religiosa pelas vias psíquicas curta e longa e, ao ter um surto psicótico, ocorreria um superinvestimento sensorial, tal como descrito no capítulo 4 desta tese⁸², de modo que ele passaria a ter alucinações do tipo psicótico? Como poderíamos traçar uma relação entre a esquematização metapsicológica delineada naquele capítulo com o olhar fenomenológico proposto por Pompeia? Haveria alguma relação entre a alucinação normal e a experiência religiosa?

Outro ponto que nos interessa, ainda dentro dessa temática, diz respeito às experiências alucinatórias induzidas por meio do uso de substâncias psicoativas – lembramos do livro de Aldous Huxley, “As portas da percepção”, e de uma passagem da qual poderíamos tomar como ponto de partida para futuros estudos: “O outro mundo ao qual a mescalina me conduzira não era o mundo das visões; ele existia naquilo que eu podia ver com meus olhos abertos. A grande transformação se dava no reino dos fatos objetivos” (1973, p. 6). Entendemos que poderíamos reproduzir as perguntas do parágrafo acima com pequenas alterações, sem mudar o sentido central do questionamento: a experiência alucinógena de um indivíduo sob o efeito de um princípio ativo, por exemplo o da mescalina, se daria pelas vias psíquicas e/ou pelo

⁸² Cf. pg. 104.

superinvestimento sensorial? Propomos deixar as perguntas sobre a experiência religiosa e sobre os efeitos alucinógenos de psicotrópicos em aberto para futuras explorações.

Tipos de relação entre percepção e fantasia

Vamos nos voltar, neste momento final, para uma síntese de algumas ideias tecidas ao longo desta tese, especialmente ligadas às relações entre percepção e fantasia. Ao longo desse percurso, debruçamo-nos por tipos de relação entre percepção e fantasia, sendo que agora buscaremos denominar algumas delas. Anteriormente, nomeamos dois tipos de relação entre percepção e fantasia, a saber, uma relação de tipo genético⁸³ e uma relação de tipo configuracional⁸⁴. Gostaríamos de destacar outros dois tipos de relação entre os conceitos e adicionar algumas palavras sobre a relação configuracional.

Para ampliar nosso entendimento da relação de tipo configuracional, voltemo-nos para um dos expedientes da formação dos sonhos, a elaboração secundária. Sucintamente, essa função visa dar compreensibilidade e ordem ao material onírico perceptivo⁸⁵. Quando Freud elencou as fases da formação dos sonhos – seja no livro dos sonhos ou no artigo “Complemento...” –, a última fase foi descrita como a elaboração secundária. Destacamos esta função, pois a sua aplicação se dá sobre qualquer material perceptivo, o que implica que ela permanece ativa durante a vigília e o sono. Sobre isso, Freud assinalou: “O processo onírico se completa quando o conteúdo de pensamento, transformado regressivamente, remodelado numa fantasia-desejo, torna-se consciente como percepção sensorial, e nisso experimenta a elaboração secundária a que está sujeito todo conteúdo perceptivo” (Freud, 1917/2010, p. 161). O modo como a elaboração secundária trabalha, o seu *modus operandi*, contempla o uso de

⁸³ Cf. pg. 65.

⁸⁴ Cf. pg. 78.

⁸⁵ A título de exemplo, lembramos que o casal Botella (2002) considera a adequação do material ao Pré-consciente através das condições restritivas do tempo e espaço. Oferecemos duas passagens deles sobre esse ponto: “A fronteira entre inconsciente e pré-consciente não é apenas definida pela existência da censura criada pelo recalamento, ela é também linha de demarcação entre duas naturezas contraditórias que torna toda tentativa de passagem entre elas obrigatoriamente incompleta, deformadora e igualmente transformadora. Existe uma incompatibilidade radical entre a qualidade dita atemporal do Ics e toda perspectiva de entrada em uma formação qualquer organizada com base em função de uma temporo-espacialidade, tais como os sistemas P (Cs) e Pcs-Cs. Só podemos inferi-lo a partir de seus ‘rebentos’, o ‘sangue mestiço’, produtos certamente criados pelo processo primário, fenômeno do Ics, mas não pelo próprio Ics” (Botella & Botella, 2002, p. 86). Mais à frente, o casal também escreve: “O certo é que nosso pensamento pré-consciente, formado por meio das referências temporo-espaciais, revela-se absolutamente incapaz de deixá-las; ele pode ter uma intuição de seus próprios limites, mas não pode mudar nada” (p. 86).

tramas de fantasias, por exemplo, na construção da fachada para um sonho⁸⁶. Trata-se de uma função que se relaciona, simultaneamente, com a fantasia inconsciente e com a percepção; por isso ela foi alvo de nosso interesse.

O terceiro tipo de relação foi abstraído do estudo de Freud sobre os atos falhos, em especial, os atos falhos perceptivos, tais como os lapsos de leitura ou de audição. Freud (1916/2006), no texto “Parapraxias (conclusão)”, ofereceu-nos uma indicação dentro desta perspectiva quando, durante a análise de um lapso de leitura, disse que “imagens residuais de pensamentos (anteriores) perturbam novas percepções” (p. 77). Se tais resíduos de pensamentos infantis podem ser relacionados à fantasia, propomos reler a frase citada da seguinte maneira: as fantasias perturbam novas percepções. Tomando como objeto essa influência da fantasia sobre a percepção, sugerimos denominá-la de relação de tipo de interferência. Entendemos que esse tipo de relação pode estar em jogo na alucinação negativa e em algumas modalidades da alucinação positiva, como também na formação de sintomas. Na medida em que as alucinações positivas e negativas podem ser compreendidas como certos modos do Eu em lidar com a realidade – seja pelo *a-mais* (produção da neorrealidade), seja pelo *a-menos* (interrupção de relações com a realidade) –, e considerando que a relação de interferência entre percepção e fantasia subjaz no desenrolar desses fenômenos, ganha em importância o interesse em estudar com mais profundidade as dinâmicas metapsicológicas em jogo.

O quarto tipo de relação que vamos expor se inspira no fenômeno do fetiche. Tal como apontou Freud (1927) em “O fetichismo”, o desenrolar desse fenômeno inclui a percepção. Podemos dizer que se trata de uma percepção cujo processo é interrompido no meio do caminho; talvez essa não seja a melhor maneira de colocar a complexidade do fenômeno quanto ao seu aspecto perceptivo, pois provavelmente ele ficaria melhor descrito se dissermos que se trata de uma dupla percepção, no sentido que a percepção sensorial deixa sua marca no aparelho psíquico, no caso, a falta de pênis na mulher, entretanto, pode-se dizer que, em defasagem dessa percepção sensorial, há uma percepção endopsíquica, cujo conteúdo pode ser diferente daquele, “algo irrepresentável e aterrorizante vindo de sua sexualidade infantil cujo resultado antitraumático é a crença de que a mulher tem pênis” (Botella & Botella, 2002, p. 181). Outro ponto importante que precisamos frisar está na relação do fetichismo com o complexo de castração, pois decorre dela a condição de que o percebido – o que é desautorizado – não pode

⁸⁶ Cf. “Há um caso em que o trabalho de construir uma fachada para o sonho, por assim dizer, lhe é poupado em grande parte pelo fato de tal estrutura já ser encontrada pronta no material dos pensamentos oníricos, onde se espera por utilização. Costumo chamar de *fantasia* o elemento dos pensamentos oníricos que tenho em vista” (Freud, 1900/2013, p. 517).

ser qualquer coisa da realidade externa, afinal, deve manter alguma relação com o complexo. Este, por sua vez, cria suas tramas no psiquismo por meio de fantasias, de modo que podemos entender o fenômeno como uma resposta a um conflito gerado entre fantasias e uma percepção; quanto ao tipo desta relação, sugerimos denominá-la de *relação de tipo defensiva*.

Panorama e despedida

Encaminhando-nos para o final desta tese, buscamos algumas palavras para compor uma síntese panorâmica: demos destaque para a proposição de que as interpenetrações entre percepção e fantasia podem ser entendidas como relações dinâmicas e constitutivas ou, em outras palavras, como relações necessárias ao funcionamento do aparelho psíquico. Trabalhamos com a ideia de que o acesso à realidade externa dado pela função perceptiva é indireto, sendo a própria fantasia uma das atividades psíquicas que contribui para tal resultado. Assim, em um movimento figurativo para as interpenetrações, oferecemos esta articulação: *a partir das percepções de realidades criamos as fantasias, e com elas recriamos as realidades e, algumas vezes, criamos as próprias percepções, como no fenômeno da alucinação ou no ato de sonhar*.

Enfim, depois de termos dado tantos passos em muitas trilhas cheias de bifurcações, de intercruzamentos e de desvios, chegamos ao fim de nosso percurso. Foi um trajeto que seguimos juntos, seja pelo desenrolar da leitura, seja pela aceitação do convite que fizemos para, lado a lado, nos embrenharmos pelas trilhas; e, como é de costume ao final de uma jornada, os viajantes se despedem. Assim, nesse movimento de despedida, ocorre-nos agradecer àqueles que se dispuseram a seguir, ou melhor, a reconstruir nossos pensamentos anotados, linha a linha, nesta tese. Ao escrever essas últimas palavras, lembramo-nos de algumas ideias de Ogden (1996) sobre este precioso encontro do(a) leitor(a) com um texto:

Ler não é uma simples questão de examinar, ponderar ou até pôr à prova as ideias e experiências apresentadas pelo escritor. Ler implica uma forma de encontro muito mais íntima. Você, o leitor, precisa permitir que eu o ocupe – seus pensamentos, sua mente, já que não tenho outra voz para falar a não ser a sua. Se você pretende ler este livro, dar-se o direito de pensar meus pensamentos, enquanto que eu preciso permitir tornar-me seus pensamentos, assim nenhum de nós será capaz de reivindicar o pensamento como sua criação exclusiva (p. 1).

Levando em consideração o encontro intersubjetivo inerente à leitura, entendemos que nossa despedida se torna mais significativa, pois de certo modo, se alcançamos certo êxito em permitir nos tornarmos seus pensamentos, diríamos que nos entrelaçamos em experiências de

pensamento. Logo, agradecemos àqueles que conosco puderam viver experiências significativas; e num movimento de desocupação, agradecemos àqueles que, depois de viagem encerrada, dadas as associações, as questões, as inquietações e as compreensões produzidas, ainda se dispõem a nos contar um pouco delas.

Referências

- Abraham, N., & Torok, M. (1995). Luto ou Melancolia. In N. Abraham & M.A. Torok. *A Casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta.
- Bandeira, M. L. (no prelo). Unconscious perception and reverie: an intersubjective connection. *The American Journal of Psychoanalysis*.
- Bandeira, M. L. (2015). Um movimento intersubjetivo na elaboração da experiência traumática. In XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise. São Paulo: Federação Brasileira de Psicanálise.
- Bion, W.R. (1959a). *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- Bion, W.R. (1959b). Attacks on linking. *International Journal of Psychoanalysis*, 40, 308-315.
- Bollas, C. (1995). *Cracking up: the work of unconscious experience*. New York: Hill and Wang.
- Bollas, C. (2005). *Conceitos da psicanálise: associação livre*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto.
- Bollas, C. (2013). *La pregunta infinita*. Buenos Aires: Paidós.
- Botella, C. (2007). Introdução geral. *Reverie: Revista de Psicanálise*, 1(1), 57-60.
- Botella, C. (2007). Rêverie-reverie e o trabalho de figurabilidade. *Reverie: Revista de Psicanálise*, Fortaleza, 1(1), 77-83.
- Botella, C., & Botella, S. (2002). *Irrepresentável: mais além da representação*. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul/ Criação Humana.
- Botella, C., & Botella, S. (2003). *La figurabilidad psíquica*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Botella, C., & Bottela, S. (1995). Du perceptif aux causalités psychiques. *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, 2.
- Brakel, L. A. (1989). Understanding Negative Hallucination: Toward a Developmental Classification of Disturbances in Reality Awareness". *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 37, 437- 463.
- Breuer, J. (2016). Considerações teóricas. In S. Freud, *Obras completas* (L. Barreto, trad., Vol. 2). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1895)
- Coelho Junior, N. E. (1995). *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo: Escuta.
- Coelho Junior, N. E. (1999a). Usos da percepção na psicanálise contemporânea. *Percursos*, 23(2), 97-106.
- Coelho Junior, N. E. (1999b). Inconsciente e percepção na psicanálise freudiana. *Psicologia USP*, 10(1), 25-54.
- Coelho Junior, N. E. (2004). Ferenczi e a experiência da Einfühlung. *Ágora*, 7(1), p. 73-85.
- Coelho Junior, N. E., & Figueiredo, L. C. (2003). Patterns of intersubjectivity in the constitution of subjectivity. Dimensions of otherness. *Culture and Psychology*, 9(3), 193-208.
- Ferenczi, S. (2011). Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência. In Sándor Ferenczi. *Obras completas, v. I*. (pp. 125-138). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1911).

Ferenczi, S. (2011). Sintomas transitórios no decorrer de uma psicanálise. In *Sándor Ferenczi. Obras completas*, v. I. (pp. 213-224). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912).

Ferenczi, S. (2011). Anomalias psicogênicas da fonação. In *Sándor Ferenczi. Obras completas*, v. II. (pp. 199-203). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1915).

Ferenczi, S. (1990) *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987/redigido em 1932).

Figueiredo, L. C. M. (2003). Verleugnung: A desautorização do processo perceptivo. In Figueiredo, L. C. M. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. (pp. 55-75). São Paulo: Escuta.

Freud, S. (2003) Projeto de uma psicologia. In O. F. Gabbi Junior, *Notas a um Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise* (O. F. Gabbi Junior, trad., pp. 172-260). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950/redigido em 1895)

Freud, S. (2004). O Recalque. In *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (L. A. Hanns, trad., Vol. I, pp. 177-186). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915a)

Freud, S. (2004). Pulsões e destinos da pulsão. In *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (L. A. Hanns, trad., Vol. I, pp. 145-162). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915b)

Freud, S. (2006). Histeria. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 77-96). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1888)

Freud, S. (2006). Tratamento psíquico (ou anímico). In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 271-288). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1890)

Freud, S. (2006). Prefácio e notas de rodapé à tradução das Conferências das terças-feiras, de Charcot. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 175-185). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1892-94)

Freud, S. (2006). As neuropsicoses de defesa. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 3, pp. 53-72). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894)

Freud, S. (2006). Estudos sobre a histeria. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

Freud, S. (2006). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 3, pp. 163-183). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)

Freud, S. (2006). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 221-331). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950/redigidos em 1892-1899)

Freud, S. (2006). Lembranças encobridoras. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 3, pp. 287-304). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899)

- Freud, S. (2006). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 6). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (2006). Fragmento da análise de um caso de histeria. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 19-116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 128-229). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2006). Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 258-265). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1906)
- Freud, S. (2006). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 19-88). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (2006). Escritores criativos e devaneio. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 135-143). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2006). Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 149-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2006). Algumas observações gerais sobre ataques histéricos. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 209-213). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2006). Romances familiares. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 219-222). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2006). O inconsciente. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 171-209). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915c)
- Freud, S. (2006). Conferências introdutórias sobre psicanálise (Partes I e II). In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 15). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 108-12). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em Autobiografia ('O caso Schreber'). In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 11-107). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010) Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 147-162). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912a)

- Freud, S. (2010). Tipos de adoecimento neurótico. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 229-239). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912b)
- Freud, S. (2010). O inconsciente. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 99-150). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915c)
- Freud, S. (2010). Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 119-137). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 18, pp. 124-354). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2010). Um distúrbio de memória na Acrópole (Carta a Romain Rolland). In: *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 18, pp. 436-449). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 13-74). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011). A perda da realidade na neurose e na psicose. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 214-221). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2011). A negação. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 275-282). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925a)
- Freud, S. (2011). Nota sobre o “Bloco Mágico”. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 267-274). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925b)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-13)
- Freud, S. (2013). Sobre a concepção das afasias. In *Obras incompletas de Sigmund Freud* (E. B. Rossi, trad., pp. 15-133). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1891)
- Freud, S. (2013). *A interpretação dos sonhos* (R. Zwick, trad.). Porto Alegre: L&PM Editores. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O Homem dos ratos”). In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 9, pp. 13-112). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2013). Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 9, pp. 313-323). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 13). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916-17)
- Freud, S. (2014). O fetichismo. In *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 17, pp. 302-310). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)

- Freud, S. (2014). *Compêndio de psicanálise* (R. Zwick, trad.). Porto Alegre: L&PM Editores. (Trabalho original publicado em 1940)
- Garma, A. (1969). Present Thoughts on Freud's Theory of Dream Hallucination. *International Journal of Psychoanalysis*, 50, 485-494.
- Green, A. (2010a). Do 'Projeto' à 'Interpretação dos sonhos': ruptura e fechamento. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, 44(1), 111-134.
- Green, A. (2010b). O trabalho do negativo e o alucinatório (a alucinação negativa). In A. Green. *O trabalho do negativo* (pp. 177-232). Porto Alegre: Artmed.
- Hanns, L. A. (1999). *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hume, D. (1996). *Investigação a Cerca do Entendimento Humano*. São Paulo: Editora Nova Cultural. (Trabalho original publicado em 1748)
- Isaacs, S. (1982) A natureza e a função da fantasia. In M. Klein et al. *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- Lacan, J. (1985) *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na Técnica da psicanálise (1954/1955)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1990). *Fantasia Originária, Fantasia das Origens, Origens da Fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1995). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lewin, B. (1946). Sleep, the mouth and the dream screen. *Psychoanalytic Quarterly*, 15, 419-434.
- Klein, M. (2006) Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In *Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946)
- Moreno, M. M. A. (2009). Trauma: o avesso da memória. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Musella, R. (2008). Dream, Transference, Hallucination. *The Italian Psychoanalytic Annual*, 2, 171-184.
- Nicolaïdis, N. (1989). *A representação: ensaio psicanalítico*. São Paulo: Escuta.
- Ogden, T. (1991). *Projective identification & psychotherapeutic technique*. London: Jason Aronson Inc.
- Ogden, T. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ogden, T. (2007). Rêverie e interpretação. *Reverie: Revista de Psicanálise*, 1(1), 61-64.
- Ogden, T. (2013). *Reverie e interpretação: captando algo humano*. São Paulo: Escuta.
- Parsons, M. (2007). Sobre a reverie. *Reverie: Revista de Psicanálise*, 1(1), 73-76.
- Pontalis, J. B. (1991). *A força da atração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pontalis, J. B. (2005). *Entre o sonho e a dor*. São Paulo: Idéias & Letras.
- Porchat, P. (2005). *Freud e o teste de realidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Reik, T. (1948). *Listening with the third ear*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Revue Française De Psychanalyse (1995). *Percevoir*, 59 (2), Paris: P.U.F.

Segal, J. (2005). *Conceitos da psicanálise: fantasia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto.

Simanke, R. T. (2007). Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em "Sobre a concepção das afasias" (1891). *Discurso, Revista do Departamento de Filosofia da USP*, 36, 55-94.

Torres, J. M. A. (2010). O teste de Rorschach na história da avaliação psicológica. *Revista do Nuffen*, 2(1), 92-104.